



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

MARIA REGILÂNIA DE OLIVEIRA GONÇALVES VARELA

**CLÁSSICOS EM QUADRINHOS COMO SUPORTE PARA O
LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA SEQUÊNCIA
DIDÁTICA COM *DOM QUIXOTE* EM HQ**

Cajazeiras-PB
2021

MARIA REGILÂNIA DE OLIVEIRA GONÇALVES VARELA

**CLÁSSICOS EM QUADRINHOS COMO SUPORTE PARA O
LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA SEQUÊNCIA
DIDÁTICA COM *DOM QUIXOTE* EM HQ**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras - Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção de título de Mestre, área de concentração Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof.^a Dra. Daise Lilian Fonseca Dias

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Cajazeiras-PB

2021

V293c Varela, Maria Regilânia de Oliveira Gonçalves.
Clássicos em quadrinhos como suporte para o letramento literário no ensino fundamental: uma sequência didática com Dom Quixote em HQ / Maria Regilânia de Oliveira Gonçalves Varela. - Cajazeiras, 2021.
101f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)
UFCG/CFP, 2021.

1. Letramento literário. 2. Quadrinhos. 3. Literatura. 4. Clássicos. 5. Escola. 6. Textos literários. 7. Leitura. 8. HQ. I. Fonseca, Daise Lilian. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 028

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

MARIA REGILÂNIA DE OLIVEIRA GONÇALVES VARELA

**CLÁSSICOS EM QUADRINHOS COMO SUPORTE PARA O
LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA SEQUÊNCIA
DIDÁTICA COM *DOM QUIXOTE* EM HQ**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras - Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção de título de Mestre, área de concentração Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof.^a Dra. Daise Lilian Fonseca
Dias

Aprovada em: 08/04/2021

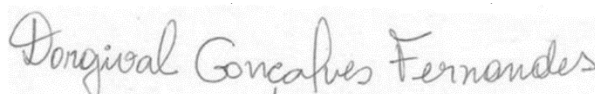
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Daise Lilian Fonseca Dias
(UFCG – Orientadora)



Prof.^a Dra. Hérica Paiva Pereira
(UFERSA – Examinador 1)



Prof. Dr. Dorgival Fernandes
(UFCG – Examinador 2)

Prof. Dr. Francisco Francimar de Sousa Alves
(UFCG – Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todo conhecimento a mim concedido para chegar ao fim de mais um propósito.

À minha orientadora, Dra. Daise Lilian Fonseca Dias, por ter dedicado parte de seu tempo e muita paciência, ao me indicar quais caminhos deveria percorrer para o êxito e conclusão deste trabalho.

Ao meu esposo Cícero Varela, ao meu filho Varela Filho e à minha filha Íris Regina, pelo apoio incondicional, pela compreensão de tantos momentos de ausência para dedicação de meus estudos e formação pedagógica.

A cada um dos professores do Profletras que dividiu um pouco dos seus conhecimentos, dando suporte para o nosso aperfeiçoamento profissional, especialmente, à professora Dra. Hérica Paiva Pereira pelas valorosas contribuições.

Aos colegas de Mestrado da Turma VI do Profletras, UFCG – Campus de Cajazeiras – PB, pela troca de experiências, por todos os momentos confraternizados, pela alegria de termos convivido, semanalmente, como uma grande família de estudantes e educadores.

Ao Profletras, por ser um programa que fomenta a pesquisa de professores atuantes no Ensino Fundamental, o que proporcionou o aprimoramento do meu fazer pedagógico e muito conhecimento para minha realização profissional.

“Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros com nossos mestres da língua portuguesa terão boas probabilidades de vir a acontecer quase naturalmente depois, no final da adolescência” (MACHADO, 2002, p. 13).

“A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir [...]” (TODOROV, 2020, p. 76)

RESUMO

A forma de se trabalhar textos literários em sala de aula, muitas vezes gera um desinteresse por parte de alunos quanto à leitura das obras propostas pela escola. Nesse sentido, é notória a necessidade de mudança para que o trabalho pedagógico de professores de língua portuguesa seja exitoso. Assim, com o intuito de auxiliar docentes da área com atividades didáticas que propiciem leituras lúdicas e prazerosas aos seus alunos, o objetivo central deste trabalho é construir uma sequência básica, seguindo o modelo idealizado por Cosson (2019). Para tanto, estratégias pedagógicas foram elaboradas a partir da utilização do clássico *Dom Quixote* em quadrinhos, do quadrinista Bira Dantas (2008); as etapas dessa sequência didática foram desenvolvidas em correlação com outras adaptações do clássico de Miguel de Cervantes. É importante ressaltar que a constatação das HQs como um mecanismo didático de leitura é feita com base em estudiosos como Rama e Vergueiro (2018); Ramos, Vergueiro & Figueira (2014) e programas educacionais do governo federal, tais como, o PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola), contribuíram para que os quadrinhos fizessem parte do acervo das bibliotecas das escolas públicas, favorecendo possibilidades de leitura para os alunos do Ensino Fundamental. Com relação ao letramento literário, tema central deste trabalho, é discutido com base nos postulados de autores como Cosson (2019) e Soares (2006), dentre outros, os quais mostram que ele é possível de ser levado a efeito por meio de HQs, principalmente, porque hoje há inúmeras obras literárias clássicas adaptadas para os quadrinhos. Assim, a sequência didática aqui proposta foi elaborada para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, com sugestões de atividades para produção de gêneros literários e multimodais, possibilitando o uso de ferramentas digitais com vistas à promoção do letramento literário.

Palavras-chave: Letramento literário; Quadrinhos; Clássicos; Literatura; Escola.

ABSTRACT

The way to approaches literary texts in the classroom often develop in the students a lack of interest for reading of the texts proposed by the school. In view of this, there is a clear need for a change so that the pedagogical work of Portuguese teachers is successful. Thus, in order to help teachers of this field to teach activities that provide playful and enjoyable readings to their students, the main objective of this dissertation is to build a kind of set of activities called “basic sequence”, following the model provided by Cosson (2019). For this, pedagogical strategies were developed based on the use of the classic novel *Don Quixote* in the comics format, by Bira Dantas (2008); the steps of this didactic sequence were developed in corelation with other adaptations of Miguel de Cervantes’ work. It is important to note that the importance of comics as a didactic mechanism of reading it is discussed based on scholars such as Rama and Vergueiro (2018); Ramos, Vergueiro & Figueira (2014) and federal educacional programs, such as PNBE (National Program Libraries at School), contributed for many comics to be part of the collection of public school libraries, thus, favoring reading possibilities for elementary school students. Concerning literary literacy, which is a central theme of this work, it is discussed through what is postulated by authors such as Cosson (2019), Soares (2006), since they show literary literacy is possible to be achieved through comics, mainly because there are many classic literary works that have been adapted for this format. Thus, the didactic sequence proposed in this dissertation was developed for 9th grade elementary school students, with suggestions of activities for the production of literary and multimodal genres, aiming at enabling the students to use digital tools and to achieve literary literacy.

Key-words: Literary literacy; Comics; Classics; Literature; School.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: BALÕES DE DIÁLOGO	55
FIGURA 2: PLAQUINHAS DE ONOMATOPEIAS.....	56
FIGURA 3: DISLALIA DO CEBOLINHA.....	56
FIGURA 4: O ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA	58
FIGURA 5: O ENGENHOSO CAVALEIRO D. QUIXOTE DE LA MANCHA.....	59
FIGURA 6: DOM QUIXOTE EM HQ	60
FIGURA 7: DOM QUIXOTE EM HQ	60
FIGURA 8: <i>D. QUIXOTE EM HQ</i> (2008, P. 05).....	68
FIGURA 9: A BATALHA DOS MOINHOS (2008, P. 23).....	69
FIGURA 10: FINAL DA HQ (2008, P. 84).....	70
FIGURA 11: ANINHA LENDO DOM QUIXOTE.....	72
FIGURA 12: DOM QUIXOTE E O MONSTRO (A MÁQUINA DE LAVAR ROUPAS) ...	73
FIGURA 13: O HOMEM QUE MATOU DOM QUIXOTE	78
FIGURA 14: DON QUIXOTE 2000.....	79
FIGURA 15: DON QUIJOTE DE LA MANCHA.....	79
FIGURA 16: DONKEY XOTE.....	79
FIGURA 17: DOM QUIXOTE	80
FIGURA 18: DOM QUIXOTE NA SUA BIBLIOTECA (1863): CALCOGRAVURA – GUSTAVE DORÉ	80
FIGURA 19: DON QUIXOTE (1955): ESBOÇO – PABLO PICASSO.....	80
FIGURA 20: DOM QUIXOTE E SANCHO PANÇA (2009): ÓLEO SOBRE TELA – ASSIS COSTA.....	81
FIGURA 21: REPRESENTANDO DOM QUIXOTE E SANCHO PANÇA L. BAUR – ÓLEO SOBRE TELA	81
FIGURA 22: DOM QUIXOTE E SANCHO PANÇA.....	81
FIGURA 23: DOM QUIXOTE – FEITO DE LIXO – HOMENAGEM AOS 400 ANOS DA MORTE DE CERVANTES	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 PANORAMA DA PESQUISA.....	10
1.2 ASPECTOS DA PESQUISA.....	11
2 LETRAMENTO LITERÁRIO: LITERATURA E HQ EM SALA DE AULA.....	14
2.1 ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E LETRAMENTO LITERÁRIO.....	14
2.2 LITERATURA E GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA	21
2.3 HQ E LITERATURA NA ESCOLA.....	28
2.4 DOCUMENTOS OFICIAIS E HQS EM SALA DE AULA	38
3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O 9º ANO	46
3.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A LEITURA DE HQS	46
3.2 SEQUÊNCIA BÁSICA (SB): UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O 9º ANO	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	97

1 INTRODUÇÃO

1.1 PANORAMA DA PESQUISA

A discussão em torno da ineficiência da escola em formar leitores competentes não é algo novo. Estudiosos e pesquisadores, como Zoara Failla, João Luís Ceccantini, Ezequiel Teodoro da Silva e Regina Zilberman, além de tantos outros que integram a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*¹, continuam à procura de possíveis soluções para reduzir esse problema ainda tão recorrente, bem como a tentativa de melhorar o cenário da leitura no Brasil. Professores de Língua Portuguesa, bem como alfabetizadores, continuam sendo, na maioria dos casos, considerados culpados, injustamente, por esse fracasso. No fim, o peso de ter na sociedade, leitores “analfabetos funcionais”, finda, por conseguinte, recaindo também sobre a escola, que muitas vezes não consegue cumprir com seu papel social de educar para a vida e de ensinar significativamente.

Questionamos: O que a escola pode propor em atividades de leitura para que seus alunos interajam com os textos? Quais aportes os professores podem sugerir para que os alunos leiam obras literárias? Como tornar a leitura um ato de prazer, de encantamento e de conhecimento ao mesmo tempo? Ainda há muito a se fazer para alcançarmos um índice desejável de leitores competentes. Mudanças são necessárias e a escola precisa se adequar ao Século XXI, e deixar para trás os resquícios dos moldes tradicionais do passado, para gozar de muitas oportunidades que as Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação possam oferecer.

Pautado em uma pesquisa bibliográfica, o efetivo trabalho intenciona ofertar aos docentes de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, uma ação didático-metodológica que integre a literatura à leitura dos clássicos quadrinizados que hoje integram o acervo das bibliotecas públicas escolares. Pensamos que a leitura com HQ na escola pode possibilitar o letramento literário, pelo fato de oferecer uma linguagem mais lúdica, e também mais atraente aos olhos do leitor jovem. Para tanto, foi necessária uma revisão bibliográfica acerca do tema proposto, letramento literário através de HQ, para assim subsidiar com base teórica e propiciar uma análise sobre o problema em questão.

¹ Realizada pelo Instituto Pró-Livro – IPL é o “(...) maior e mais completo estudo sobre o comportamento do leitor brasileiro, a fim de avaliar impactos e orientar ações e políticas públicas em relação ao livro e à leitura, visando, assim, melhorar os indicadores de leitura e acesso ao livro.” Disponível em: <<http://plataforma.prolivro.org.br/quem-somos-ipl.php>> Acesso em: 10 mai. 2021.

Dessa forma, tornou-se viável a construção de uma proposta de intervenção, em busca de suportes necessários para dar credibilidade a esta pesquisa, que tem como público-alvo os professores das turmas de 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas. Assim, sugerimos uma proposta metodológica que objetiva disponibilizar estratégias de leitura com os clássicos em quadrinhos, na tentativa de contribuir significativamente com o trabalho pedagógico dos professores de Língua Portuguesa em estímulo ao letramento literário de seus educandos.

Para isso, traçamos alguns objetivos específicos como: propiciar o desenvolvimento de habilidades de leitura através do uso de HQ em sala de aula; instigar o prazer da leitura através de atividades voltadas à pesquisa e ao uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação; trabalhar com a leitura de outros gêneros em obras que dialoguem com a HQ. Tais objetivos foram pensados com o intuito de que o letramento literário se desenvolva a partir de todas as etapas executadas na proposta de intervenção.

1.2 ASPECTOS DA PESQUISA

Esta dissertação foi projetada em duas fases distintas: primeiramente foi feita uma pesquisa bibliográfica apurada, e em continuidade, amparada teoricamente, como proposta de intervenção, uma sequência didática foi viabilizada. É necessário, conseqüentemente, esclarecer no que constituem e como se deram tais etapas.

Após pautar todo o estudo em uma base bibliográfica, é primordial que seja realizada uma proposta de intervenção como tentativa de sanar ou atenuar o suposto problema. E no caso em questão, optamos em fazer uma sequência básica, cujo intuito é o de contribuir com a dinamicidade no trabalho pedagógico de Língua Portuguesa para que as leituras possam desencadear reflexões e significados a partir de clássicos em HQs, inter-relacionando-os a outros gêneros e hipertextos.

Afinal, enquanto educadores, aspiramos que os alunos leiam, e principalmente, que compreendam os textos reproduzidos na escola. E pensamos que resgatar os clássicos de uma forma mais lúdica possa propiciar um letramento literário eficaz, por serem livros que perpassam o tempo, além do que se possa prever, historiando culturas de antepassados que nos fazem rever também o presente.

Pensar nas regras e nas estratégias para obter os resultados almejados é fundamental para um bom planejamento, principalmente, quando há metas traçadas, porque é preciso aguçar, refletir, questionar, criar, motivar, e se pautar na ciência para validar suas respostas. E neste caso específico, elencar objetivos e métodos para o trabalho social com a leitura dos textos

clássicos é bastante relevante em sala de aula. Sabemos, como educadores, que os alunos já trazem consigo uma carga significativa de conhecimentos, mas a escola deve ampliar, para que as práticas de letramento sejam continuadas cada vez mais. E o professor pesquisador, deve questionar sempre suas práticas, em busca de aperfeiçoamento do seu trabalho, para sanar as lacunas que por ventura possam surgir.

Dessa forma, buscamos realizar uma pesquisa bibliográfica que discutisse as explicações concernentes a letramento e alfabetização, para também conceituar letramento literário e sua importância no meio escolar. Ainda com intuito de contribuir para o aprimoramento das aulas de língua materna, e também para a escritura do capítulo dois e do tópico 2.1 deste trabalho, pautamo-nos em teóricos como Batista *et al* (2008); Mortatti (2004); Cosson (2019a; 2019b); Paulino & Cosson (2009); Kleiman (2005); Zilberman (2009), além de outros, pois acreditamos que seus estudos sobre letramento literário e alfabetização têm a fundamentação concernente com a ideia que discutimos no tópico.

Nos PCNs (1997; 1998), encontramos embasamento no que concerne aos gêneros textuais e sua prestabilidade em sala de aula em concomitância com a literatura, além de autores como Marcuschi (2008); Cadermatori (2006); Silva (2018); Ceccantini (2009); Cosson (2010); Zilberman (2010) e outros que como estes trouxeram muitas contribuições relevantes ao tópico 2.2. Porque na literatura vários gêneros podem ser desfrutados para a leitura de deleite: um simples conto, um romance, uma aventura, um conto fantástico, uma comédia, um poema, e por que não uma HQ?

Para o tópico 2.3 estudiosos de HQs, como Vergueiro (2018); Pina (2014); Ramos (2016); Pirota (2014); Oliveira (2014); foram os principais nomes dentre outros, que subsidiaram através dos pressupostos que conceituam e ampliam o manuseio das HQs em sala de aula. Cada um deles nos certificando de que uma HQ pode ser muito mais útil do que poderiam prever muitos críticos do século passado.

Finalmente, no tópico 2.4 contemplamos os documentos oficiais que alicerçam o emprego das HQs em sala de aula, fomentado pela LDB (1996), bem como o estímulo ao trabalho com a pluralidade de gêneros literários assegurados por programas como PNBE (Brasil, 2006; 2008), responsáveis pelos acervos das bibliotecas públicas escolares, e em parte, comprometida também pelas demandas das obras nas bibliotecas públicas municipais. É importante citar a relevância da BNCC (Brasil, 2018), que renova o exercício com a pluralidade de gêneros para os multiletramentos dessa era digital, na qual a realidade virtual não pode ser deixada em segundo plano, já que é parte do cotidiano escolar.

Portanto, pensar uma sequência didática para o capítulo 3, é ter como proposta de intervenção algo relevante e dinâmico como o século vigente, no qual as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e suportes virtuais estão cada dia mais entranhados em nossas vidas sociais, profissionais e pessoais. Cosson (2019a) nos apresenta o modelo ideal de sequência básica, e estudiosos como Casseb-Galvão & Duarte (2018); Oliveira (2013), dentre outros, corroboram com seus conceitos, argumentos e estratégias para esta proposta de intervenção, que intenta ser um material estratégico pedagógico elaborado para a aquisição do letramento literário dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

A sequência básica que é a proposta de intervenção desta dissertação, foi estruturada a partir de uma adaptação de *Dom Quixote* em HQ (2008), roteirizada e ilustrada por Bira Dantas, cujo modelo foi baseado no que sugere a obra *Letramento literário: teoria e prática* (2019a), de Rildo Cosson. Além da funcionalidade, esta sequência básica afluou da exequibilidade de oportunizar incontáveis leituras, relevantes à aquisição do letramento literário aos alunos jovens, através do universo da literatura. Principalmente porque a obra *Dom Quixote* (1605), de Miguel de Cervantes, é um clássico de mais de 400 anos, lido mundialmente, mas pouco usufruído nas escolas. Além do mais, já há versões em HQ desta obra canônica universal, disponíveis no acervo das escolas públicas. Portanto, muito propícia para as ações pedagógicas de leitura com os alunos do ensino fundamental, visto que os quadrinhos pela linguagem híbrida que apresenta, é um suporte pedagógico favorável às atividades didáticas da literatura em sala de aula, em harmonia com o letramento literário.

2 LETRAMENTO LITERÁRIO: LITERATURA E HQ EM SALA DE AULA

Para o letramento literário tão necessário e que almejamos atingir, um elo entre literatura e o uso de HQ em sala de aula pode torná-lo possível, a partir de um planejamento voltado para a leitura e aquisição de conhecimentos sobre os gêneros trabalhados. Teóricos como Vergueiro e Rama (2018) defendem essa ideia, porque consideram que há muitas vantagens para o ensino com o uso dos quadrinhos na escola, como veremos ao longo deste capítulo.

2.1 ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E LETRAMENTO LITERÁRIO

Mortatti (2004) declara que ler e escrever são atividades imprescindíveis aos cidadãos, tanto para o seu progresso individual quanto para o progresso da nação. Assim, se a aplicação da leitura e da escrita nas mais variadas circunstâncias é primordial para o crescimento sociocultural e político de qualquer país, o Estado deve assegurar essa aquisição e a qualidade da educação, bem como garantir o pleno direito a todos de que a aprendizagem da leitura e da escrita aconteça, não importando em qual idade. Segundo Batista *et al* (2008, p.10; grifos dos autores):

Historicamente, o conceito de alfabetização se identificou ao ensino-aprendizado da “tecnologia da escrita”, quer dizer, do sistema alfabético de escrita, o que, em linhas gerais, significa, na leitura, a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em “sons”, e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos.

Ou seja, a alfabetização é entendida como o método de propriedade do sistema escrito. É a aprendizagem das normas do alfabeto e da ortografia que dão suporte para a efetiva atividade de leitura e escrita, além de autonomia aos cidadãos. Ler e escrever são pré-requisitos, por consequência ser alfabetizado é básico para a vida prática do aluno e suas relações sociais de modo geral. É prudente salientar que, desfrutar da leitura, transforma e beneficia o leitor, possibilita escolhas, melhora sua sociabilidade. Coscarelli (2003) acrescenta, que não importa o método de alfabetização, porque ler e escrever é uma aprendizagem que não se encerra quando os sujeitos são alfabetizados. Diz ainda que a escola é responsável pela compreensão de texto, de leitura e de escrita e do desenvolvimento destes.

Costa Val (2006, p. 19) ratifica que “alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita”.

Entende-se que, ser alfabetizado é ter se apropriado do ler e do escrever, mesmo quando não há assimilação integral daquilo que se leu ou escreveu. Compreende-se, nas palavras de Soares e Batista (2005), que a pessoa alfabetizada domina as habilidades primárias da leitura e da escrita.

Na PNA – Política Nacional de Alfabetização –, consta que:

O alfabetizado pode ser capaz de identificar uma palavra a partir da sua representação gráfica e não compreender o que lê, não captar o sentido dela, como acontece quando nos deparamos com uma palavra desconhecida. Mas, se a insuficiência e a dificuldade forem tamanhas, a ponto de impedir de algum modo a compreensão de textos, poderá configurar um caso de analfabetismo funcional (BRASIL, 2019, p.19).

Em outras palavras, a PNA (2019) classifica de analfabeto funcional alguém com limitações na leitura ao ponto de apenas decodificar (ler) e de codificar (escrever), sem progressão no processo de alfabetização, pois não compreende as leituras que faz. É um sujeito que escreve e ler de maneira precária, ineficaz. Não pode ser considerado totalmente analfabeto, pois possui um nível de alfabetismo, mesmo que reduzido. Aqueles que são totalmente analfabetos, não possuem nenhum nível de alfabetização: não leem, nem escrevem.

Soares (2003) reputa que frequentemente, os baixos níveis de alfabetização em crianças, jovens ou adultos estão imputados à escola e ao fracasso escolar, e que o uso ineficiente da língua escrita e o desinteresse em leitura são deficiências advindas da falha das instituições escolares, que não conseguiram a progressão das habilidades alfabetizadoras, nem a mobilização positiva para o desenvolvimento leitor de seus alunos. E a sociedade exige todos os dias o uso das habilidades com a linguagem escrita. A alfabetização só acontece com todas as habilidades e competências adequadas quando junto a esta se dá o letramento.

Nesse contexto, podemos questionar o que é letramento? Conforme Batista *et al* (2008, p.12-13, grifo dos autores):

Entende-se **letramento** como o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo).

Embora seja um vocábulo recente, o letramento já é discutido desde fins dos anos 1980 nas universidades, principalmente por que, mais do que nunca, está integrada a todos os níveis de escolaridade. Kleiman (2005), e Goulart (2006) dizem que seu conceito se refere a algo que sobrepuja as fronteiras da sala de aula, pois a linguagem escrita está em todos os lugares e dessa

forma, o uso da escrita também. É parte do cotidiano, das paisagens, dos centros urbanos, das embalagens de produtos, das placas, dos livros, das histórias contadas.

Soares (2006a), explicita que a alfabetização é a prática do ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. A autora caracteriza letramento como sendo a situação social de alguém, que não consegue somente ler e escrever, mas quem também utiliza dessa escrita no seu convívio em sociedade. Por consequência, ser alguém letrado está distintamente interligado às práticas diárias do ler e escrever, e dos acessórios que o identificam como tal. Assim, ser alfabetizado, poder ler e escrever, não são suficientes para o indivíduo agir e se relacionar plenamente no mundo letrado. A leitura de mundo é indispensável. Isso é ter letramento. Sob esta visão, a leitura e a escrita servirão para além dos tijolos escolares, pois são segmentos do ofício, da diversão, da socialização, enfim, da realidade.

Sendo assim, Zilberman (2009, p. 27-28) posiciona-se:

Alfabetização e letramento, portanto, carregam consigo dois movimentos paralelos e, como a escola, deflagram possibilidades de ação, que se estendem de uma meta emancipatória, rumo à afirmação de uma atitude autônoma do indivíduo, ao exercício de uma dominação, quando dirigida à aprendizagem de regras e condutas preestabelecidas. Todavia, a alfabetização e, na sequência, o letramento, associam-se ao ato de ler e, sendo esse resultado o produto mais importante da ação da escola nos primeiros anos de formação de uma pessoa, pode representar também a condição de rompimento não apenas do sujeito, mas também da instituição que propicia a aquisição dessa prática.

Nesta circunstância, certifica-se: alfabetização e letramento didaticamente e tecnicamente, processam-se diferentes, mas pelas características, se completam. A Alfabetização acontece individualmente, e o letramento traz benefícios no uso social. Portanto, não se desligam. À escola e aos professores incumbe-se a tarefa de testificar que os alunos se apoderem dos dois. Para isso, os educandos precisam ver sentido no que aprendem para fazerem uso da leitura e da escrita socialmente, e no meio em que estão inseridos a contento. Essa é uma das funções legada à escola. Afinal de contas, ler e escrever são incumbências desta. Aqueles que leem e escrevem criam autonomia para a vida.

Sobre isso Gouveia e Orenszejn (2006, p.35) completam:

[...] Criar um contexto de letramento na escola desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos é uma tarefa das mais importantes quando o objetivo é formar leitores e escritores desde o início do processo de alfabetização, que tem lugar muito antes de os alunos serem formalmente alfabetizados.

Na oportunidade em que os alunos escrevem e enviam bilhetes uns aos outros, que trocam mensagens virtuais, dialogam sobre suas leituras extraescolares, produzem vídeos, contam histórias, vivenciam experiências do dia a dia, estão utilizando a linguagem da escrita cotidiana, conseqüentemente, práticas relacionadas ao letramento. Particularmente, não é por saberem ler. Mas porque suas práticas dizem respeito às necessidades cotidianas do uso da linguagem escrita. É importante considerar com Rojo (2006) que, no Brasil, a maior parte da população, mesmo tendo a possibilidade de estudar, não chega a aprender a ler devidamente. Eis porque ser escolarizado na sociedade brasileira, não significa ter formação leitora, nem tampouco, ser produtor proficiente e eficaz de textos.

Ora, o letramento estabelece uma relação direta entre o ler e o escrever. À vista disso, a leitura de vida dos alunos deverá ser uma das coisas priorizadas pela escola, por meio de atividades que estejam direcionadas com as práticas diárias. Pois partindo daquilo que para eles é importante, o aprendizado é bem mais atraente e significativo. Frade (2006) expressa que são muito importantes o contato e a utilização de textos nos momentos que se apresentarem propícios em sala de aula, principalmente para impulsionar o letramento literário.

Tendo como referência o letramento literário, Paulino & Cosson (2009) destacam que o mesmo está concatenado ao efetivo exercício da leitura dos gêneros textuais literários, e diz respeito ao acesso concreto e frequente às obras literárias durante o período escolar e após este. Compreender os cânones, sejam estes, regional, nacional ou ocidental nos estudos da literatura, é algo costumaz, tradicional e que pode enriquecer e ampliar, consideravelmente e culturalmente, o repertório literário dos alunos.

Neste particular, Cosson (2019a, p. 120) aduz:

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos.

Esses são motivos justificáveis para que a leitura do livro literário na escola não seja algo qualquer, mas um momento de vivência ímpar: de escrever e ler a nós mesmos e também o mundo. Ela não pode ser submetida como um formulário inalterado, mas adaptável a cada grupo, a cada ambiente, a cada aula. Os sujeitos mudam, os gostos também. Por isso, ela é parte primordial na constituição de leitores profícuos, porque não dialoga só com o tempo, mas com o espaço e a cultura, se reinventando e construindo em suas muitas linguagens.

Ao dá continuidade à leitura de livros literários o indivíduo apropria-se de novos saberes e concepções, e cada vez que ler, tudo isso se renova, e a leitura se torna sempre e cada vez

mais profícua. Primordialmente porque, nenhuma leitura é igual à outra, mas única a cada momento. Assim, a relação do leitor com os livros literários precisa acontecer com estímulos o mais cedo possível, para que venha a ser uma prática rotineira, e dessa forma, é mais provável que se firme uma conexão intensa entre este e as obras literárias. Portanto, é imprescindível a exploração da leitura e da escrita em todas as situações possíveis, e não somente nas aulas de Língua Portuguesa, porque a escola é um espaço interativo, abundante de conteúdo e com várias disciplinas, e todas estas, ricas de saberes.

Imaginemos um aluno do ensino fundamental tendo acesso a um clássico como *Dom Quixote* em HQ (Dantas, 2008), descobrindo as aventuras e desventuras escritas por Miguel de Cervantes, no século XVII, e observando, como diz Vieira (2018), a camaradagem e a afetuosidade verdadeiras entre Dom Quixote e seu leal e devotado escudeiro, Sancho Pança, que se constroem durante as aventuras dentro da narrativa, um longo trajeto percorrido por ambos, numa luta que parece de um só. A partir daí o docente pode criar um momento reflexivo em sala de aula que propicie o diálogo entre os alunos, para explorarem a obra juntos, e falarem das suas considerações pessoais.

Para Cosson (2019b), a leitura literária direciona a questionamentos sobre o que somos, o que queremos viver, dialogando com a literatura, cujo intuito, pode ser até o de fazer-nos avaliar os valores postos e impostos na sociedade. Isso porque os textos literários preservam palavras e mundos tão verdadeiros quanto imaginados, que desafiam as falas prontas da realidade, que muitas vezes são apresentadas como verdades únicas e absolutas. Na literatura, descobrimos caminhos variados a seguir, incontáveis oportunidades de criar e refazer a nossa própria identidade. A leitura das obras da literatura literária nos conduz a uma vida sem limites para dizer e viver o mundo, para dialogar com o outro, romper com a temporalidade, porque nela tudo é possível.

A este respeito, Cosson (2019a) acrescenta que o letramento literário tem sua magnitude no cenário escolar para que as leituras não sejam mera formalidade, mas que possibilitem ao aluno tanto o hábito de ler através de suas próprias escolhas, quanto a proficiência no uso da própria linguagem. Por esta razão, a literatura engrandece e enriquece o sujeito enquanto cidadão, descobridor e construtor da sua história. A este respeito, Kleiman (2005, p. 51) complementa: “Precisamos das ferramentas para continuar aprendendo, e a leitura é a ferramenta por excelência para isso”.

A escola é, para Silva e Martins (2010) o lugar de letramento (literário), e é primordial memorizar essa relevância. O professor é o sujeito preparado, letrado, o intelectual a quem está delegado o papel de tornar os alunos, sujeitos letrados. E se o professor é o principal agenciador

de letramentos, é então, responsável por inserir os educandos na sociedade letrada, mobilizando e gerenciando para que os saberes não sejam só para o presente, mas que se tornem conhecimentos também para o futuro e para a vida que se segue. Assim, evitará que a escola não seja o lugar apenas de transmissão de conteúdo, mas de vivências, de trocas, de possibilidades, de uma vida real. Neste sentido, Kleiman (2005) sugere que o professor é promotor do letramento, e que por isso, necessita viabilizar recursos e ferramentas pedagógicas que propiciem o uso da escrita, a participação e a prática comunicativa de seus alunos em todas as esferas da sociedade.

A leitura na escola, de acordo com os PCN (1998), tem sido, basicamente, um instrumento de ensino. Como um meio para objetivar a aprendizagem, é importante que ela seja pensada com o intento de lograr um propósito real para o aluno, ou seja, ter respostas imediatas para vivências sociais urgentes. Dessa forma, é importantíssimo o trabalho diversificado com os vários tipos textuais, para que os alunos compreendam os verdadeiros objetivos de cada forma de leitura. Assim, identificar que os tipos e gêneros textuais se distinguem entre si, não só pela forma e conteúdo, mas também porque os objetivos e as finalidades são diferentes, é de fundamental relevância. Feito isso, ajudará bastante à escola a viabilizar o letramento (literário), principalmente, se esta puder oportunizar ambientes ideais de leitura, proporcionando suportes diversificados, educadores que sejam leitores profícuos e práticas de leitura eficientes e frequentes.

A literatura é uma expressão das artes, manifestada a partir da linguagem escrita ou falada, representando pessoas, a sociedade e seu tempo, com suas afinidades e particularidades. A partir da massificação da educação no Brasil, tornou-se parte de uma ação continuada que procura democratizar o saber, como forma de conceber a todas as classes sociais, um direito básico. Já tivemos muitos avanços, como os programas de incentivos dos governos, nas últimas décadas, e algumas escolas já usufruem de bibliotecas. Mesmo assim, o letramento literário nas escolas brasileiras ainda não é uma veracidade para todos os alunos. Muitos não conseguem ter acesso aos livros, pois são muitas realidades diferentes. Desde o aluno surdo ao aluno deficiente visual, àquele que não dispõe de celulares e/ou internet. E com todas essas especificidades, podemos dizer que muitas das nossas escolas não estão aptas. Seja por falta de livros e suportes técnicos ou tecnológicos adequados a estes públicos, ou ausência de profissionais capacitados para auxiliá-los. É aí que a democracia, a inclusão e o direito de todos falham. Porque nosso sistema educacional é, quase sempre, excludente.

Ainda é bastante inquietante, constante e necessária, a procura pelas práticas da leitura literária. Mas muito mais importante é encontrar meios estratégicos diferenciados de estimular

os alunos a lerem, para que suas leituras sejam cada vez mais diversas de gêneros, prazerosas e significativas. Tudo bem planejado, sem o risco de distanciar mais ainda os alunos do contato com a literatura, pois, como diz Zilberman (2009, p. 28):

A questão é saber se a escola brasileira, hoje, está preparada para o exercício dessa tarefa. A menção à crise da leitura, tão frequente em diagnósticos de procedência diversa (Pisa, Saeb, entre outros), reflete uma crise da escola em decorrência da parceria historicamente estabelecida entre o ensino e a habilidade de ler e escrever.

É importante compreender, de acordo com Cosson (2019a) que se os alunos deixarem de ter acesso aos escritos literários no âmbito escolar, a literatura deixará de ser lócus de conhecimento e aprendizagem e se apagará das nossas escolas. Sem valor cultural e social não fará mais sentido o letramento literário.

De acordo com Cavalcanti (2002a), a responsabilidade na formação leitora é da escola, mas não somente dela. A família também precisa comprometer-se a isso, assim como toda a comunidade, sob o risco de termos em sociedade apenas “leitores funcionais”, propícios à miséria e uma vida indigna, ao invés de pessoas letradas e uma nação desenvolvida. Os países desenvolvidos e livres investem na educação e na leitura, porque são prioridades para o desenvolvimento de seu povo. Sabemos que nem todas as famílias têm pais e mães leitores. Mas também observamos através de *Retratos da leitura no Brasil 4*, que em muitas famílias de não leitores, há pais e mães que estimulam os filhos a estudarem diariamente. Em grande parte dos casos, principalmente as mães ou responsáveis do sexo feminino, incentivam os jovens ao hábito de leitura e aprendizagem constantes.

A leitura insere o sujeito à sociedade e, precisa ser universalizada e democratizada para que se busque esclarecer sobre as igualdades necessárias e almeçadas e as desigualdades vencidas. Porquanto o letramento literário concretiza-se em todas as comunidades em que o sujeito-leitor está inserido, e não somente no meio escolar. Faz parte, definitivamente, das nossas práticas sociais, das leituras e escritas pelos espaços divididos. Então, onde há letramento? Lendo um *best-seller* ou um clássico universal, na leitura visual de uma pintura, na cantiga de roda, na pesquisa *online*, na escrita de um bilhete, nas conversas pelas redes sociais. Os letramentos são inumeráveis e bastante heterogêneos, e cada vez se expandem mais, principalmente após a eclosão da internet.

O letramento literário, tão em voga no momento, pode surgir também a partir dos livros digitais. Já que a leitura, com a internet, foi bastante estimulada e disponibilizada, e assim,

muitos jovens têm contato com *e-books* nos seus celulares, e desfrutam de leituras diversas. Failla (2016, p. 20, grifo do autor) reafirma:

O desafio é conseguir despertar para a leitura uma geração quase entorpecida pela comunicação em meio digital. Ler é uma prática que exige ficar só, que pede concentração, não oferece estímulo multimídia, mas, principalmente, pede o domínio da competência leitora e do letramento. Ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi “conquistado” e é impraticável para quem não compreende aquilo que lê.

Portanto, como veremos a seguir, despertar para a leitura de gêneros textuais variados é um desafio. professor de língua portuguesa tem que ser criativo, e buscar sempre algo que concentre seus alunos, para que a literatura não seja somente algo do momento da aula, mas que consiga alcançar o lado humanizado e tão profundo da vida. Porque acima de tudo, ela é transformadora.

2.2 LITERATURA E GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA

Segundo Cadermatori (2006), A literatura é um direito tão indispensável ao cidadão quanto a educação. Tornar esse direito tangível e ao alcance de todos ou de uma maioria, é um dos muitos obstáculos que temos para enfrentar. Arriscamos dizer que a literatura é um gênero de primeira necessidade, vital para a dignidade humana, imprescindível para muitos de nós, que viaja sem sair do lugar. Os livros acalmam como um relaxante para a alma, além de nos tornar mais conhecedores do mundo. Esta assertiva coaduna-se com a proposição de Cândido (2011, p. 186), o qual afirma que:

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza.

Nesta perspectiva, a literatura, em muitos casos, transforma seus leitores em pessoas melhores, faz com que reflitam sobre os acontecimentos da vida, liberta a alma e a mente, porque traz consigo novos sentimentos, vivências cheias de sabores e descobertas. A inteligência e o comportamento projetam novas perspectivas, outros desígnios. Em função disso, Machado & Corrêa (2010, p. 127) argumentam que a

literatura, muitas vezes, mais do que apresentar uma situação controversa, problematiza uma forma de conduta, ao representá-la literariamente, podendo fazer render muitas discussões que nos levem a sermos homens e mulheres melhores do que somos.

Assim, estas proposições fortalecem a magnitude do envolvimento com o texto literário, como sendo um dos papéis basilares da escola. Entretanto, há certos entraves para um bom exercício com o texto literário. Cadermatori (2006) enfatiza que é bem vasto o número de obras literárias publicadas no país, porém, com o alto custo dos livros, a população pobre acaba não tendo acesso. Sem falar que há poucas livrarias em cidades do interior do Brasil, ou nenhuma. As bibliotecas também existem em um número restrito, mesmo já tendo aumentado um pouco. Estes aspectos vêm se convertendo cada dia mais, com o surgimento e avanço da *internet*, e seu acesso provendo, gradativamente, pessoas no Brasil. Contudo, a maior parte dos alunos que está matriculado na escola pública não leu nem mesmo um livro na vida. E este cenário implica diretamente na dificuldade de se incorporar em sala de aula um ensino esmerado com leitura e assimilação do texto literário, principalmente, no que concerne às suas nuances.

Cadermatori (2006, p. 13) acresce que:

É nos romances, nos contos, nos poemas, que a imaginação, tanto do autor como do leitor, acabam se completando: um livro só ganha vida no momento em que alguém o apanha e abre suas páginas para descobrir o mundo que se esconde ali dentro. Abrir um livro é como abrir os olhos e o coração tanto para o que está dentro de nós, como para o mundo ao nosso redor. Despertar a imaginação para aprender a ver de outra maneira a vida que temos hoje e a vida diferente que um dia ainda podemos ter.

Estes são alguns dos aspectos relacionados à fruição do texto, e que poderiam acontecer de forma mais efetiva na escola, pois é nesta que se deve trabalhar o letramento literário de forma sistêmica, o que significa perceber suas características e temáticas debatidas, sobretudo porque envolve a assimilação de mundo do indivíduo. Neste *sui generis*, a literatura, de acordo com Candido (2011), talvez seja responsável pelo equilíbrio social, pois é algo imprescindível para a integração do homem, mormente porque, com ela, o homem atua do real ao imaginário, do onírico ao reflexivo.

A literatura transforma os humanos em seres amados, amáveis e, até mesmo, odiados. Ela é, relativamente, capaz de tornar a alma humana feliz e triste ao mesmo tempo, porque mexe com a emoção e também com a razão do leitor. Ela vai do presente para o passado, não se esquecendo do futuro, porque o homem é conflituoso. Cosson (2019a, p.29) defende que:

[...] O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como

esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância.

Paulino (2005) esclarece que a instrução da literatura em sala e a aprendizagem da mesma se dá de forma interligada aos tipos e gêneros textuais existentes na língua, bem como aos discursos intertextuais, posto que, simultaneamente, abarca a literatura e também implica questões e textos das ciências, da filosofia, informativos, cada qual com suas particularidades. E, mesmo assim, tendo propósitos diferentes, podem ser trabalhados no que lhes são comuns. É importante destacar que, nenhuma leitura se conserva culturalmente quando lhe são cobradas limites e impostas regras. E ler obras literárias, especificamente, carece de plena liberdade, independência para as escolhas, limitando-se apenas a respeitar o que cada um quer ler.

Nesse sentido, Marcuschi (2008) pondera que ao sancionar que os textos habituais utilizados no nosso convívio social em interação dialógica com os outros, são gêneros textuais, distintos, delimitados por funcionalidade, objetivos enunciativos, estilos, integrando influências históricas, sociais, institucionais e técnicas. Contrapondo-se aos tipos textuais de acervo bem pequeno, os gêneros textuais, substanciais, são explorados em atos de comunicação de várias maneiras pelos usuários de uma língua. A este respeito, Antunes (2002, p.69) pontua:

Os gêneros são histórico-culturais, isto é, sedimentam-se em momentos e em espaços da vida das comunidades; isto é, cada lugar e cada época são marcados pela predominância de certos gêneros, os quais, nesta contingência, podem aflorar, permanecer, modificar-se, transmutar-se, desaparecer; na verdade, os grupos sociais é que regulam as condições do percurso que os gêneros realizam.

Ora, certos gêneros, de acordo com esse autor, podem ser evidenciados mais em uma época que em outra. Alguns desaparecem, outros deixam de ser usados, outros ainda se modificam. Muitos fatores influenciam para a continuidade de determinados gêneros: a mídia com sua força massiva, a indústria cultural, o mercado editorial e o avanço tecnológico. Dessa forma, as modificações na sociedade e as conveniências sociais que vão surgindo com o tempo fazem com que novos gêneros surjam e, por isso, se tornaram inumeráveis, incontáveis, infundáveis e os usuários da língua usam de acordo com as necessidades do momento.

A compreensão acerca deles é fundamental para o indivíduo letrado, notadamente pelo fato de que:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a

situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2003, p. 285).

Assim, o texto literário na qualidade de gênero textual é imprescindível para o amadurecimento do pensamento crítico do leitor. Conhecer suas particularidades e temáticas permite-lhe conhecer-se mais e ao outro também, bem como as sutilezas dos discursos sociais.

Diante de tudo que já foi exposto, à medida que somos educadores também somos responsáveis pelos leitores que queremos formar. Para isso, todo esforço em sala de aula, todas as estratégias no manuseio com gêneros textuais em busca da aprendizagem são válidas. Principalmente, compreendendo que cada texto escolhido tem uma função, um propósito comunicativo, e precisa estar relacionado aos anseios e necessidades dos educandos para que se tornem expressivos, e para que o ato da comunicação não fique só no papel. Marcuschi (2008) postula que os gêneros estão relacionados ao cotidiano e às inter-relações pessoais na sociedade, bem como aos momentos de interação social comunicativa e de poder humano.

Nesta circunstância, a propensão por determinado gênero pode estar vinculada ao discurso que se quer pregar, ao momento, à necessidade dos interlocutores, à dominação que um exerce em relação ao outro, à autoridade ou influência que se deseja evidenciar, etc. Por isso, diz-se que os gêneros também estão relacionados às práticas dominantes. Marcuschi (2008, p.162) confirma que:

Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que do seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social.

A inclusão social acontece porque, enquanto cidadãos de determinada sociedade, que participa dela ativamente, inter-relacionando-se entre si, carecemos de determinados documentos, que exclusivamente alguns mantêm o poder de produzir. Isso acontece, por exemplo, para se obter um certificado, uma certidão de nascimento, um diploma universitário, são gêneros que, obrigatoriamente, só devem ser gerados por pessoas especializadas.

Quanto ao uso dos gêneros na escola, Silva (2018) observa que é de suprema relevância utilizar gêneros textuais diferenciados na escola, e em qualquer disciplina, pois os gêneros se adequam ao ambiente comunicativo, seja qual for o espaço: se em Matemática, Português, História ou Biologia, ou até mesmo na internet.

O professor não pode ser arbitrário, mas precisa entusiasmar seus alunos para a leitura, oportunizando-os um acervo com gêneros textuais convencionais ou digitais bem variados,

assim eles terão textos mais significativos, e isso tornará o feito de ler mais apazível. O docente também deve explicitar o porquê dos gêneros escolhidos, e quais suas funções, para que os estudantes deduzam a utilidade deles ao se comunicarem.

Ao estipular a leitura de uma HQ literária, como Dom Quixote, nosso objeto de estudo, infere-se que o docente, além de conhecer o romance, deve também caracterizar as diferenças desse gênero, no intuito de que o aluno possa compreender a personagem, não como um louco, mas como um sonhador. Daí a importância de os alunos entenderem que na ficção, mesmo que algumas vezes muita coisa seja idealizada, pode vir de uma realidade indesejada. Daí comparar a própria narrativa à história de mundo dos alunos, e com seus ideais de vida. Para Rojo (2009, p.115):

Cabe, portanto, também à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica.

A citação acima enseja a circunstância de que, a partir do instante que os educandos veem sua cultura em evidência, eles percebem que a escola realmente respeita e valoriza a sua comunidade. Assim, ela deixa de promover/compactuar com a desigualdade social, fruto das ideologias reinantes, pois, de acordo com Ceccantini (2009), para muitas crianças ainda é a escola o único local de permanente acesso à leitura e escrita, tendo essa formado, conseqüentemente, um número significativo de leitores. Silva (2018, p. 130) ainda acresce:

apenas decodificar palavras não dará conta de formar leitores competentes, que consigam transitar confortavelmente por uma gama de gêneros textuais, de acordo com a necessidade social de comunicação, principalmente com o advento da internet em que temos uma explosão de novos gêneros.

Relativo a isso Ceccantini (2009) clarifica que ensinar a leitura na escola é essencialmente indispensável. Porque para muitos alunos, ela é o único lugar onde conseguirão se formar como leitores, pois não têm em suas famílias, hábitos ou formação suficientes que permitam estar em contato frequente ou direto com textos impressos ou obras literárias. À vista disso, concentrar-se no exercício com gêneros textuais múltiplos é determinante para que os alunos tenham propriedade do maior número possível para uso nos contextos sociais de comunicação.

Lajolo (1993, p. 106) enfatiza a importância da cumplicidade entre literatura e escola:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e

comportamentos, através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro.

Como se sabe, a leitura de qualquer gênero textual não acontece tão facilmente sem uma motivação, sem um planejamento adequado, uma boa preparação, textos bem definidos e que suscitem significados relevantes, e os professores precisam reconhecer que têm papel fundamental nesse sistema. Portanto, se no Ensino Fundamental, ler e produzir textos perpetuam-se nas aulas de Língua Portuguesa, então, aprender literatura também pode ser concretizado, sobretudo porque:

A exploração do contexto da obra faz parte do espaço da literatura em sala de aula, até porque, ao dizer o mundo, a literatura envolve os mais variados conhecimentos que também passam pela escola em outros textos e disciplinas. Estabelecer essa relação, mostrar esses vínculos, não prejudica a leitura literária, como acreditam alguns; ao contrário, pode ser uma contribuição relevante para firmar ou ampliar o entendimento da história que se está lendo (COSSON, 2010, p.62-63).

Assim, o exercício com literatura carece de ser elaborado e executado de modo que sua importância cultural e social seja evidenciada para os alunos, ou seu valor se perderá. Os estudantes devem saber o que ler e por quê, notadamente porque só é importante para eles aquilo que lhes parece relevante. Partindo do entendimento de que a desenvoltura do fazer literário é substancial para uma vida melhor, se consegue trabalhar as capacidades e aptidões necessárias para a concepção de um leitor hábil. Para tanto, saber escolher as estratégias de ensino são fundamentais, e Zilberman (2010) afirma que a escola precisa abraçar novos métodos para ensinar literatura, fugindo da tradição arraigada de seu currículo, que ano após ano repete as mesmas atividades conceituais e danosas aos alunos, afastando-os das leituras frutíferas e deleitosas, que possibilitam o discernimento e o senso crítico, além do desenvolvimento social e político do cidadão, concernentes ao mundo lido e vivido.

O entusiasmo e o regalo do leitor de literatura são possíveis e têm que acontecer em momentos bem prazerosos na escola, mas não somente nesta. Porque a leitura depois de conquistada, é uma fonte inesgotável, que se apropria para toda a vida. Não é algo rigoroso e estabelecido sem qualquer propósito, mas pode acontecer naturalmente por fruição. Eis porque “A literatura é uma grande metáfora da vida do homem. Sendo assim, é sempre surpreendentemente, uma maneira nova de se apreender a existência e instituir novos universos” (CAVALCANTI, 2002b, p. 12).

Segundo Oliveira (2010), não é por estar na escola que a literatura proporciona conhecimento, mas porque ela desempenha um papel como o de um historiador, quando relata histórias de épocas anteriores à nossa, lugares que não foram vistos por nós, estilos de vida que não vivenciamos. Mas mesmo assim, tudo é parte do que hoje somos e vivemos. Portanto, a leitura com deleite também inclui conhecimento ao leitor, porque sempre traz novas informações.

A literatura é sumptuosa por si só. Influyente e informativa, simultaneamente, desde o autor, ao espaço, tempo, contexto histórico, estilos de escrita e moda, são muitas as variantes que enriquecem o conhecimento do leitor sobre si e o outro. Mesmo quando a leitura é feita somente por deleite, ainda assim, há sempre muito a acrescentar para quem a lê. Por esta premissa, a literatura também deve ser debatida, argumentada, interpelada, afinal, leitores ativos refletem o que leem.

Entretanto, a literatura de obrigatoriedade pedagógica dificulta para os educandos a evolução e construção do leitor literário. Neste particular, Micheletti (1990, p.17 *apud* OLIVEIRA, 2010, p.43), destaca:

não porque inculca conceitos morais ou quais atitudes desejáveis, mas porque amplia a capacidade de conhecimento do leitor, facilitando o acesso a novas experiências que poderão auxiliá-lo na elaboração de novas informações, ou ainda na reformulação do que já possui.

É necessário ressaltar que o papel da literatura aqui colocado, não se refere a nenhum cunho pedagógico, mas é acentuado como algo além, acima das aspirações do próprio texto literário. Goulart (2006, p. 73) acrescenta que: “A literatura pode nos levar à mudanças e transformações pelas reflexões que provoca em nós e por sua ação no nosso modo de pensar.”

Concordamos com Soares (2006b) quando diz que o que se deve refutar são as metodologias inapropriadas na pedagogia com a literatura, principalmente quando a deturpa, ao tomá-la como propriedade escolar. Didatizá-la, desfigurando-a, distorcendo seus valores enquanto criação e arte da palavra, é desvirtuar o verdadeiro papel da literatura, falseando-a. Portanto, não é a escolarização da literatura que deve ser rejeitada, mas como ela é direcionada na escola.

Incomodamente, esse jeito inapropriado de ensinar na escola não é exclusivo da literatura, mas de outros tipos de conhecimentos também. Isso acontece quando são, forçadamente, transformados em saberes escolares, intencionando a comportamentos idealizados por uma sociedade dominante. Nesse contexto, é importante salientar que conduzir os alunos a compreender diferentes gêneros na literatura, e apreciar os conhecimentos prévios

dos mesmos, bem como seus credos e valores intrínsecos, favorecem muito o trabalho do professor. Facilita no desenvolvimento de estratégias para difundir as habilidades e competências de que os alunos requerem, a fim de que a leitura de literatura não fique somente na escola, mas que sirva para a vida deles.

Portanto, a literatura tem que ser trabalhada contemplando contextos variados e, concomitante à prática com leitura e gêneros diversos. A escola tem o poder de transformar a sociedade através dos horizontes que sugere e amplia. Assim, ao promover atividades com gêneros que envolvam seus alunos e suas comunidades através dos contextos que estão inseridos, estará valorizando o indivíduo e ampliando a interação social e a aprendizagem ativa de seus alunos.

Paulino e Cosson (2009, p.76) colocam que: “Na escola, a interferência crítica do professor é fundamental para que os alunos ampliem sua competência de leitura, lendo textos culturalmente significativos e entendendo o que os faz significativos.” Não há como ignorar o fato de que a escola, é por excelência, um espaço de experiências enriquecedoras, e a literatura pode ser um mecanismo de discernimento, valorização e transformação pessoal e social, especialmente porque, “[...] todos nós construímos e reconstruímos nossa identidade enquanto somos atravessados pelos textos” (PAULINO e COSSON, 2009, p.69).

Portanto, o exercício do ensino-aprendizagem da literatura deve acontecer com o uso da pluralidade de gêneros textuais na escola e longe dela, e em comunicação com o meio social dos educandos, precipuamente, no que tange às suas necessidades e às das comunidades que estes se inserem. Importante ressaltar, como veremos logo mais, o quanto a literatura na escola com o uso de HQ pode elevar o índice de leitura e letramento literário que tanto se almeja.

2.3 HQ E LITERATURA NA ESCOLA

O Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE começou a introduzir algumas impressões de livros em quadrinhos entre seu acervo recomendado ultimamente, para a educação básica. Na verdade, a prática de adaptação de obras tradicionais da literatura universal e nacional iniciou-se em meados do século XX e, por esta razão, passou-se a ser chamado de “quadrinização² de obras literárias” às adaptações da literatura para os quadrinhos. Esta ação

² “Quadrinização é um termo marcado por Adolfo Aizen, editor brasileiro de quadrinhos, fundador da Editora Brasil-América Ltda (EBAL), que refere-se à obra em quadrinhos criada a partir de obra literária” (BORGES, 2018, p. 164).

concebe-se em um estímulo a mais à leitura escolar de forma geral, sobretudo porque são usados os mesmos elementos gráficos dos quadrinhos consagrados, o que facilita para que essas adaptações sejam lidas de maneira mais fácil, porque permite aos leitores assimilar o conteúdo tratado mais rapidamente. Quanto aos professores, isto lhes avanta, pois promove muitas expectativas de se trabalhar e interpretar as obras.

Santos (2015, p. 35) assevera que HQ “é uma linguagem autônoma, que tem mecanismos próprios para se constituir como estrutura narrativa, mas que tem pontos comuns com a literatura, assim como outras linguagens, como o cinema e o teatro, por exemplo.” Importa deprender que HQ interage com a literatura, essencialmente por explicitar textos adaptados em uma linguagem mais “atraente” para os leitores do Ensino Fundamental. Suas linguagens verbal e não-verbal também se completam, causando assim, um maior entendimento do leitor:

De imagem em imagem, de corte em corte, de desenho em desenho, os quadrinhos – decompostos, fragmentados, divididos, num primeiro olhar – logo se “arranjam”, logo se “compõem” exatamente a partir de uma leitura pulsante e multiplicadora: o olhar que se volta para esta ou aquela dada estória para esta ou aquela aventura, o faz tendo em vista uma possível e real continuidade, para além de qualquer gestual “congelado”, para além de qualquer signo “petrificado” no tempo e no espaço (CIRNE, 2000, p. 175).

Neste ponto, é relevante a compreensão de que as crianças, por vezes, expressam suas emoções, seus desejos, antes mesmo de dominarem a escrita, através de desenhos. E essas imagens gráficas representam suas mensagens de comunicação, tanto para usar com os adultos, quanto entre elas próprias. A comunicação quase sempre acontece, pois, na maioria das vezes elas conseguem se fazer compreender.

Entretanto, em tempos passados, a leitura das imagens, ou a leitura dos quadrinhos, sofreu muito preconceito por serem consideradas maléficas, destrutivas, ou apenas de conteúdos impróprios para uso de estudantes. Segundo Vergueiro (2018), pais e professores acreditavam que as aventuras cheias de invenções nas páginas policromáticas das HQs, poderiam distanciar crianças e jovens de leituras consideradas mais sérias. Dessa forma, esse gênero sofreu restrições e, em muitos casos, foi proibido em ambiente escolar. E essa ressalva pedagógica contra os quadrinhos durou muito tempo. Não é certo que deixou de existir por completo, mas, as HQs hoje, não se restringem apenas à leitura de um gênero considerado “de massa.” Sua aplicação já é um hábito em salas de aula e impreterível pronunciar que todo o mundo sucumbiu ao gênero híbrido e fascinante das HQs. Segundo Vergueiro (2018, p. 17):

Aos poucos, o ‘redescobrimento’ das HQs fez com que muitas das barreiras ou acusações contra elas fossem derrubadas e anuladas. [...] grande parte da resistência que existia em relação a elas, [...] era desprovida de fundamento, sustentada muito mais em afirmações preconceituosas em relação a um meio sobre o qual, na realidade, se tinha muito pouco conhecimento.

O romancista José de Alencar, teve seu livro *O Guarani*, como a primeira obra da literatura no Brasil a ser quadrinizada, em 1937. E pouco a pouco, após os anos 1950, as HQs foram sendo efetivadas em materiais pedagógicos. Elas surgiam em livros didáticos, restritamente, ilustrando alguns conteúdos, que antes eram feitos por textos apenas verbais. Daí por diante, os livros didáticos passaram a contar com páginas de conteúdo imagético, ou seja, com possibilidades de leitura não somente verbal. E isso foi enobrecendo as salas de aula, que no presente, contam com a funcionalidade das histórias em quadrinhos em muitos conteúdos e, basicamente, em todas as disciplinas, além de paradidáticos de várias obras da literatura brasileira e universal.

No que concerne à importância das histórias em quadrinhos, a partir do século passado, Luyten (1985, p. 8) expõe:

As HQ marcaram a história do século XX e, para chegar à forma que conhecemos, acompanharam toda espécie de evolução, sofreram muitas influências, mas forneceram, nas últimas décadas, subsídios para todos os meios de comunicação e também para as artes.

Em Língua Portuguesa, trabalhar com as histórias em quadrinhos podem favorecer aulas bastante criativas, fecundas e diversificadas, por oportunizar várias possibilidades: da aula de variação linguística a uma aula de narrativa, ou de um romance da literatura brasileira a uma fábula de Esopo. Há um vasto campo de perspectivas a ser perscrutado pelos docentes no trabalho com os jovens leitores, em busca de despertá-los para o encantamento e fascínio da leitura e do desvendamento de si mesmos. Continuando sobre a temática, Vergueiro (2018) declara que para o uso das HQs não existem restrições, nem mesmo em sala de aula, pois podem ser usadas desde a infância ao nível acadêmico. Pela grande pluralidade efetiva de títulos, assuntos e histórias, podem oportunizar aos docentes, materiais bastante diversificados e disponíveis a qualquer nível ou idade que se adequem ao assunto que desejam expandir.

Com o crescimento do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), as HQs tiveram reconhecimento na sociedade intelectual, passando a serem vistas como uma manifestação artística diferenciada, por possuírem características próprias.

Presentemente, os quadrinhos estão também na literatura, e não somente como revistas de entretenimento, mas destacando temas relevantes para a sociedade, apresentando campanhas publicitárias, em narrativas reflexivas, ensinando a partir de questionamentos e valiosos ensinamentos. São histórias que narram vidas, enfatizam acontecimentos, estimulam virtudes, descortinando a ideia de que quadrinhos são apenas narrativas fantásticas feitas de heróis, como Batman e Superman. Pirota (2014, p.90) mostra que:

É insuficiente apenas afirmar que as adaptações em quadrinhos são um ‘conto com figuras’. Ao mesmo tempo que tal afirmação desconsidera a linguagem literária, também o faz com a linguagem dos quadrinhos. As adaptações quadrinizadas são uma releitura da obra, e não apenas uma transposição denotativa para uma outra linguagem.

Borges (2018, p.164) corrobora com esta mesma ideia ao dizer que também não se pode entender as adaptações literárias, as quadrinizações, como obras menores ou secundárias, que funcionam como estímulo à aproximação dos jovens leitores à apreciação da obra original, sobretudo porque “Muitas adaptações literárias têm todas as qualidades de um bom álbum de quadrinhos.”

Ora, um ensino proficiente de literatura é aquele que forma leitores, legando-os ao contínuo exercício com gêneros textuais, promovendo a compreensão e a criticidade do estudante, simultaneamente lhe transmutando em um ser questionador e ciente da realidade presente. Além do mais, trabalhar com obras literárias em quadrinhos é transpor os limites entre a imagem e a palavra, numa linguagem híbrida, intrínseca e amplificada de significados. E de acordo com Pirota (2014, p.91): “Acredita-se que as adaptações sejam uma forma de releitura da obra, e assim sendo, estão condicionadas às mudanças e apropriações tanto dos artistas quanto dos leitores.”

A leitura dos quadrinhos é bastante compreensível, diretiva, de fácil fruição. Por isso, mais perto da linguagem dos alunos, e com um jogo de cores, imagens e ícones que deslumbram desde as crianças aos adultos, viabilizando muito mais a praxe da leitura por deleite, porque, afinal, para ler com vontade é indispensável a assimilação do conteúdo. Pirota (2014, p.88-89) ainda completa que:

Tanto a literatura quanto a história em quadrinhos são artes capazes de representar o momento sócio-histórico no qual foram produzidas. A escolha das adaptações literárias para os quadrinhos amplia a necessidade de se repensar o quanto as diversas linguagens e técnicas artísticas dialogam entre si a ponto de criarem um gênero híbrido (o das adaptações literárias), que sustenta da união de características literárias e imagéticas, e é capaz de conter as ressignificações e representações dos artistas e dos leitores contemporâneos.

Quando é recomendada a leitura de uma HQ como *Dom Quixote de La Mancha*, a título de exemplo, é admissível que o aluno descubra algum sentido. E que seja bem mais do que uma leitura obrigatória, na qual o professor torne explícito o porquê de ser lida em HQ e não uma versão adaptada em prosa, como é o clássico do século XVII. Afinal, quando esses alunos tomariam ciência dessa obra, senão através do espaço escolar?

Contudo, é primordial que entendam Dom Quixote, como alguém apaixonado pela vida, e que luta, como um cavaleiro andante. Em busca de aventuras? Não. À procura de um equilíbrio às injustiças sociais, em prol de um mundo mais humanitário e a favor daquilo que idealizou através de muitas leituras que fez. É primordial que os alunos analisem na história a afeição edificada com seu escudeiro, além do respeito que vai se fortalecendo entre ambos. Sobre essa narrativa de Cervantes, Vieira (2018, p. 21) comenta: “seria possível entender a obra como sendo a narração da história de uma grande amizade entre o cavaleiro e seu escudeiro, ponderada por vários ângulos segundo as vicissitudes de cada um.”

Assim, as HQs favorecem várias perspectivas aos alunos, por lhes facultar instruir-se fundamentadas em uma obra literária, colaborando para a leitura dos clássicos universais em âmbito escolar ao conceber oportunidades de novos olhares, abrindo caminhos para um universo amplo de conhecimentos e aventuras. Eis porque para Cavalcante e Cedro (2016, p. 67, grifos do autor):

Com fins educacionais, as histórias em quadrinhos podem constituir uma **forma de literatura lúdica**, possibilitando aos seus leitores entretenimento, jogo e fantasia. Estes elementos podem contribuir para uma forma de pensamento diferenciado, estimulando a imaginação e o raciocínio crítico dos jovens, na medida em que as histórias ocorrem. Diversas histórias, como Superman, Batman, Tarzan, dentre muitas outras, “tornam real” um mundo imaginário contribuindo para o estímulo da imaginação dos seus leitores e possibilita à criação refletir sobre o mundo que o cerca.

Apreciar as sutilezas que há nas obras literárias universais é adentrar ao mundo que perpassa a realidade, e incentivar os alunos a entreverem na leitura, algo que representa muito mais do que as letras escritas podem mostrar, revelando-lhes que no mundo imaginário eles podem ser os protagonistas, os heróis, os sonhadores, os aventureiros, os guerreiros, as deusas, as sábias. E assim, serem capazes de imaginar o mundo de forma mais humana, onde eles possam mudar o fim da história, do jogo. Fundamentado no olhar que hoje as HQs representam na sociedade, é nítido que o seu valor como manifestação artística, cultural e literária é também inegável. Dito isso, colocamos as histórias em quadrinhos no rol dos recursos de grande valia à leitura e à consciencialização crítica e social dos educandos.

Voltando à aplicação das HQs em sala de aula, *Dom Quixote* é um exemplo de obra que pode ser bastante explorada, mostrando aos discentes os contrastes entre as personagens principais, que seguem como cavaleiros andantes e vivem inúmeras desventuras: Dom Quixote, um sonhador; Sancho Pança, seu escudeiro fiel, um homem realista. Mesmo com essas diferenças, diz Vieira (2018, p. 21): “[...] é surpreendente ver o diálogo que vai sendo construído entre eles, sendo o escudeiro um rústico lavrador e analfabeto ao lado de um cavaleiro letrado que parece não ter feito outra coisa na vida a não ser ler livros e refletir sobre eles.”

Hoje, essa HQ faz parte do patrimônio das bibliotecas nas escolas públicas, mesmo que em quantidade bem limitada. E lê-la pode ser imensuravelmente gratificante e enriquecedor para o senso crítico dos alunos, principalmente, ao criticar a postura imprudente dos adultos diante dos fatos cotidianos, especialmente ao julgar o comportamento do outro. Denotando-se uma acentuada crítica social, inclusive despertando nos alunos a reflexão sobre suas realidades, influenciando-os como cidadãos críticos e conscientes. Sobre leitura e a realidade nos textos literários, Costa (2008, p.29) assevera:

Ler é reconhecer-se. Toda vez que percebemos a identificação do leitor com situações, sentimentos e personagens, vivenciamos o poder de expressar o ser humano que o texto literário, por natureza, contém. É por isso que o leitor alimenta seu imaginário ao interagir com as construções literárias, inventadas a partir do real.

As histórias em quadrinhos com seu colorido harmonioso e suas imagens cadenciadas e bem distribuídas, causam poder de fascinação ao público-leitor. E se coligados aos textos literários que têm a habilidade de consciencialização social humana bastante avivados, então a educação estará mais enriquecida e com suportes pedagógicos que propiciarão aulas mais opulentas, leituras mais dinamizadas, resultados mais convincentes. Os quadrinhos têm uma leitura lúdica, atraente e de linguagem acessível para os alunos, o que facilita muito em um primeiro contato.

Segundo Borges (2018), só a leitura dos quadrinhos já pode ser prazerosa, reduzindo distâncias e alargando as perspectivas de entendimento da obra literária. As adaptações em HQ podem ecoar como sério convite à compreensão dos clássicos universais desde a sua história, à recepção da obra na época, ou até, concomitantemente, tudo isso junto. Assim, ler uma quadrinização é dar o consentimento ao artista gráfico de manifestar sua apreciação da obra, asseverando que ela está apta para declarar às novas gerações e “que marcou a cultura como modelo estético, historiográfico, político e/ou artístico” (BORGES, 2018, p.167).

Novamente, abordando a HQ *Dom Quixote*, podemos citar Vieira, (2018, p. 23), quando analisa que o cavaleiro andante tenta restituir os princípios da cavalaria não mais em vigor: “Enfim, o cavaleiro, além de lutar pela restituição dos princípios da cavalaria e do restabelecimento de uma outra ordem no mundo, se empenha com o rigor devido na formação de seu escudeiro.” Temos, então, uma obra que figura no passado, tentando retomar à sociedade, valores e princípios éticos, e que não foge da realidade almejada por muitos, quando idealiza uma sociedade justa, e humanizada.

Como se sabe, as crianças têm uma atenção diferenciada às figuras, elas se sentem atraídas pelas imagens, cores, e formas distintas que encontram nas HQs. Mas, de acordo com Cavalcante e Cedro (2016), é fundamental depreender que as histórias em quadrinhos não consistem em nenhum elemento mágico que possam por si só, transmutar a realidade da educação. Porque elas não nos abastecem com todas as conveniências de uma educação igualitária, qualitativa, e menos ainda, com as sôfregas e necessárias mudanças que o sistema educacional precisa.

Vale salientar que HQ não é literatura, e sim, uma arte sequencial³. Paulo Ramos (2016) focaliza bem isto ao asseverar que quadrinhos são quadrinhos. Sendo assim, compreendem linguagem peculiar, estruturas únicas e distinguíveis de representação narrativa. Muita coisa em comum com outras linguagens, e aí também se incorporam a literatura, o cinema, o teatro. Ou seja, os quadrinhos têm código privativo, assim como o cinema, a fotografia, o teatro, e tantas outras manifestações artísticas. Ramos (2016, p.19) reitera: “O importante é fixar a ideia de que quadrinhos e literatura são linguagens diferentes, que abrigam uma gama de gêneros diferentes.”

Costa (2008, p. 32) acrescenta que:

[...] na relação texto-imagem há limites permanentes: nem a palavra consegue substituir a imagem, por mais que tente descrevê-la, nem a imagem é capaz de reproduzir a sonoridade da palavra e a multiplicidade de sentidos que ela é capaz de evocar. Mas, respeitando as respectivas idiosincrasias, texto e imagem podem somar-se e ampliar os sentidos das mensagens.

Reafirma-se mais uma vez, que texto e imagem propiciam uma leitura engrandecedora e de significados amplos, dinamizando conceitos com suas peculiaridades. Dessa forma,

³ Arte sequencial é um termo cunhado por Will Eisner em seu livro *Comics and Sequential Art* e se refere à modalidade artística que usa o encadeamento de imagens em sequência para contar uma história ou transmitir uma informação graficamente. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/13/12/a-arte-sequencial#:~:text=O%20melhor%20exemplo%20de%20arte,como%20filmes%2C%20anima%C3%A7%C3%A3o%20e%20storyboards>>. Acesso em: 11 mai. 2021.

transmitindo mensagens e conhecimento que, somados, apenas enaltecem os progressos do ensino-aprendizagem em sala de aula. Engrandece, por fim, o trabalho do professor.

Sobre a eficiência do ensino com palavras e imagens dos quadrinhos na sala de aula, Vergueiro (2018, p.22) esclarece:

A interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais do que o simples acréscimo de uma linguagem a outra – como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados –, mas a criação de um novo nível de comunicação, que amplia a possibilidade de compreensão do conteúdo programático por parte dos alunos.

Esse entrelaçamento dividido com a literatura se reverte em um jogo lúdico e benéfico aos leitores de todos os anos de vida, sobretudo porque a sutileza nos detalhes e na linguagem híbrida atraem todos os olhares e afloram a imaginação do leitor, principalmente quando há cores envolvendo a história narrada. Eis porque para McCloud (2008, p.3) “[...] o olhar do leitor é guiado de quadrinho em quadrinho e é como sua mente é persuadida a dar importância ao que vê.” E é claro que essa linguagem persuasiva é intencional. O intento dos quadrinistas ao usar determinadas imagens e cores é condicionar o leitor a continuar até chegar no final da história. É tão imperceptível para o leitor e tão envolvente ao mesmo tempo que ele vai lendo um a um, até o fim.

Sobre o uso das HQs em sala, Vergueiro (2018) observa que as histórias em quadrinhos oferecem bastantes benefícios, pelo fato de conquistarem os alunos para as temáticas das aulas, porque provocam a curiosidade e despertam a criticidade, muitas vezes negligenciada. As adaptações quadrinísticas literárias também atraem os alunos com suas imagens, cores, traços, balões, linguagem simples, e muitas vezes, humorada. “[...] versam sobre os mais diferentes temas, sendo facilmente aplicáveis em qualquer área” (VERGUEIRO, 2018, p. 22).

Para Oliveira (2014, p.38), “O diálogo intertextual entre quadrinhos e literatura, ou, mais especificamente, a produção de obras em quadrinhos a partir do material literário, [...] revela muitas complexidades, o que por vezes, pode confundir num primeiro olhar.” Mas importa reforçar, segundo a autora, que as linguagens, verbal e não-verbal, têm características indistinguíveis, de caráter visual. Tanto as palavras como as imagens são responsáveis pela comunicação dentro da narrativa.

Borges (2018, p.170, grifo do autor) expressa que: “Um dos aspectos importantes da tradução do literário para os quadrinhos é a **seleção das partes do texto a quadrinizar**, que,

por si só, já pode ser tomada como uma autoria do quadrinista.” O que põe uma, a exemplo, os quadrinhos, como um intertexto da outra (a obra original). O quadrinista escolhe o que vai escrever para sugerir um diálogo o mais próximo possível da obra literária, propondo, por conseguinte, um novo formato de leitura tanto da que ele criou quanto daquela intertextualizada por ele.

Conhecer previamente as obras que dialogam entre si possibilitará um maior entendimento do que se propõe com a interdiscursividade entre os textos. E nessa intertextualidade se relacionam tanto os aspectos sociais e culturais, quanto a época de produção e a estrutura de cada obra. Assim, os bens culturais das sociedades são delimitados pela criação e recepção das artes no decorrer dos tempos.

A forma como muitos quadrinistas fazem a releitura das obras literárias para os quadrinhos tornam-nas mais atuais e, de modo consequente, mais propínquas à realidade dos sujeitos leitores que se querem conquistar. Tanto quanto colocam humor, parodiando, ou até mesmo quando fazem recortes nas falas das personagens, ou buscam uma linguagem mais cotidiana dos tempos atuais. Infere-se disto que a obra é reinventada para que o leitor interaja de maneira crítica e consciente, observando as distinções entre o agora, presente, e o ontem, passado.

Sobre obras adaptadas de literatura para quadrinhos, Oliveira (2014, p. 46) afirma:

Elementos consagrados, seja nos quadrinhos ou na literatura, trazem em si uma força compositiva que encontra eco naqueles que os reconhecem e legitimam suas existências. Ao estabelecermos o diálogo entre tais elementos, colocamos também em intersecção toda a mitologia que os acompanha e que, na relação entre obras, pontuarão a narrativa, emergindo no novo enredo.

Na verdade, cada gênero carrega em si características que lhes são próprias e reconhecidas, e que um novo elemento não substituirá o outro já existente. Uma obra clássica de alcance universal, não perderá seu mérito para uma adaptação. Porque ela é e será sempre reconhecida por aquilo que traz na sua essência, na sua história de criação, na sua importância para o legado cultural, social e histórico.

Sobre o uso das quadrinizações nas aulas de leitura e também de literatura, Borges (2018) sinaliza que podem ser fortes aliados para a leitura compartilhada de textos clássicos, bem como, no caso do Ensino Médio, favorecer no estudo das escolas literárias a partir da comparação de quadrinizações de obras do Romantismo, por exemplo, buscando semelhanças e diferenças, e como cada uma delas representa os ideais estéticos da época.

Oliveira (2014) enfatiza ainda que a interligação das HQs com a literatura é bastante aproveitada com uso dos recursos multimodais, a cumplicidade das linguagens, o encadeamento entre textos e obras. A inter-relação não se esgota nas amostras existentes, pois ainda há muito a se explorar, visto que atualmente, os quadrinhos também são utilizados pela literatura.

Assim, se hoje a literatura está sendo adaptada para os quadrinhos também como uma ferramenta em busca de benefícios no ensino e na aprendizagem, há também quem busque o inverso: os quadrinhos na literatura. E tudo pode acontecer nesse universo das linguagens híbridas, em busca de conhecimentos e de enriquecimento.

Sobre a utilidade dos quadrinhos na leitura, Bari (2008, p. 116) declara:

As histórias em quadrinhos cumprem, nas ações de renovação do papel social da leitura, a função de apresentar um texto altamente informativo e ao mesmo tempo conciso, onde o leitor usufrui da leitura e amadurece, abrindo as portas da mente para o que lhe vai ser agora ofertado: a garantia social de acesso aos bens culturais bibliográficos.

A autora coloca os quadrinhos não necessariamente como uma ferramenta didática, mas como algo que também gera conhecimento, e pode ser usado pedagogicamente. Dessa maneira, o entendimento é de que usar os quadrinhos na escola pode promover muitas descobertas sobre o mundo, sobretudo, notadamente por estar além da nossa realidade diária e fornecer leituras de obras diversas.

Tratando de adaptações para os quadrinhos, Pirota (2014, p. 108) observa:

Mas o quê são, então, as adaptações literárias para os quadrinhos? Com base em tudo o que se discutiu, acredita-se que elas são um gênero dos quadrinhos, pois constituem em um desdobramento dos elementos gráficos e estruturais destes, mas mantêm certa autonomia no que diz respeito ao uso desses elementos. Esse gênero se origina da intenção de traduzir uma história construída primariamente em um discurso literário para um discurso quadrinístico, e pode, ou não, ter fins didáticos, compreendendo-se didático não como a aplicação de um objeto em sala de aula, mas no uso de um objeto para a propagação do conhecimento.

Enfatizamos que, adaptar qualquer trabalho literário para os quadrinhos, é fazer uma releitura do mesmo, traduzindo-o sem lhe tirar a essência, e ao mesmo tempo, conferindo uma nova roupa a um modelo que já existia, mesmo quando essa releitura ou intertextualidade é uma paródia. Talvez nem todos os professores conheçam a essência da HQ, porque foram alunos de uma época em que elas eram proibidas. Mesmo assim, muitos compreendem que o uso de qualquer que seja o meio que consiga fazer com que os alunos leiam, é imprescindível nas escolas. Dessa feita, o preconceito vai aos poucos dando espaço às gibitecas (bibliotecas de

gibis), e as HQs estão cada vez mais presentes nas salas de aula, e os documentos oficiais e programas governamentais, que trataremos a seguir, têm importante papel nesses resultados.

2.4 DOCUMENTOS OFICIAIS E HQS EM SALA DE AULA

Segundo Vergueiro (2018), no Brasil, com a inclusão dos variados gêneros de textos nos livros didáticos, sucedendo somente após a apreciação do Ministério da Educação, mais ou menos nos anos de 1990, as HQs passaram a ser consideradas, como parte integrante do processo didático. Isso porque a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)*, de 20 de dezembro de 1996 presumiu como necessidade escolar, a inserção de novas linguagens e expressões artísticas e culturais na educação básica.

Aliando-se também à LDB, os *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*, no final dos anos 1990, criaram novo referencial para uso dos docentes nas escolas, para a revisão das práticas pedagógicas anteriores nos ensinos fundamental e médio, inserindo também as histórias em quadrinhos. Por fim, o *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)* de 2006, além de outros projetos estaduais e municipais têm inserido, nos dias atuais, a distribuição de HQs com fins didáticos, estruturando acervo para professores e alunos, adaptando as bibliotecas escolares, fomentando desenvolver leitores fluentes, e transmutando as práticas metodológicas em exercícios mais interativos e envolventes.

O PNBE disponibiliza livros como incentivo à cultura e à leitura de alunos e professores da educação básica, fazendo distribuição gratuita de obras literárias e periódicos para as escolas públicas, que vai do ensino infantil ao médio, e EJA (Educação de Jovens e Adultos). O PNBE divide-se em três etapas: O literário, o do professor e o de periódicos. Dessa forma, contribui para que tanto os professores quanto os alunos tenham paradidáticos facilmente e a leitura seja mais estimulada.

A partir do PNBE, em 2006, intentou-se incorporar as HQs na escola. Assim, de imediato, os quadrinhos apareceram na lista, onde antes, somente as obras literárias tinham esse privilégio, mesmo sendo somente dez exemplares. Um número pequeno, se compararmos ao total de 225 livros adquiridos pelo programa, que estava focado em atender os alunos do fundamental, cujo objetivo era fazer com que a leitura na escola se tornasse um ato prazeroso e constante.

Em 2008, o *Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio (PNBEM)* adquiriu 139 títulos, entre obras literárias, gramáticas, e outros, e nenhuma HQ. Ou seja, se a

princípio, parecia de pouca relevância ao desenvolvimento da leitura para os estudantes do ensino fundamental, para os do ensino médio, mostrou-se como totalmente desnecessário, improdutivo.

Analisando a lista de títulos selecionados pelo PNBE de 2008, Vergueiro e Ramos (2015, p. 19) entenderam que para o governo, as HQs são indicadas apenas aos alunos do ensino fundamental, e não seriam ideais aos alunos da educação infantil, tampouco aos jovens alunos do ensino médio:

Não houve títulos de quadrinhos na lista de 60 obras selecionadas à educação infantil. Na relação voltada ao ensino fundamental, sete dos 100 livros eram obras de quadrinhos. O número é menos que a relação anterior feita pelo governo, que tinha mais três publicações ligadas à área. Proporcionalmente, no entanto, houve um aumento de títulos quadrinísticos na relação de 2008, representam 7% do total, contra cerca de 4,5% da listagem passada.

Em 2009, com o mesmo objetivo de selecionar obras literárias para o Ensino Fundamental e Médio, na lista do PNBE já se observava diferença nos títulos, pois havia um item específico para adaptações literárias, como: histórias em quadrinhos, romance, memória, diário, poema, biografia, teatro, ensaio, obras clássicas, conto, crônica, texto de tradição popular, fábula. Assim, lança-se mais uma ideia de propiciar que as HQs sejam internalizadas ao sistema escolar.

No que lhes concernem, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (Brasil, 1998) sugerem que os alunos no Ensino Fundamental devem empregar os vários tipos de linguagens, como a verbal, musical, gráfica, plástica e corporal, para que possam produzir, expressar e comunicar seus pensamentos, como também interpretar e usufruir dos bens culturais, em todo e qualquer contexto em que a comunicação se faça necessária no uso das suas interfaces sociais. Os quadrinhos se sobrepõem a outros gêneros por usufruírem de linguagem mista, em que o diálogo e a informação se apresentam de maneira lúdica, onde a representação gráfica traz um forte apelo, apresentando-se assim, por si só, em um gênero chamativo bastante ilustrado.

Sobre o uso das HQs, a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), de 2018, afirma que há muitas oportunidades para desenvolver um bom trabalho com HQs, com filmes, animações e outros tipos de produções que se baseiam em obras literárias, além de avaliações e estudos sobre seus métodos de produção e como é a recepção do público-alvo. Porém, também argumenta e esclarece que essas produções não podem, simplesmente, substituir as obras literárias na escola.

Sobre a diversidade de linguagens textuais ao Ensino Fundamental, a BNCC indica:

a ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc. – e em suas múltiplas repercussões e possibilidades de apreciação, em processos que envolvem adaptações, remediações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, videominutos, *games* etc. (BRASIL, 2018, p.500).

É nessa prática de diversidade que se enquadra o trabalho com os diversificados gêneros textuais, acrescentando a estes, igualmente, as histórias em quadrinhos, que tanto podem ser as revistas (gibis) obtidas nas bancas ou em livrarias e conduzidas para o âmbito escolar, como também podem ser as adaptações literárias de obras diversas que compõem o patrimônio da biblioteca escolar. O importante é entender que, hoje, temos muitas alternativas concernente ao trabalho com gêneros e literatura, e tudo com intuito de formar leitores capazes, e que essas leituras passem a ser exercitadas continuamente. Os PCN complementam: “A diversidade não deve contemplar apenas a seleção dos textos; mas também, a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura” (BRASIL, 1998, p.26).

Os quadrinhos são citados como gêneros adequados para se trabalhar com a produção escrita dos estudantes do Ensino Fundamental nos PCN das séries iniciais, que incluem também: “cartas (formais e informais), bilhetes, postais, cartões (de aniversário, de Natal, etc.), convites, diários (pessoais, da classe, de viagem, etc.); **quadrinhos**, textos de jornais, revistas e suplementos infantis: títulos, lides, notícias, resenhas, classificados, etc.” (BRASIL, 1997, p. 82, grifo nosso). Esta proposta deixa explícito que o ensino da escrita deve levar em consideração a diversidade de gêneros textuais, principalmente os mais relacionados ao uso social dos alunos. Ou seja, aqueles que são necessários no convívio social cotidiano.

Sobre a linguagem dos quadrinhos no presente, Vergueiro (2018) deixa claro que com a eclosão de recentes suportes de comunicação e passatempos cada vez mais variados e requintados, os quadrinhos ultrapassaram limites que, em anos anteriores, seriam intransponíveis. As *webcomics* ou quadrinhos eletrônicos, evidenciam que as expressões linguísticas dos quadrinhos, assim como as de muitos outros gêneros, transpõem a estrema dos textos impressos, encontrando-se à disposição dos leitores também nos dispositivos eletrônicos móveis como *smartphones* e *tablets*, redes sociais, outras mídias e suportes que surgem dia a dia. Ressaltamos, que quanto mais obtivermos as HQs em suportes distintos, mais facilmente poderemos usufruí-las em sala de aula, e tê-las acessíveis a uma maioria de alunos.

A BNCC (Brasil, 2018, p.127, grifos do autor) deixa clara a intenção de atividades com gêneros digitais em Língua Portuguesa, e indica que os alunos possam:

Roteirizar, produzir e editar vídeo para *vlogs*⁴ argumentativos sobre produtos de mídia para público infantil (filmes, desenhos animados, HQs, *games* etc.), com base em conhecimentos sobre os mesmos, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.

Embora a sugestão citada seja interessante para todas as áreas de conhecimento, ela vem como uma das habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes do 5º ano, como atividade prática da linguagem oral. O que, necessariamente, não impede de ser usada em qualquer turma ou nível de escolaridade, visto que é de fácil adaptação e de interesse peculiar às turmas de ensino básico. Ademais, é possível o uso com obras literárias e se adequando às pretensões dos educandos.

Vergueiro (2015) nos adverte que os professores têm muita dificuldade para utilizar os títulos em quadrinhos distribuídos pelo PNBE nas bibliotecas escolares, talvez por que a maioria destes não têm nenhuma familiaridade nem com os títulos, nem com a linguagem e as singularidades das HQs. Dessa forma, ele diz ser necessário um trabalho que alfabetize professores e outros profissionais da educação para a linguagem dos quadrinhos. Somente assim será suprida a necessidade de deleitar-se didaticamente da leitura das HQs em sala de aula.

Se o professor conhece o gênero, se se familiariza com a linguagem das HQs, então ele poderá explorar todo o potencial artístico e comunicacional desses recursos didáticos, que hoje são tão significativos na língua portuguesa. Isso porque, principalmente no contato com a estrutura diferenciada e na interpretação textual e diante do contexto exposto, os educandos se deleitam, por fim, de todas as unidades verbais e imagéticas que podem enriquecer e valorizar ainda mais a práxis do ler e escrever a partir das obras quadrinizadas. E assim, o educador poderá preconizar aos seus discentes que usufruam das histórias em quadrinhos enviadas do PNBE para a biblioteca da escola.

Muitas vezes, de acordo com a BNCC (Brasil, 2018), o fato de o aluno se deslumbrar com os personagens do domínio das leituras de ficção, de HQs da Marvel⁵, por exemplo, dos

⁴ “é a abreviação de **videoblog** (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos” (Cf. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/vlog/>> Acesso em: 18 mar. 2020).

⁵ “**Marvel Comics**, anteriormente **Marvel Comics Group**, é uma editora norte-americana e mídias relacionadas. Hoje, a **Marvel Comics** ou **MC** é considerada a maior editora de histórias em quadrinhos do mundo. A maioria dos personagens fictícios da Marvel operam em uma única realidade conhecida como o Universo Marvel, com a maioria dos locais refletindo lugares da vida real; Muitos personagens principais (Capitão América, Homem-Aranha, Os Vingadores, Quarteto Fantástico) são ambientados em Nova York, Estados Unidos” (Cf. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marvel_Comics> Acesso em: 18 mar. 2020).

heróis de filmes de aventura, dos jogos de computadores e até o contato com outros fãs que têm os mesmos gostos, acabam encorajando-o a fazer leituras mais aprofundadas daquelas histórias que lhe interessam, e ele se vê, muitas vezes, descobrindo um universo compartilhado de experiências inigualáveis, enriquecedoras. Nem percebe que, aos poucos, vai desenvolvendo as habilidades de leitura, repudiadas por muitas vezes, visto que não transcorriam de forma espontânea.

Segundo os PCN de Língua Portuguesa (Brasil, 1997, p. 25-26):

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais [...] Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

É fundamental trabalhar com a linguagem do aluno, com os textos habituais do seu dia a dia, porque fazem parte de quem ele é e de onde vive, mas sem deixar de inserir novas possibilidades como forma de enriquecer o contato desse com leituras diversas, mais elaboradas, como textos poéticos, por exemplo, textos científicos e, por que não os textos clássicos também em HQ? Sabemos que em algum momento eles podem se deparar com gêneros desses tipos e precisam relacionar-se o quanto antes, no espaço escolar. É de suprema relevância lembrarmos que a leitura de mundo é parte também do que se vai aprendendo em sala de aula. À vista disso, muitos saberes são adotados dia a dia no ambiente escolar e nos lugares ao seu alcance.

Ratificando o que foi dito anteriormente, Mayer (2001 *apud* DIONÍSIO *et al.*, 2013) nos diz que os estudantes assimilam melhor com a exploração de palavras e imagens, muito mais do que somente com palavras, porque dessa forma se considera o potencial que a linguagem visual exerce sobre os educandos. Dionísio *et al.* (2013, p.19), concordam com essa teoria quando afirmam que “trazer para o espaço escolar gêneros textuais em que ocorra uma combinação de recursos semióticos significa, portanto, promover o desenvolvimento neuropsicológico dos aprendizes”.

Compreendemos que adaptando obras clássicas da literatura para HQ aprimoramos o ensino-aprendizagem com o texto, ademais, também oportunizamos o letramento literário, que é fundamental. Acreditamos, pois, que:

Se, no texto literário, o narrador produz imagens que se duplicam no imaginário do leitor, nos quadrinhos (ou nos filmes, novelas, etc.), essas

imagens são potencialmente multiplicadas, concretizando e pluralizando a proposta carregada por cada palavra escrita no texto de partida. Considero, primeiramente, que há entre os textos de partida e de chegada uma relação intertextual extremamente enriquecedora da leitura (PINA, 2014, p. 213).

Frisamos que as quadrinizações podem formar leitores profícuos, uma vez que sua linguagem híbrida é capaz de potencializar habilidades nos educandos jovens do Ensino Fundamental, que a literatura sozinha talvez não conseguisse alcançar. Porque, segundo Cagnin (2014), ler quadrinhos é bem satisfatório ao leitor, pois lhe dá liberdade total de escolhas. O leitor pode ler todos os detalhes das imagens, quadro a quadro, passar somente os olhos pelas imagens das páginas, rapidamente, apressar ou procrastinar a leitura conforme seu tempo, interromper quando quiser, voltar para rever e apreender algo que não foi bem entendido. Com um filme, por exemplo, as possibilidades são outras, porque algumas dessas são inviáveis.

É indiscutível, portanto, que os quadrinhos ao conciliar palavras e imagens, enriquecem as práticas da leitura, como resultado, agregam os jovens leitores à atualidade das mídias virtuais, assim se aproximam à cultura corrente, convertendo a sala de aula num ambiente de sociabilidade e relevância.

Sobre o trabalho com a diversidade no campo artístico-literário, a BNCC (Brasil, 2018) promulga que a diversidade de gêneros, estilos, autores, autoras devem integrar a organização e progressão curricular. Também contemplando os textos contemporâneos, os de outras épocas, os textos regionais, a literatura nacional, a literatura portuguesa e africana e de outros países; os cânones, os clássicos universais, a leitura fantástica, a tradição oral, como os cordéis, o multissemiótico, a cultura digital e juvenil, ainda que privilegie o letramento da letra.

Nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio de Língua Portuguesa* (BRASIL, 2006, p.28), está explícito que:

A lógica de uma proposta de ensino e de aprendizagem que busque promover letramentos múltiplos pressupõe conceber a leitura e a escrita como ferramentas de empoderamento e inclusão social. Por fim, observamos que as HQs, timidamente, vão sendo inseridas nas escolas, mesmo quando a princípio se procurava apenas as adaptações de obras literárias.

Ou seja, o aluno precisa ter contato com a variedade de gêneros presentes na sociedade, e isso inclui também os digitais, para que não seja excluído socialmente das atividades e habilidades que os mesmos exigem na utilização. Ler uma HQ, compreender o seu fazer, também é inserção. Essas orientações não cabem só para o ensino médio, mas aos alunos do Ensino Fundamental, para que possam se sentir incluídos e ambientados com os recentes

recursos tecnológicos de uso pedagógico, como alternativa de reforçar e aprimorar a aprendizagem das disciplinas em geral.

Nas *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Novo Ensino Médio* está exposto que:

Se, na sala de aula, o estudante analisa textos com os quais convive fora da escola, as relações que faz entre os conteúdos disciplinares e sua vivência tornam-se muito mais significativas. Não se pode relevar a importância de suportes diversos do livro – cuja leitura é tão cobrada nas aulas de literatura – e se estendem à revista, ao jornal, à enciclopédia, ao *outdoor*, para citar apenas alguns. Somente como leitores de múltiplos textos os alunos desenvolverão a contento sua competência textual. (BRASIL, 2006, p.78).

Constatamos que, também, para o Ensino Fundamental isso é válido, porque percebemos que não é possível desconsiderar a bagagem de mundo transportada à sala de aula, regularmente, pelos estudantes. E é também incumbência do professor tentar persuadi-los sobre a importância de valorizar a cultura do local em que vivem. Portanto, a cultura das comunidades é parte do contexto escolar, e deve estar engajada como tal. Desse jeito, as HQs podem fundamentar e valorizar temas variados e não somente ser usado enquanto um gênero textual. Assim, terá significado mais que relevante no contexto escolar e para o aluno também enquanto cidadão.

Ratificando o que foi dito, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Ensino Fundamental de 2013, acrescentam que o trabalho da equipe pedagógica deve ser feito a partir das necessidades dos educandos, considerando tempo, espaço e diversidade de grupos, as diferentes interpretações artísticas, a multiplicidade de materiais, os múltiplos suportes literários, as ações para incitar o raciocínio, as condutas investigativas, a convivência entre escola e meio comunitário, além do ingresso aos ambientes de manifestação cultural. Conseqüentemente, uma atividade com planejamentos que oportunizem a interdisciplinaridade e o convívio com a variação de gêneros textuais como as HQs, por exemplo, se incluído como um desafio, só tem a acrescentar, principalmente quando o propósito é inserir crianças, jovens, e adultos no mundo da leitura lúdica. Pois atividades interdisciplinares são fundamentais para a integração de todos que compõem a comunidade escolar, e uma forma dinâmica de ensino-aprendizagem.

Por fim, observamos que as HQs, timidamente, vão sendo inseridas nas escolas, mesmo que anteriormente, se preocupassem apenas com as adaptações de obras literárias. E o PNBE teve um papel primordial, pois tendo a isenção de alguns títulos ano a ano, facilitou com que o mercado dos quadrinhos ampliasse. E assim, exemplares de HQs que foram adaptadas da

literatura nacional e universal, estão hoje, incluídas nas bibliotecas das escolas públicas, sendo fontes de prazer e conhecimento, porque, como diz Nogueira (2017, p. 3) “[...] a boa leitura é aquilo que o leitor deseja ler [...].” Consequentemente, impulsionar à leitura através de uma sequência didática que favoreça o letramento literário através das HQs, como a que propomos a seguir, pode ser um importante instrumental para dinamizar as atividades pedagógicas de literatura.

3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O 9º ANO

3.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A LEITURA DE HQS

O intuito de todo professor de Língua Portuguesa é encontrar a fórmula mágica de encantamento dos alunos pela leitura, seja literária ou não, e intervir de quantas estratégias forem possíveis, na tentativa de alcançar a compreensão leitora em todos os seus níveis. Em sala de aula são vários os contextos em que a leitura dos textos literários e dos diversos gêneros textuais se faz presente. Dessa forma, é necessária, a partir de um planejamento linear, uma intervenção adequada para cada situação de uso do texto. Pensando no benefício de um letramento literário eficaz para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, recomendamos uma sequência didática básica com os moldes elaborados por Rildo Cosson (2019a) em sua conhecida obra *Letramento literário: teoria e prática*.

Vale salientar que o 9º do Ensino Fundamental tem suas peculiaridades e prioridades concernentes à prática leitora e a todas as atividades derivadas desta. Visto que, particularmente, é uma das séries avaliadas pela esfera estadual de educação, anualmente, no caso do Ceará, pelo SPAECE (Sistema Permanente de Avaliação do Estado do Ceará), e bianual, pelo SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), de esfera nacional. Dessa forma, temos hoje, a partir de uma política planejada para essas avaliações externas, livros didáticos que contemplam o uso variado de gêneros, e questões voltadas para as mesmas, além da adequação de conteúdos à BNCC (Brasil, 2018).

Mesmo assim, ainda falta o empenho conjunto, ou objetivo consolidado, tanto dos professores quanto do seu material de apoio pedagógico, no caso, o livro didático, em alicerçar um planejamento voltado à leitura de obras literárias, sejam estas contemporâneas ou canônicas. Encontramos muitos fragmentos de obras diversas, mas só citá-las não significa um incentivo para que sejam apreciadas. Falta uma motivação. Não há estímulo de leituras de livros literários, nacionais ou estrangeiros, na íntegra, em grande parte dos livros didáticos de Português. E por intermédio daqueles que deveriam ser os incentivadores da leitura na escola, os professores, falta o envolvimento, o despertar para a consciência leitora.

E é esse ponto que precisamos impulsionar, para que os professores envolvam seus alunos no universo da leitura, do conhecimento e da aventura, através de uma sequência didática (SD). Porque, para Casseb-Galvão e Duarte (2018: p. 28), a sequência didática “[...] traz em sua essência a tradição do pensar pedagógico organizado, quando se prevê um direcionamento de ações com vias a alcançar determinado fim, diminuindo as margens de improvisação na ação

docente”. Ou seja, para as autoras citadas, o planejamento pedagógico em sequência didática (SD) é uma forma de sistematizar o trabalho didático de forma linear, organizada e metódica, já que é elaborada previamente a partir de objetivos práticos, o que possibilita resultados eficazes.

Porque, em concordância com Cosson (2019a, p. 36): “Selecionado o livro, é preciso trabalhá-lo adequadamente em sala de aula. Já sabemos que não basta mandar os alunos lerem.” Portanto, sem um direcionamento, a leitura fica esvaziada de sentido. E mais ainda: se o professor desconhece a obra, também não poderá propor uma SD adequada para a atividade leitora em questão. Ao conhecer a obra selecionada, fica mais fácil saber quais as atividades propostas que mais propiciarão conhecimento ao aluno.

Seguindo essa premissa, abordaremos uma Sequência Básica (SB) a partir da HQ *Dom Quixote* (2008), do quadrinista Bira Dantas, baseada no romance *Dom Quixote de La Mancha* (1605), de Miguel de Cervantes Saavedra, escrita em 126 capítulos, que retoma como pano de fundo as Novelas de Cavalaria, e traz em seu enredo as aventuras de Dom Quixote e Sancho Pança, os quais compartilham de uma amizade e fidelidade que crescem juntamente com o decorrer da narrativa. Assim, acreditamos que uma leitura voltada para esta obra pode aguçar o senso crítico, o espírito de justiça, o desejo de experimentar aventuras dos alunos e, assim como Quixote, reviver os prazeres dos heróis dos livros. Sobre essa obra, Machado (2002, p. 53) esclarece que: “Conta a história de um fidalgo espanhol pobre que adorava livros de cavalaria e, de tanto lê-los, enlouquece e passa a se ver como um cavaleiro, destinado a consertar os erros do mundo, desfazer injustiças.”

Segundo Oliveira (2013), a SD é um processo claro, de atividades inter-relacionadas e que necessita ser bem elaborada na divisão de cada passo e escolha dos temas propostos, para serem trabalhados integralmente com vistas a oportunizar o envolvimento e a participação do aluno desde o planejamento inicial até a avaliação de toda a sequência. Assim, o comprometimento do aluno não é um mero detalhe, mas uma especificidade para o resultado esperado. Dessa forma, tudo que se planeja é pensado a partir das peculiaridades do grupo e também das particularidades individuais.

Se o desígnio é o letramento literário, um simplificado planejamento de aula pode não ser suficiente e, por isso, trazemos aqui como proposta de intervenção, uma sequência didática fundamentada, principalmente por Cosson (2019a), que através de Círculos de leitura e pesquisa, nos propiciou adequar nossas salas de aula para que as atividades de literatura não sejam mais as mesmas dos nossos tempos de estudante do ensino básico, porque um texto pode

dialogar com outros textos, que se concatenam a outras linguagens. Pois, conforme Cosson e Souza (2011, p.103):

O letramento literário enquanto construção literária dos sentidos se faz indagando ao texto quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz. Respostas que só podem ser obtidas quando se examinam os detalhes do texto, configura-se um contexto e se insere a obra em um diálogo com outros tantos textos.

Escolhemos para esta sequência, denominada por Cosson de sequência básica (SB), a adaptação em HQ *Dom Quixote*, de Bira Dantas (2008), já que a original seria inapropriada para turmas de 9º ano, pois demandaria um tempo longo para sua leitura, em virtude da extensa quantidade de páginas dos dois volumes. A HQ nos pareceu bem propícia à faixa etária infantojuvenil, além de apresentar uma linguagem híbrida concernente com os diálogos representados na obra. Para Machado (2002) muitas das obras clássicas não seriam compreendidas pelos jovens em sua versão sem cortes, mas suas narrativas são importantes para que conheçam o que hoje somos. Por isso, não é obrigatório que a primeira leitura dela seja por meio dos textos originais, mas que haja uma abertura de um primeiro contato, e que seduza, marque o leitor, infundavelmente. Quem sabe assim, na maturidade, essa mesma obra possa ser lida na íntegra.

A seguir, apresentamos um quadro-resumo da sequência básica organizada em seis momentos.

SEQUÊNCIA BÁSICA			
ETAPA	OBJETIVO	TEMPO	RECURSOS
Motivação	Motivar os alunos para a receptividade da HQ <i>Dom Quixote</i> (2008), roteirizada e ilustrada por Bira Dantas, adaptada do clássico de Miguel de Cervantes, a partir de leituras de HQs diversas.	02 horas-aula	Espaço físico organizado em círculo; <i>Datashow</i> , caixas de som, <i>notebook</i> ; HQs variadas e mangás. Imagens impressas de capas de HQs, balões e outros recursos dos quadrinhos; papéis coloridos, cartolinas ou E.V.A.
Introdução	Retratar um pouco sobre a vida de Miguel de Cervantes e expor ligeiramente sobre sua obra clássica de reconhecimento mundial, <i>Dom Quixote</i> , também sugerindo a leitura da adaptação em HQ, de Bira Dantas.	02 horas-aula	<i>Datashow</i> , caixas de som, <i>notebook</i> ; O clássico original <i>O engenheiro fidalgo Dom Quixote de La Mancha/O engenheiro cavaleiro Dom Quixote de La Mancha</i> , de Cervantes e a HQ <i>Dom Quixote</i> ;

			Imagens impressas de capas de outras adaptações em livro e em filmes; Papéis coloridos, cartolinas ou EVA.
Leitura	Efetivar a leitura, silenciosamente, da HQ <i>Dom Quixote</i> , se deleitando com as atrapalhadas do nobre cavaleiro e de seu fiel escudeiro.	02 horas-aula	Espaço físico decorado com: almofadas, travesseiros, pufes e/ou edredons; HQ <i>Dom Quixote</i> para todos os alunos e/ou <i>pdf</i> para leitura em dispositivos móveis.
Intervalo 1	Resgatar os elementos da narrativa gerando um gráfico comparativo ou tabela entre a HQ que está sendo lida e o livro <i>Dom Quixote no Brasil</i> (1989), de Noronha.	02 horas-aula	Espaço físico organizado em círculo; HQ <i>Dom Quixote</i> e livro <i>Dom Quixote no Brasil</i> , de Noronha.
Intervalo 2	Discutir sobre Novelas de Cavalaria e porque muitos filmes e livros como os lidos por Dom Quixote, se caracterizam assim; apresentar <i>Dom Quixote em cordel</i> (2010), de Olegário Alfredo.	02 horas-aula	Espaço físico organizado em círculo; HQ <i>Dom Quixote</i> e o texto impresso para leitura compartilhada <i>Dom Quixote em Cordel</i> , de Olegário Alfredo. <i>Datashow</i> , caixas de som, <i>notebook</i> e <i>pendrive</i> ;
Interpretação	Realizar as atividades de criação em grupo, a partir dos olhares dos alunos sobre o clássico em HQ <i>Dom Quixote</i> .	03 horas-aula	Espaço físico organizado em grupos; laboratório de informática. Computador com internet; impressora multifuncional colorida; HQ <i>Dom Quixote</i> . Folhas de papel sulfite (brancas e coloridas), cartolinas, folhas de papel 40, lápis grafite, lápis de cor, canetas coloridas e gizes de cera.

O que esperamos ao propor uma sequência básica como esta, com *Dom Quixote* em HQ é que haja uma possibilidade de aguçar a curiosidade de que o aluno ainda jovem, ou no futuro e já adulto, leia a obra exemplar de Cervantes e que se apaixone, se empolgue, se emocione e reconheça os valores humanos nela inseridos, sobretudo justiça, amizade, fidelidade e união. Um dos objetivos é que os personagens Dom Quixote e Sancho Pança despertem o lado mais humano e justo e que inspirem aventuras conscientes nos seus leitores.

Dom Quixote não é somente um clássico de mais de 400 anos. Mas um cânone na história mundial, lido universalmente, e onde a realidade visualizada por Sancho Pança se

mescla com as loucuras da imaginação de Dom Quixote. Uma obra dividida em dois volumes, que marca a trajetória de um senhor, Alonso Quixano, cuja boa parcela da vida passou lendo seus livros de romance de cavalaria, e que de tanto ler, embarca nas histórias como se ele próprio fosse defender todas as donzelas em perigo, todos os fracos e oprimidos das mãos de seus algozes. Em sequência, apresentamos algumas aventuras presentes nessa obra para conhecer um pouco de *Dom Quixote*.

Conhecendo *Dom Quixote*

Narrando um pouco sobre a Parte 1 desse clássico espanhol, temos Dom Alonso Quixano, nosso protagonista, fidalgo de uma aldeia de La Mancha, na Espanha. Em suas propriedades viviam também uma sobrinha, uma senhora que era sua governanta e um rapaz que lidava com tudo. Todo o dinheiro que arrecadava era para abastecer sua biblioteca com novelas de cavalaria. E assim, gastava suas horas lendo a fio, com histórias e aventuras de cavaleiros nobres. As conversas com seus amigos sempre se davam sobre as histórias que lia em seus livros. Dessa feita, resolveu que por não existirem mais heróis, ele seria um, e traria de volta a honra e a lealdade, pois para ele, naquele tempo só havia futilidades e corrupção.

Dom Alonso Quixano se veste de armadura, seu pângaré é para ele um cavalo puro-sangue, e ele o nomeia de Rocinante. Entre o que é realidade e fantasia, não há romance se não houver uma donzela pela qual lutar e provar o seu amor, pois “um cavaleiro sem amores é árvores sem frutos, corpo sem alma...” (DANTAS, 2008, p. 7). Dulcineia del Toboso, mais um fruto de sua imaginação, é a donzela que lhe inspira a ir à luta como um cavaleiro honrado. A senhorita imaginária é uma dama inspirada em uma paixão antiga, camponesa e analfabeta, por nome de Aldonça, moradora de Toboso. Mas sua dama era como as dos livros: uma bela princesa. Com um belo cavalo, armadura, armas, e uma amada, Dom Alonso escolheu ser chamado de Dom Quixote de La Mancha.

Mas antes, ele precisava ser consagrado cavaleiro, pois jamais poderia lutar concomitante às leis da cavalaria. Em sua primeira aventura encontra uma estalagem, mas em sua fértil imaginação é um castelo, e o seu dono o fará nobre cavaleiro. Ele cria confusões em seus devaneios, de sorte que o estalajadeiro encena um rito para o sagrar cavaleiro, a fim de rapidamente se livrar da presença de Dom Quixote. Faltava ainda um escudeiro, então o nobre cavaleiro resolveu voltar para casa.

Como seu escudeiro, delibera a função a um lavrador vizinho seu, Sancho Pança, a quem oferece recompensa de terras e título da nobreza para acompanhá-lo em suas aventuras de heroísmo. E nosso cavaleiro errante vai desbravando o mundo imaginado por ele, como se fosse um herói. Enquanto dorme em seu retorno para casa por dois dias, seus livros são queimados, e sua biblioteca com os poucos livros poupados, é fechada com tijolos, e fica inacessível para ele. Sua sobrinha culpa os romances de cavalaria pelas loucuras do tio, então não foram poupados da fogueira. Por quinze dias pareceu que Dom Quixote estava bem, mas de repente, resolve se vingar de Frestão, um feiticeiro da sua imaginação, a quem culpa de ter sumido com seus livros e chama seu vizinho para outra aventura. Sancho o acompanha com a ilusão que será designado por Dom Quixote, governador de uma ilha.

Todos os cenários da realidade são considerados adversidades que devem ser superadas, como os moinhos de vento que ele vê e ataca como se fossem gigantes, mesmo quando Sancho o adverte. Sempre chamando por sua amada Dulcineia, Dom Quixote parte contra os gigantes com sua lança e é arremessado para longe. A lança fica aos pedaços. E nosso herói, machucado. Mesmo assim, não para de se meter em confusão, na sua eterna luta pelos mais fracos. Dessa forma, até frades são perseguidos pelo cavaleiro, pois na sua imaginação descabida eles estão sequestrando uma princesa. Sancho recebe várias pancadas dos ajudantes dos frades e Dom Quixote também sai dessa com a orelha cortada, mas deixando um dos ajudantes de cabeça quebrada, e uma promessa de busca por Dulcineia.

Ao encontrar alguns pastores acampados, ambos têm à disposição alimento e acolhida, e um lugar para descansar. Ouvem música, Dom Quixote discursa, e também tem o ferimento de sua orelha cuidado com unguento de folhas de rosmaninho mascadas e misturadas com sal. E chega mais um pastor para anunciar a morte de um estudante conhecido como Crisóstomo, cuja paixão por uma jovem órfã conhecida por Marcela, levou-o a esse desfecho. Pelo que contam os pastores a Quixote, a donzela em questão, vivia simplesmente pelas matas como pastora, apesar de ser rica, e desdenhou do amor de Crisóstomo. Porém, a jovem o desencorajou, mas sem êxito. Ao surgir nas proximidades de onde aconteceria o sepultamento e em sua defesa Marcela diz: “[...] Nasci livre e sempre desencorajei os apaixonados. Crisóstomo era teimoso. Mesmo desenganado, ele teimava em seguir uma solitária como eu.” (DANTAS, 2008, p. 33)

Após o sepultamento de Crisóstomo, Sancho Pança e Dom Quixote se despediram dos pastores e se adentraram nos bosques verdejantes. Porém, Rocinante farejou éguas pelas colinas e partiu em disparada para um namoro, mas foi recebido a coices. Os tropeiros que descansavam por perto, não gostaram daquela invasão e deram várias pauladas em Rocinante. Dom Quixote e Sancho correm em defesa do animal, e são recebidos a pedradas e pauladas. Assim, novamente, Dom Quixote fica todo arrebatado, e dessa vez, somente o jumento, de propriedade de Sancho Pança, consegue sair ileso de tamanha pancadaria.

Dom Quixote tinha muitas informações sobre a vida dos cavaleiros dos seus livros e em uma das suas aventuras, ao ser cobrado pelo dono de uma venda pela comida e hospedagem servidas, alegou: “[...] Está na Lei dos Cavaleiros Andantes: jamais pagar pousada ou comida em vendas.” (DANTAS, 2008, p. 38). Dessa forma, muitas vezes saía sem pagar, e era também desacreditado pela sua aparência de louco. Em meio a muitas desventuras, Sancho tinha a cabeça no lugar, mesmo com a ingenuidade de acreditar nas promessas feitas por Dom Quixote de governar uma ilha. Com isso, seguiram ainda por mais andanças e aventuras inusitadas, e houve até uma luta contra um exército de ovelhas e carneiros. E assim, machucado e sem dentes, foi nomeado por Sancho como *o cavaleiro da triste figura*. Voltam para casa e Dom Quixote é cuidado pela ama e pela sobrinha. Dessa maneira, encerra a parte 1 do clássico de Miguel de Cervantes.

A seguir, detalharemos a sequência didática com a HQ *Dom Quixote*, na esperança de que essa adaptação seja o estágio inicial para uma leitura prazerosa em sala de aula. Jamais fora planejada como uma atividade obrigatória, mas como um momento de descoberta de um clássico mundial e que pode ser inesquecível tanto para os jovens, quanto para os educadores. Que essa sequência básica seja uma sugestão exequível às aulas de leitura, pois como todo plano de aula é suscetível à alteração.

3.2 SEQUÊNCIA BÁSICA (SB): UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O 9º ANO

A seguir, um quadro-explicação em resumo, acerca das etapas da sequência básica nos moldes de Cosson (2019a).

1ª etapa: motivação – é o momento inicial para envolvimento do aluno com o texto/obra.

2ª etapa: introdução – é a aproximação da obra e do autor para os alunos.

3ª etapa: leitura – é a vez de os alunos lerem a obra e o professor acompanhar a leitura.

4ª e 5ª etapas: intervalos – momentos de apreciação de intertextos ou outros textos e adaptações em torno da mesma temática da obra/texto.

6ª etapa: interpretação – é quando o aluno descobre a obra/texto de forma individual e externaliza coletivamente, com suas apreciações.

A SB foi disposta em (13 horas/aulas), fragmentada em seis etapas: as cinco primeiras de 2h/a e a última de 3h/a. Esta proposta é a parte final da nossa pesquisa pelo PROFLETRAS/Campus de Cajazeiras, e seu esboço preparado com intuito de fomentar o letramento literário para o Ensino Fundamental, especialmente aos alunos do 9º ano. Assim, salientamos quão importante é que seja aplicada como instrumento educativo de consolidação ao efetivo exercício da leitura das obras da literatura universal em sala de aula. Incumbe, então ao professor, usá-la e adaptá-la caso veja como necessário.

Destacamos em todas as etapas algumas das habilidades da BNCC (Brasil, 2018) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, seja para as turmas do 6º ao 9º ano, ou que contemplem somente o 9º ano. Frisamos ainda que tais habilidades reforçam, principalmente o uso dos gêneros textuais diversificados, inclusive os digitais, assim como enfatiza o foco nos textos literários em suas diversas formas.

1º MOMENTO: MOTIVAÇÃO – O que é uma HQ? Vamos conhecer algumas?

Tempo aproximado: 2 h/a de 50 min.

Habilidade da BNCC (Brasil, 2018, p. 157):

(EF69LP44)⁶ “Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção”.

A motivação é uma etapa de conhecimento prévio, para que os alunos possam descobrir coisas que não conhecem sobre o arcabouço de uma HQ, por exemplo, as linguagens utilizadas, as paletas de cores, as expressões, os balões de falas e outras emoções, as onomatopeias, dentre outras coisas que caracterizam e especificam as HQs. Ou, simplesmente, o compartilhamento de informações sobre esse suporte que é diferente dos livros paradidáticos já conhecidos por todos.

Solé (1998, p. 91) explica: “As situações de leitura mais motivadoras também são as mais reais: isto é, aquelas em que a criança ler para se libertar, para sentir o prazer do ler, quando

⁶ Código da BNCC, para cada habilidade proposta: habilidade **44**, de Língua Portuguesa – **LP**, para o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano (EF69LP44).

se aproxima do cantinho de biblioteca ou recorre a ela.” Assim, uma leitura que encontre semelhança em algo que é parte da realidade vivida pelos alunos é mais estimulante, principalmente se a partir dela alguns desafios possam ser propostos. E como a obra em questão é cheia de adaptações em todas as artes e pelo mundo, os alunos encontrarão muitos motivos para lê-la e conhecê-la.

É interessante que esse momento seja planejado em outro ambiente distinto da sala de aula. A biblioteca seria o espaço ideal para dinamizar esse instante, mas na falta de uma, pode ser a própria sala de aula, organizada e decorada com almofadas, tapetes, pufes, caixas com revistas em quadrinhos distribuídas em locais estratégicos, inclusive mangás. Deixe montado o *Datashow* para a exibição dos vídeos selecionados para esta etapa. Coloque as cadeiras em círculo para um bate-papo com a turma: esse diálogo consistirá em receber dos alunos as informações que eles têm sobre HQs, desde a estrutura e forma aos tipos e personagens.

Em seguida apresente o vídeo *O que são quadrinhos?*, e reabra o diálogo sobre algo novo que eles venham a perceber através da exibição. Neste caso, eles vão ouvir sobre mangás e de como devem ser lidos. Amplie mais o diálogo sobre a cultura oriental do mangá e complemente com outro vídeo que reforça sobre como se faz a leitura dos quadrinhos no Japão e no Brasil, além de sintetizar características peculiares de alguns tipos de quadrinhos e seus conceitos: *Gênero textual: mangás e outras histórias em quadrinhos*.

Para pôr em prática os conceitos apresentados nos vídeos, cada aluno deve pegar uma HQ disponível nas caixas espalhadas pelo ambiente, que pode ser a biblioteca, ou sala de multimídias, ou a própria sala de aula, folheá-la, escolher uma das histórias e lê-la. Na sequência, o professor requisita que a turma identifique os recursos utilizados na narrativa quadrinizada que leu: os tipos de balões, cores, expressões, letras, onomatopeias, etc. Este é o ponto em que os alunos confrontarão os exemplos às teorias vistas e ouvidas através dos vídeos e das explicações do professor.

Em sequência disponibilizamos um quadro com quesitos que podem familiarizar a turma com os temas das HQs em geral, das lidas nesta etapa e dos vídeos assistidos.

Perguntas anteriores às leituras das HQs:

- Alguém conhece ou já leu uma HQ?
- O que é uma HQ?
- O que é um mangá?
- Quais você conhece?
- Como são os balões de fala?
- E os de pensamento?
- Como identificamos as onomatopeias?

Perguntas posteriores às leituras e exibição dos vídeos:

- O que você aprendeu sobre o texto ou HQ que leu?
- Quais recursos dos quadrinhos foram encontrados na história?
- Qual é o tema da HQ lida por você?
- Quais os tipos de balões mais usados na que você leu?
- Quais as cores mais usadas na HQ?
- O que difere os mangás dos gibis?
- Quais cores sugerem morte e/ou tristeza?

A motivação é a etapa que corresponde à provocação prévia dos textos e gêneros que serão sugeridos para leitura. As HQs como gênero de linguagem híbrida, podem acarretar algumas dificuldades nos alunos pelas especificidades da estrutura. Por isso, é nesse momento que devem ser apresentados os vários conceitos e recursos que as compõem. Dessa forma, facilitará o engajamento dos alunos para que propiciem o letramento literário que uma obra como Dom Quixote pode alcançar, sem excluir as habilidades propostas pela BNCC para uma melhor eficácia das leituras literárias.

Professor, atenção!

As sugestões de vídeos aqui elencadas são fundamentais para o andamento da sequência didática elaborada. Portanto, tente exibí-los ou adaptá-los ao seu público-alvo. Você também pode optar por outros vídeos que se adequem aos temas. Mas lembre-se que devem ser de curta duração.

Exiba os vídeos:

- *O que são quadrinhos?*

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kPBLNUS6w8U>

- *Gênero textual: mangás e outras histórias em quadrinhos*

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MtW2MZUMZCQ>

É muito importante que ao se pensar nesse primeiro momento, o professor também pense na necessidade da organização do espaço, levando em consideração que não só a disposição das mesas e cadeiras dos alunos importam, mas a ornamentação para que se situem no mundo das HQs. Conseqüentemente, ao lembrar de tornar o ambiente harmônico e criativo,

propomos abaixo um quadro com sugestões de decoração para o espaço utilizado, e em seguida, algumas imagens que podem facilitar esse fazer pedagógico.

Professor, muita atenção!

Essas diretrizes servem para tornar o ambiente escolhido por você mais acolhedor e enriquecedor. Pois estará ornamentado com informações necessárias, além de muitas cores e exemplos de quadrinhos que talvez os alunos não conheçam.

Comece por imagens de alguns tipos de balões, como os de fala, de pensamento, de grito, de sussurro, etc. Onomatopeias diversas, expressões de falas de alguns personagens, como Cebolinha, que troca R por L. Todos estes podem ser impressos, ou desenhados e recortados em papéis coloridos.

Capas de mangás japoneses, de gibis brasileiros e de HQs que componham a biblioteca escolar. Além de HQs de obras literárias nacionais e estrangeiras, incluindo aí, a do clássico mundial *Dom Quixote*. Essas imagens podem ser coladas em papel colorido ou EVA.

Na internet há muitas opções disponíveis, e você tem total liberdade de optar pelos recursos e imagens que considerar adequados e atraentes ao seu alunado. Selecione principalmente as que são interessantes à faixa etária da sua turma, e diversifique com gibis da Turma da Mônica, Tio Patinhas, de super-heróis como Super-homem e o Homem de ferro, mangás como Naruto e Fairy Tail, adaptações da literatura como O diário de Anne Frank, Dom Quixote, Romeu e Julieta, Dom Casmurro, O quinze, e outros. Atraia o seu público-leitor.

Tenha um excelente resultado!

A seguir, alguns exemplos de imagens de balões que podem ser usadas para a ornamentação dos espaços em que a SB acontecerá:

Figura 1: Balões de diálogo



Fonte: http://www.azinteligencia.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=559:baloes-de-dialogo&catid=56:4o-ano&Itemid=109. Acesso em: 07 fev. 2021.

Em seguida, algumas onomatopeias muito utilizadas em HQs que podem colorir o ambiente, deixando-o mais alegre e confortável, e um exemplo da fala característica de uma personagem da Turma da Mônica:

Figura 2: Plaquinhas de onomatopeias



Fonte: https://www.elo7.com.br/plaquinhas-onomatopeias-_pacote-digital-vetor/dp/116C9A8. Acesso em: 07 fev. 2021.

Figura 3: Dislalia do Cebolinha



Fonte: <http://mariadejesuscastro.blogspot.com/2015/07/o-que-e-dislalia-voce-conhece-monica-da.html>. Acesso em: 07 fev. 2021.

2º MOMENTO: INTRODUÇÃO – Você conhece Dom Quixote? E Cervantes?

Tempo aproximado: 2 h/a de 50 min.

Habilidade da BNCC (Brasil, 2018, p. 157):

(EF69LP46) “Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs”.

A introdução é a hora de formalizar sobre a obra e o autor que farão parte desse momento de leitura e conhecimento. Manifestando aos alunos um resumo de *Dom Quixote*, e a biografia de Cervantes relevante aos períodos da escritura da obra. Pois, de acordo com Cosson (2019a), conhecimentos básicos já são suficientes para este momento. Assim, descrever o porquê da escritura dessa obra e de como estava o escritor enquanto escrevia, é importante para a compreensão do enredo que passou no Século XVII.

Nesta etapa, o professor deve priorizar a divulgação da criação literária e do autor de forma criativa, inclusive usar alguma versão de curta animação, ou até com teatro de fantoches. Mas a nível de conhecimento, é importante que os alunos aprofundem um pouco mais sobre a criação de *Dom Quixote*, por Miguel de Cervantes, visto que o livro foi feito em duas partes: uma em 1605 e a outra em 1615. Além da curiosidade de saber que a segunda parte surgiu pelo fato de alguém querer escrever a continuação da obra de Cervantes. Então, ele precisou matar Dom Quixote no final da duologia. Herói morto, história finda!

Se o professor for um leitor assíduo, daqueles que ler porque sente prazer, facilitará muito no interesse dos alunos pela leitura. Se ele for ou já tiver sido um leitor de HQs, será ainda melhor, pois sua experiência leitora poderá servir para aguçar os alunos a se adentrarem neste universo mágico e colorido das HQs. Para tanto, além de falar de obras que já leu e de suas leituras prediletas, também poderá sugerir algumas para a sua turma. Quanto mais livros infantojuvenis forem indicados, mais possibilidades de leitura podem surgir.

Organize a sala em círculo ou semicírculo, prepare o espaço para apresentar um vídeo intitulado, *Quem tem medo de Dom Quixote? Parte 1*. Nele a apresentadora destaca com entusiasmo suas leituras, focalizando a obra e o autor, além de destacar os pontos de vista sobre o livro na época que foi escrito e no momento atual. Uma dinâmica bem interessante de mostrar que Cervantes é parte da literatura mundial, lido e relido, através de sua brilhante obra *Dom Quixote de La Mancha*.

Professor, atenção!

Deixe o espaço organizado antecipadamente com todos os recursos que serão utilizados, como *Datashow*, *notebook*, os livros, caixas de som, etc., para otimizar seu tempo para que esta etapa ocorra de acordo como programada.

Há dois vídeos disponíveis em um canal do *Youtube* que são bem interessantes sobre as duas obras:

Quem tem medo de Dom Quixote? Parte 1

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VO9tP1_cGkM

Como ler Dom Quixote? Parte 2

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VHTq0dE5HHs>

É importante que você assista aos dois, para tirar suas próprias conclusões sobre o que é interessante apresentar para a turma sobre obra e autor. Enfatizamos, que o vídeo da parte 1 é a nossa escolha.

Antes de apresentar os livros e HQ, sugira algumas reflexões aos alunos quanto à organização das HQs e dos livros, a linguagem diferenciada pelos gêneros, as imagens que apresentam, as ilustrações das capas.

Indague:

- O que difere a obra de Cervantes da HQ?
- Como são escritos os textos?
- Como são as capas?
- O que a capa da HQ nos fala sobre a personagem Dom Quixote?
- Qual é a imagem que se sobressai nas obras mostradas?

E agora, professor, é hora de despertar sua turma para a leitura da HQ *Dom Quixote*, transportando todos para a Espanha do Século XVII. Mas antes, é imprescindível apresentar a obra original de Cervantes, como a edição da Editora 34, cujas imagens das capas são apresentadas a seguir. Há muitas opções no mercado, mas se sua escola tiver alguma disponível na biblioteca, é interessante que seja esta a obra original apresentada. Caso não tenha, procure disponibilizar alguma. Esta versão original é bilíngue, em português e espanhol.

É muito importante que o professor apresente qualquer obra original de Cervantes. Os alunos precisam conhecê-la como inspiradora de muitas outras obras na literatura, na arte, na música e no cinema, além de outras artes, inclusive histórias em quadrinhos como a de Bira Dantas (2008).

Figura 4: O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha

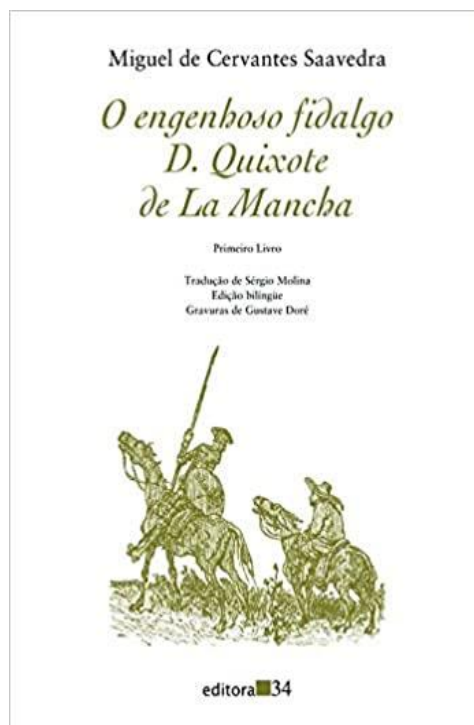


Figura 5: O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha



Fonte: <https://www.amazon.com.br/engenhoso-cavaleiro-D-Quixote-Mancha/dp/857326392X>. Acesso em: 09 fev. 2021.

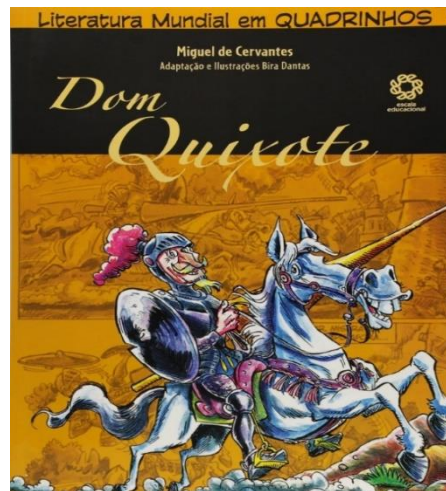
Professor, atenção!

Aproveite para explorar as capas, principalmente dando ênfase aos títulos originais de cada parte desta obra de mais de 400 anos: Parte 1 – *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha* (1605); Parte 2 – *O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha* (1615). Lembre-se de destacar a distância da escritura de 10 anos de uma parte para a outra.

Da mesma forma, quando for apresentar a HQ que é o recurso principal dessa SB, não deixe de explorar a capa, enfatizando o fato de que esta é uma adaptação do romance de Cervantes, e vá além, para que os alunos observem os contrastes entre ambas. Também não se esqueça de comparar as capas entre si. Lembrando que o romance da editora 34 é ilustrado por obras de Gustave Doré, em preto e branco, mas nem todas as versões originais trazem imagens. Já uma HQ não existe sem suas imagens, sem as suas multicores, seus balões.

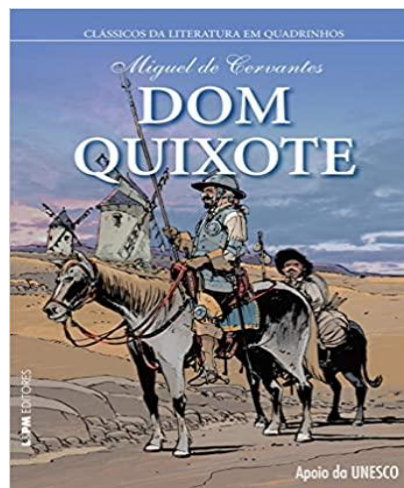
Em seguida, apresente a HQ *Dom Quixote*, preferencialmente uma que seja da biblioteca escolar. Pois, se o intuito é fomentar a leitura nos alunos em prol do letramento literário, o ideal é partir dos livros que estejam ao alcance deles. Lembre-se que, neste caso específico, a escola já deverá ter um número considerável de exemplares, já que a SB já estará em andamento. Portanto, o acervo das HQs deve ser organizado com bastante antecedência. Abaixo, temos as capas de duas HQs de *Dom Quixote* que fazem parte do acervo de bibliotecas de algumas escolas públicas.

Figura 6: Dom Quixote em HQ



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Dom-Quixote-Cole%C3%A7%C3%A3o-Literatura-Quadrinhos/dp/8537707643> Acesso em: 09 fev. 2021.

Figura 7: Dom Quixote em HQ



Fonte: <https://www.amazon.com/Dom-Quixote-Literatura-Quadrinhos-Portuguese/dp/8525433632> Acesso em: 09 fev. 2021.

Após as explorações das capas e apresentação da obra, é chegado o momento de apresentar o seu autor, Miguel de Cervantes. Há muitas biografias resumidas na internet, em sites diversos. Mas, o mais notável é que seja apresentada uma em que a vida da personagem se relacione também à obra em questão no momento do fazer artístico. Para tanto, selecionamos dois vídeos interessantes, mas há a opção também de mostrar apenas o da primeira parte da obra, pois fala muito do seu autor no instante daquele romance. Salientamos que é fundamental escolher o que realmente interessa para não perder tempo.

Não é confirmação se ter nascido no Século XVI, tenha haver com as muitas controvérsias sobre o escritor espanhol Miguel de Cervantes Saavedra e sua obra. Mas o que é unânime sobre o seu romance é que, universalmente, é a segunda obra literária mais lida de um

modo geral. Cervantes escreveu *Dom Quixote* aos 58 anos, e só a partir daí conseguiu ser reconhecido como um escritor consagrado. No ano de seu lançamento, 1605, o romance já tinha ganhado seis versões. Um grande feito para aquela época, algo raro de acontecer.

Sua obra *Dom Quixote* fez sucesso desde o primeiro momento da sua publicação, ao ponto de alguém criar uma segunda parte, destruindo a figura do cavaleiro criada por Cervantes. Nesse livro, Dom Quixote é internado em um manicômio. Segundo consta em muitas pesquisas sobre Cervantes, o autor de *O livro apócrifo de Dom Quixote de La Mancha* ou *El Quijote Apócrifo* (1614) criou uma falsa identidade, Alonso Fernandez De Avellaneda, juntamente com uma história bem diferenciada do clássico original de Cervantes. Essa falsificação causou muita revolta, e Cervantes, forçadamente, criou a segunda parte de sua obra, com muitas peripécias e adversidades de Dom Quixote e Sancho Pança, até, enfim, chegar ao momento da morte do seu cavaleiro andante.

E a literatura ganhou uma obra tão significativa para a história, que muitas artes se inspiraram nela. *Dom Quixote* foi adaptada na literatura, na música, nas artes plásticas, no cinema, no teatro, nos desenhos, e tantos outros. Hoje há muitas adaptações, mas também muitas releituras. Cervantes vive através da sua obra que cada dia ganha novos leitores. Seja a original, ou uma versão adaptada, é um romance sempre lido e que ultrapassa séculos.

Abaixo, um trecho de uma biografia do autor que pode ser lida pelo professor e resumida, focando no que é primordial ao conhecimento do aluno. Ou seja, não deve ser utilizada na totalidade para a turma. É apenas para facilitar no planejamento pedagógico, de uso exclusivo do professor. Apesar de longa, é necessária.

Das fugas ao sequestro por piratas: A confusa vida de Miguel de Cervantes

Saiba mais sobre o gigante que continua vivo mesmo anos após sua morte

Rodrigo Casarin

Publicado em 26/07/2020, às 09h00



Cervantes em pintura⁷ - Wikimedia Commons

Nascido em 29 de setembro de 1547, a vida de Miguel de Cervantes foi uma confusão sem fim. Depois de passar a infância mudando constantemente de cidade – passou por lugares como Valladolid, Córdoba e Madri –, em 1569 precisou sair da Espanha depois de ser condenado ao decepamento da mão direita e a passar dez anos banido do país por ter ferido em um duelo em Sevilha um rapaz com boas relações com a corte.

⁷ Todas as imagens dessa biografia integram esta publicação de Rodrigo Casarin.

Ruma então para a Itália, onde alguns anos depois se alista em uma das companhias da Santa Liga – Exército europeu que combateu as invasões turcas – e luta na Batalha de Lepanto, em 1571, na Grécia. Lá seria ferido gravemente, com dois tiros no peito e um na mão esquerda – se havia salvo a mão direita ao fugir de sua terra natal, a esquerda permaneceria troncha para o resto de sua vida.

Passou cerca de um ano internado em um hospital da Sicília, até que conseguisse se recuperar e fosse reintegrado ao Exército pelo qual participaria de novas campanhas. Somente em 1575 Cervantes resolve voltar à Espanha. Embarca em Nápoles tendo Barcelona como destino, porém, no dia 26 de setembro, sua embarcação é atacada por piratas e Miguel é levado para Argel como prisioneiro escravizado, que só seria libertado depois de pago um resgate.



Pintura oficial de Cervantes / Crédito: Wikimedia Commons

O escritor permaneceria preso até 1580. Durante esse tempo, participou de, pelo menos, quatro tentativas frustradas de fuga e só não foi morto porque carregava consigo algumas cartas de recomendação assinadas por dom João de Áustria, almirante-mor da Santa Liga, e pelo vice-rei da Sicília.

Por causa desses documentos, o rei de Argel acreditava que tinha em posse alguém de grande valia, por quem pagariam uma quantidade substancial de dinheiro. Para que conseguissem libertar Miguel, seus pais precisaram fazer grandes dívidas e ainda contar com a ajuda de padres trinitários, que resgataram o homem de Argel. Depois de 12 anos, finalmente, o escritor voltaria a Madri e estaria novamente com a família.

Em 1584, Cervantes teria tido um caso com Ana Franca de Rojas, uma taverneira com quem possivelmente teve sua única filha, Isabel. Não há certeza, no entanto, de que ela era mesmo filha do escritor. O que se pode afirmar é que no mesmo ano, em dezembro, ele se casa com Catalina Salazar.

A dúvida sobre a paternidade de Cervantes é um dos muitos exemplos dos vazios e incertezas que há em sua biografia. “Os documentos historiográficos sobre ele são poucos, há grandes lacunas e alguns mistérios, principalmente no período da sua juventude. Pesquisadores buscam detalhes de sua vida até nos livros que ele próprio escreveu, principalmente nos prólogos – como em *Novelas Exemplares*, onde há um autorretrato –, o que é incerto, porque são obras de ficção. O episódio do duelo que teria motivado o desterro, por exemplo, embora muitos considerem a explicação mais plausível para sua saída da Espanha, não tem comprovação direta. Há algumas certezas: que ele teve uma vida nômade, que foi ferido na guerra e ficou cinco anos preso em Argel, por exemplo”, explica Sérgio Molina, responsável pela tradução de *Dom Quixote* para a Editora 34.

Jean Cavanaggio, um dos mais respeitados cervantistas e autor de Cervantes, uma espécie de ensaio biográfico sobre o autor, também aponta esses problemas em sua obra. “Boa parte de seus escritos se perdeu; os que lhe foram atribuídos a posteriori são de autenticidade duvidosa, e mesmo os que conservamos e fizeram sua glória têm uma gênese ainda obscura, baseada em vagos indícios. Os manuscritos que chegaram até nós, limitam-se a atas notariais, anotações de contas e duas ou três cartas”, escreve.

[...]

Escritor sem Fim

Mesmo em meio a uma vida tão atribulada, Cervantes se tornaria um dos escritores mais importantes da História. Uma figura-chave para que isso acontecesse foi Juan López de Hoyos, reitor do Estudio de la Villa, importante escola preparatória para o ingresso na universidade – universidade que Miguel jamais chegou a cursar. O primeiro soneto de Cervantes de que se tem notícia data de 1567.



Estátua do artista /Crédito: Wikimedia Commons

[...]

“Cervantes escreveu muito mais que Dom Quixote, mesmo se levarmos em conta apenas a obra narrativa, que inclui quatro livros – cinco, considerando as duas partes de Quixote –, mais os textos que se perderam. Tem também a produção teatral, que é muito importante, e a poética, que, embora menor, não é de desprezar”, completa Sérgio Molina.

Moinhos de Vento

Cervantes produz sua obra com o apoio de vários mecenas. O principal deles foi o conde de Lemos, vice-rei de Nápoles, com quem o autor teve uma decepção ao não ser convidado para fazer parte de um círculo de escritores na cidade italiana. Ele publica em 1585 *La Galatea*, mas é em 1605 que, enfim, lança a primeira parte da obra que gravaria para sempre seu nome na literatura universal, *Dom Quixote*, sucesso imediato na Espanha e fora dela.

No texto *Notas sobre a Máquina Voadora*, da edição brasileira da Editora Penguin, o escritor e crítico literário argentino Ricardo Piglia aponta *Dom Quixote* como “o primeiro romance da história” e cita suas traduções: “É um dos primeiros acontecimentos da literatura a chegar a lugares muito diversos. A primeira tradução para o inglês é de 1612. A tradução para o francês, de 1614. Para o italiano, em 1622. Para o alemão, em 1621. Quase imediatamente o livro começou a circular em todas as línguas.”

O reconhecimento foi praticamente instantâneo. “Alguns escritores espanhóis contemporâneos de Cervantes tentaram desqualificá-lo por ele ter feito uma obra cômica, que seria um gênero inferior, mas já havia aí despeito por causa do sucesso do livro. O cômico em *Dom Quixote* é apenas uma das suas camadas de entendimento; há todo um jogo de ironias que permite, por exemplo, criticar os poderosos pela boca de personagens que os elogiam. O texto é muito ambíguo. Segundo Américo Castro [outro acadêmico que dedicou parte de sua vida às pesquisas sobre o escritor], boa parte da grandeza de *Dom Quixote* resulta das artimanhas que Cervantes usou para contornar a censura da Inquisição”, diz Molina.

No rastro do sucesso, em 1614 uma continuação da obra é lançada por outro escritor, que se esconde sob o pseudônimo de Alonso Fernandez de Avellaneda, cujo trabalho ficaria conhecido como *Dom Quixote Apócrifo*. “É um livro super moralista, que reduz o personagem ao risível, tanto que ele acaba num manicômio, e muito desrespeitoso com o próprio Cervantes, que é diretamente insultado no prólogo”, aponta o tradutor.

O autor original não gostou nem um pouco da cópia, tanto que no segundo volume verdadeiro de *Dom Quixote*, lançado em 1615 – em datas próximas ainda publicou outras três obras –, faz referências ao título apócrifo.

Na história, o protagonista muda seus caminhos apenas para contrariar o que havia sido escrito por Avellaneda e até encontra os volumes com sua falsa história sendo impressos em uma tipografia.

O tempo, os estudos e as diversas interpretações que se podem fazer sobre a obra máxima de Cervantes foram essenciais para que tanto *Dom Quixote* quanto seu autor, chegassem a ser relevantes pelo resto da história. “A primeira parte virou uma febre internacional.

Ao longo do século 17, o livro começa a ser citado e retrabalhado por escritores de vários países, incluindo William Shakespeare. No século 18, a febre explode de vez: na Inglaterra, Cervantes é adotado como mestre do romance satírico por escritores como Laurence Sterne, fascinados com as possibilidades abertas pelo narrador que ele criou, pela mistura de gêneros, pelo fio narrativo sinuoso, por toda a liberdade que sua obra comporta e propõe.

Na virada para o século 19 surge na Alemanha a interpretação romântica de *Dom Quixote*, que ainda persiste até hoje entre boa parte dos leitores. Já na Espanha, depois do sucesso inicial da

primeira parte, o romance fica em segundo plano e só começará a ser redescoberto no século 19, e para valer mesmo em pleno século 20”, explica Molina.

Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-vida-obra-biografia-miguel-de-cervantes-literatura-espanhola.phtml>⁸. Acesso em: 09 fev. 2021.

É indispensável ao professor a aquisição de muitas considerações sobre o autor e a obra literária para explorar com seus alunos. Mas ele precisa subtrair as informações secundárias, tentar ser conciso, e transmitir à turma apenas o que julgar mais relevante. Neste caso, os alunos também podem pesquisar. Nem tudo deve estar completamente pronto. Com o acesso cada vez mais fácil à internet, poderão encontrar muitas informações até por curiosidade.

Com relação ao quadrinista que é o roteirista e ilustrador da HQ *Dom Quixote* da editora Escala Educacional, convém saber algumas informações do seu trabalho com HQs e com outros desenhos. Abaixo segue um recorte de uma entrevista concedida por Bira Dantas a Rafael Spaca da Revista Bravo, em 29 de junho de 2017. Alguns detalhes profissionais foram deixados para que o professor conheça a trajetória do trabalho dele até chegar ao que é hoje.

“Faço o que acho correto”

Na série de entrevistas com grandes quadrinistas brasileiros, Rafael Spaca fala de desenho e militância política com Bira Dantas

Por Rafael Spaca

Quando você descobriu que desenhar era uma paixão?

Minha mãe diz que eu comecei a desenhar nas paredes de casa (com os meus 5 anos, em 1968) e, antes que decorasse a sala inteira, resolveram me dar folhas de papel. Eu lembro mesmo dos meus 8, 9 anos, quando copiava personagens do *Globo*, suplemento em quadrinhos de *O Globo*, que meu pai comprava aos domingos. Eu adorava aquilo: Asterix, Tarzan, Flash Gordon, Recruta Zero, Hagar. E adorava animações da Marvel e seriados na TV. Passava tardes assistindo e desenhando. Aos 11, comecei a criar meus super-heróis e a fazer gibis. Guardei uma boa parte disso.

E quando você descobriu que a paixão era um talento seu e que poderia trabalhar seriamente nisso?

Com uns 15 anos, fiz um trabalho de inglês pra minha prima Goya. Era uma adaptação em quadrinhos de um conto do livro *The Silver Elephant*. Minha prima tirou 10. No mês seguinte, dois colegas dela pediram pra eu fazer. Mudei o estilo e fiz três adaptações. E ganhei por dois frilas. O professor sabia que não eram os alunos que desenhavam tudo aquilo, mas continuava dando nota pra eles. No fim do ano fiz umas oito adaptações e achei que podia viver de desenho. Em 1977 publiquei HQs por duas vezes na seção *Futuro artista* da *Folhinha de S.Paulo*, editada pela jornalista Eunice Veiga. Liguei pra ela e marcamos uma visita ao estúdio Mauricio de Sousa, com minha mãe e a prima Goya. Mauricio foi muito simpático, me apresentou o seu diretor de arte, Jayme Cortez, e me ofereceu um estágio à distância. Conhecer o Cortez e ganhar o seu *Zodiako* e *A Técnica do Desenho* mudaram minha vida.

⁸ Aventuras na História traz matérias sobre a vida de personagens da história mundial, e é parte do site uol.com.br, de notícias e reportagens *online*.

Quando começou a desenhar achava que conseguiria viver com desenho?

Um belo dia de 1979 minha mãe abre o jornal e vê um anúncio de estágio para desenhistas com ou sem experiência. E gritou: “Sem experiência é você, filho!” Lá fui eu conhecer o estúdio do Ely Barbosa na av. Indianópolis, zona sul de São Paulo. Era do outro lado da cidade. Eu morava no Tatuapé, na zona leste. Foi uma experiência única. Eu era um cara de 17 anos, doido pra trabalhar com quadrinhos, só tinha desenhado super-heróis até então. O Ely Barbosa produzia animações para o Baú do Silvio Santos, gibis *Festival Hanna-Barbera* pra Rio Gráfica (atual editora Globo), *Os Trapalhões* (editora Bloch) e o programa *Turma Tutti-Fruti* pra TV. No estúdio fui acompanhando a produção de roteiros, desenho, arte-final, letreiramento, guia de cores pintados com ecoline e pintura de capas com guache. Mas logo em seguida virei assistente do Mestre Eduardo Vetillo, que desenhava Hanna-Barbera. Os Trapalhões, Disney, Chet e Spectreman.

E hoje, já consagrado, é possível dizer que consegue viver desenhando? Se sim, é fácil?

Sim, é possível. Eu trabalho pra quatro sindicatos e duas agências, fazendo charges, tiras e ilustrações. Mas não é fácil. E nesse momento de crise, com os preços subindo (apesar da imprensa continuar alegando que existe “deflação” no governo temeroso), o cinto apertou, e a necessidade de buscar outros frilas ou atividades como dar aulas e cantar na banda Tio’s Rex, pode ser uma saída.

Teve a oportunidade de se aperfeiçoar em alguma escola ou faculdade?

Eu fiz curso de Editoração de HQs na ECA-USP e Design Gráfico na Arquitech, em Campinas. Sou jornalista, sem curso superior.

Como o desenho era visto na sua família?

De uma forma muito positiva. Sempre me deram a maior força. Aos 11 anos, minha mãe mostrava meus gibis pra todo mundo, e acabei tendo boas conversas sobre arte, a vida no sertão nordestino, cinema e outras culturas. Com meus 13 anos passava horas debruçado, lendo gibis, fascículos de *Brasil História, Costumes e Lendas, Mitologia Grega, Fauna da Salvat e Enciclopaedia Britannica*. Eles achavam normal. Clovis, meu irmão mais velho, tinha me matriculado num curso de inglês (ele achava que era importante saber uma segunda língua) aos 13 anos e, aos 18, me deu uma prancheta com banquinho e luminária. Foi quando comecei a desenhar *Os Trapalhões*.

Em 1979 você estagiou no Estúdio Ely Barbosa, onde foi assistente do desenhista Eduardo Vetillo e passou a desenhar para a revista *Os Trapalhões*. Ali foi sua primeira oportunidade profissional?

Sim. O Vetillo já era um artista completo que dominava o lápis, o bico de pena, a pintura em guache, ecoline, os quadrinhos, as ilustrações, desenho acadêmico e o cartunesco. E nessa etapa eu recebia um valor por página que eu passava a limpo. O Vetillo fazia o desenho num gabarito A3 de papel sulfite, e eu copiava numa folha de papel Schoeller na mesa de luz, fazendo as correções que ele indicava. Esse trabalho de um ano me abriu as portas pra virar desenhista dos *Trapalhões* e alavancar minha carreira.

[...]

Como conseguiu o estágio Ely Barbosa? Apresentou alguns trabalhos para o estúdio?

Sim. Levei as páginas que tinha produzido pro estágio no Mauricio de Sousa, meus quadrinhos de Super-heróis e a adaptação de *O Guarani* que tinha feito pra escola, num traço acadêmico.

[...]

Você adaptou para os quadrinhos obras literárias como *Memórias de um Sargento de Milícias*, *Dom Quixote* e *O Ateneu*. Como é o seu processo de trabalho em obras como essa?

Nas três eu li a obra original, mas o processo mudou em cada adaptação. A HQ *Memórias de um Sargento de Milícias* (Manuel Antônio de Almeida) teve texto adaptado por Índigo, desenhos meus, cores e balões de Maurilio DNA e Caio. *O Ateneu* (Raul Pompéia) teve texto de Ronaldo Antonelli, desenhos, cores e balões meus. Já *D. Quixote* (Miguel de Cervantes) eu escrevi, desenhei, pintei e fiz os balões.

Em *Memórias de um Sargento de Milícias* eu procurei muitas referências na internet, mas foi no livro de aquarelas do alemão Eduard Hildebrandt (que esteve no Brasil em 1844) que eu achei boa parte do visual que eu usaria na HQ. Ele havia morado no Rio e pintado uma parte dos locais citados pelo autor. Debret também me ajudou. Para criar os cenários e desenhar os personagens de Cervantes, o pintor espanhol Francisco de Goya foi fundamental. Uma revista da *National Geographic* e adaptações da Ebal e La Selva, que o colecionador João Antonio Buhner me emprestou, também ajudaram. Em *O Ateneu*, as ilustrações do próprio Raul Pompéia foram de grande valia.

Pensa em trabalhar mais com adaptações?

Sim. Eu comecei *A Ilíada* pra Escala Educacional e só não continuei porque a editora suspendeu os projetos de HQ. Mas penso em retomar o projeto por conta própria, se a editora não bancá-lo.

[...]

Fonte: <https://medium.com/revista-bravo/fa%C3%A7o-o-que-acho-correto-a5f7577f512f>. Acesso em: 10 fev. 2021.

O professor não pode esquecer que Bira Dantas é o responsável pela adaptação, e que deve ter sua biografia também apresentada à turma. Portanto, convém falar um pouco da sua história profissional e de toda a sua arte, mesmo que de forma concisa. Esse momento é necessário para enaltecer a sua criação e inspiração em *Dom Quixote*, de Cervantes. O resumo apresentado é ideal para apresentar aos alunos. E se quiser aprofundar, o link da entrevista na íntegra está disponível acima.

Professor, atenção!

Para dinamizar um pouco a aula, é interessante que você exiba um *trailer* de uma das versões de *Dom Quixote* apresentadas no cinema, que pode ser um desenho animado como *Donkey Xote*.

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-136449/trailer-19550767/>. Acesso em 10 fev. 2021.

Se preferir, pode pedir a colaboração de outro professor, como o de Arte, por exemplo, e assistirem juntos ao filme completo, ou sugerir para que os alunos assistam em casa. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IjRqU6GqCwI>. Acesso em: 10 fev. 2021.

3º momento: Leitura – Vamos nos deleitar com uma leitura “Quixotesca”?

Tempo aproximado: 2 h/a de 50 min.

Habilidade da BNCC (Brasil, 2018, p. 187):

(EF89LP33) “Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de

⁹ Endereço da revista eletrônica com a entrevista na íntegra. Aqui disponibilizamos apenas uma parte sobre o início da carreira de Bira Dantas como ilustrador e cartunista, e o que trata do seu trabalho com adaptações de obras literárias.

suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores”.

Após a introdução, momento em que autores e obras foram apreciados de maneira sucinta, é chegada a hora da apreciação da leitura. O momento mais marcante da sequência, que é também composta por dois intervalos, ocasiões de suscitar no aluno as indagações sobre o que lê, suas dificuldades, descobertas, curiosidades. Assim, você saberá o quanto cada um vai compreendendo das leituras que vai fazendo. Uma vez que a HQ dispõe de quase 100 páginas, lê-la integralmente, não se concebe em sala de aula, carecendo, portanto, de um espaço extraescolar para ser efetuada.

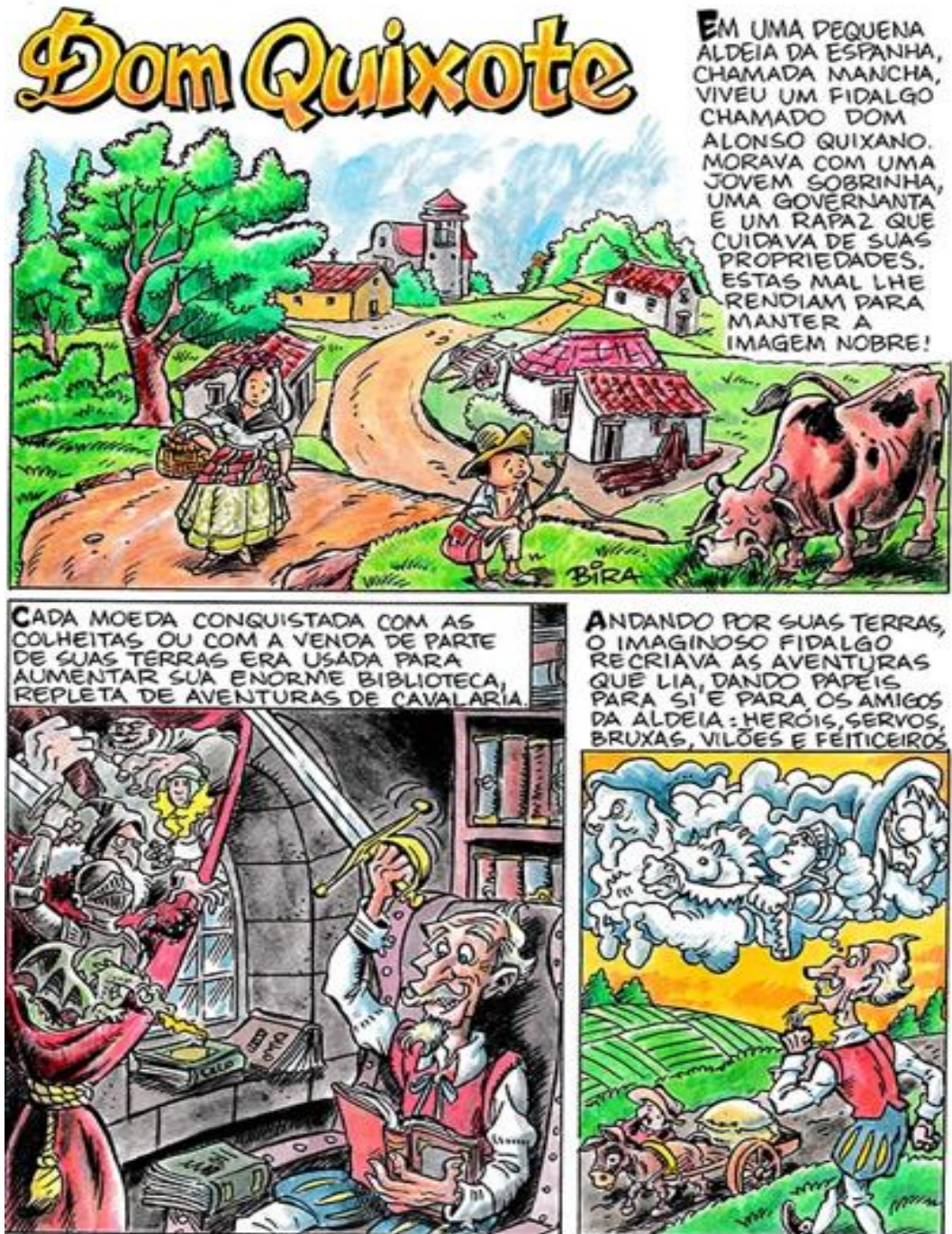
A leitura precisa ser um instante de deleite. Então o ambiente deve estar preparado para dá a esse momento o conforto que ele exige. Priorize o espaço ideal: iluminado, arejado, com ar condicionado, se possível. Distribua pufes, almofadas, edredons ou travesseiros e decore o espaço dispondo-os para que os alunos se aconcheguem e façam suas leituras silenciosamente. Deixe que se sintam confortáveis, e que escolham como querem fazer a leitura: se deitados ou sentados. Lembre-se que a leitura precisa ser um ato de prazer, de satisfação, e não de obrigação. E como uma dica, Cosson (2014, p. 62) adverte: “[...] O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura.”

Não se esqueça de providenciar a HQ em número ideal para sua turma, calculando a leitura individual. E a escola tem que providenciar antecipadamente, de alguma forma, com a finalidade de que todos possam usufruí-la. Cópias só são interessantes se puderem ser coloridas. O ideal é que encontrem um jeito de tê-las. Muitas lojas virtuais disponibilizam para compra, mas pelo preço, é bem mais viável comprar em sebos, inclusive, pela internet. A Estante Virtual, por exemplo, é um *site* que dispõe de um variado número de livrarias de exemplares novos e usados. Cópias monocromáticas, além de desvalorizar o trabalho do artista, pode dificultar a leitura dos alunos. Então, não são recomendadas, já que a leitura integral de uma HQ compreende as cores, a linguagem verbal e não verbal e todas as expressões que caracterizam esse gênero híbrido.

As escolas, geralmente, só disponibilizam de um ou dois exemplares de algumas obras. No caso da HQ *Dom Quixote*, é possível que tenha apenas uma, ou duas de roteiristas diferentes. Por isso que o professor, juntamente com os gestores da escola, precisa disponibilizar todos esses exemplares antes da Sequência Básica ser colocada em prática.

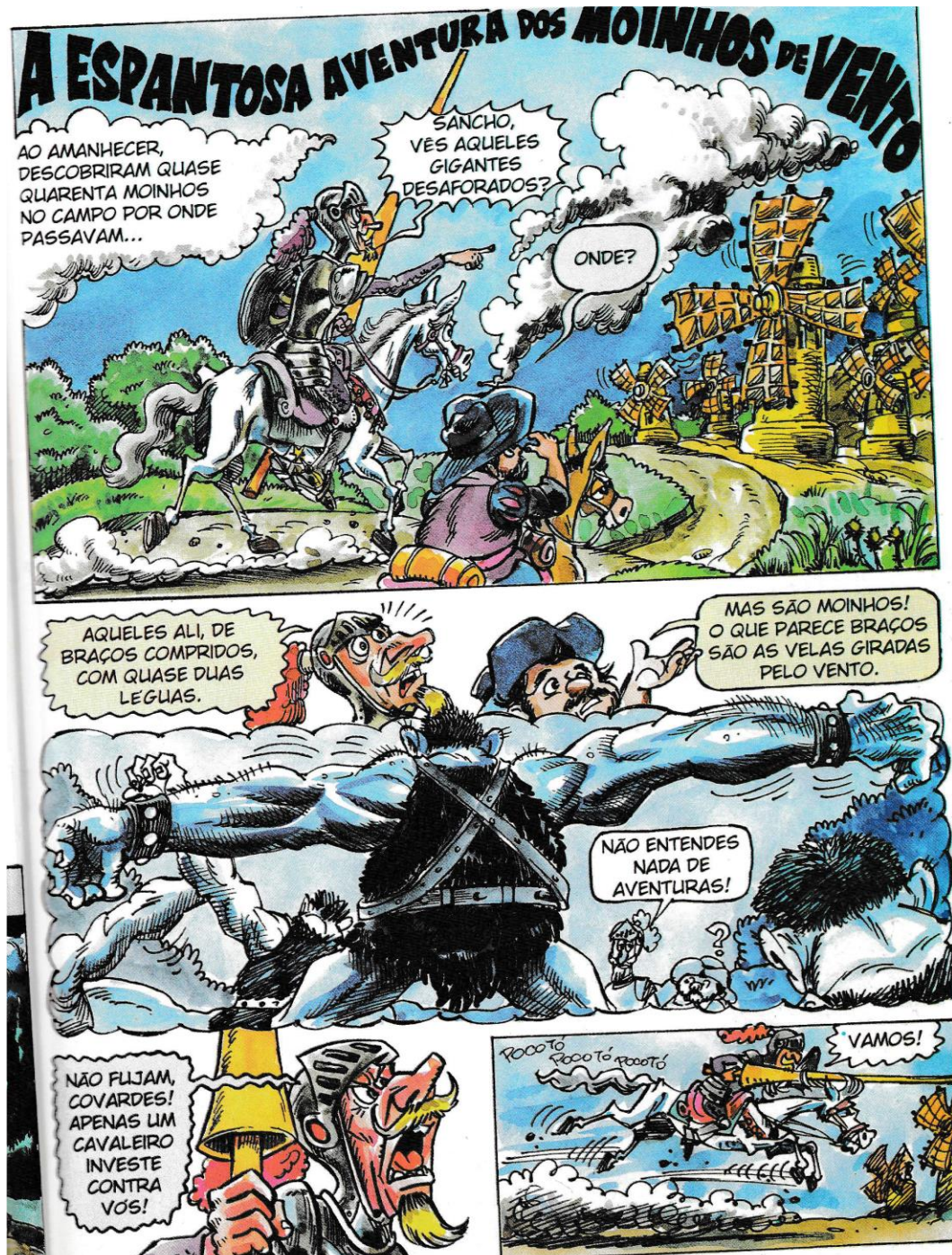
A seguir imagens da HQ *Dom Quixote*:

Figura 8: D. Quixote em HQ (2008, p. 05)



Fonte: <https://medium.com/revista-bravo/fa%C3%A7o-o-que-acho-correto-a5f7577f512f>. Acesso em: 07 fev. 2021

Figura 9: A batalha dos moinhos (2008, p. 23)



Fonte: DANTAS, B. *Dom Quixote*. São Paulo: Escala Educacional, 2008, p. 23.

Figura 10: Final da HQ (2008, p. 84)



Fonte: DANTAS, B. *Dom Quixote*. São Paulo: Escala Educacional, 2008, p. 84.

Professor, atenção!

O levantamento de todos os recursos necessários para esta Sequência Básica é de responsabilidade sua e você pode também convocar o auxílio de outros colaboradores da escola. É importante que haja exemplares da HQ *Dom Quixote* para todos os alunos, já que a leitura deve ocorrer individualmente.

Lembre-se que digitalizar e salvar em PDF também pode ser uma opção, mas a leitura só ficaria interessante em um computador no laboratório educacional de informática da escola, por

exemplo. Ou ainda, com a impressão dessa versão em *PDF*, mas colorida, pois esta HQ não é encontrada facilmente em grandes quantidades nas bibliotecas escolares. No *smartphone* a leitura da HQ fica comprometida, portanto, não é uma opção adequada.

Enquanto a leitura da HQ vai fluindo, os intervalos, que neste contexto, especificamente, se darão em dois espaços de tempo distintos de 2h/a, também vão acontecendo. E através deles, novas adaptações de *Dom Quixote* vão sendo incorporadas, como oportunidade de novos conhecimentos e para que o letramento literário cumpra com o seu papel enriquecedor de informação cultural e social. Ressalta-se que o ideal é que esta leitura se dê em um prazo de quinze dias entre um intervalo e outro, para que a SD não tenha um tempo tão prolongado, já que optamos pela versão reduzida.

4º momento: Leitura (intervalo 1) – Como seria o Dom Quixote no Brasil?

Tempo aproximado: 2 h/a de 50 min.

Habilidade da BNCC (Brasil, 2018, p. 159):

(EF69LP49) “Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompem com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor”.

O intervalo é um momento de alinhamento da leitura. É nessa hora que ele vai introduzindo outros textos ou obras de mesmo tema da HQ, e também provocando nos alunos reflexões sobre o que estão lendo. Principalmente avaliando o envolvimento com a leitura ou até mesmo as dificuldades que possam surgir na compreensão da leitura. O esperado para esse primeiro intervalo é que a leitura da parte 1 da HQ já tenha acontecido.

Nesse intervalo o professor apresenta e lê para a turma, a obra *Dom Quixote no Brasil*, da autora Teresa Noronha, uma adaptação infanto-juvenil, que também traz ilustrações interessantes. É uma história curta, que descreve outras aventuras do nobre Quixote e Sancho Pança em um passeio repentino pelo Brasil. Instigados pela leitura de Aninha, que ao deixar o exemplar de *Dom Quixote* no terraço com as páginas abertas para ir visitar a avó, não percebe que uma ventania acontece, repentinamente.

***Dom Quixote no Brasil* – enredo**

O enredo se inicia com Aninha fazendo a leitura da obra *Dom Quixote* e sua mãe convocando-a para ir à casa da avó. E assim, acontece uma ventania daquelas de tirar o chapéu. Dom Quixote e Sancho Pança saltaram do livro e acabaram parando numa estrada de piso duro. Não estavam gostando nada daquele lugar esquisito. E quando um ônibus se aproxima para receber passageiros, Quixote vê um gigante disfarçado de dragão, cuja calda solta fumaça, e além de tudo, engole gente. E parte com sua lança. O motorista se assusta, achando que são assaltantes fantasiados. “Fechem as portas, depressa! - Nunca vi ladrões a cavalo!” (NORONHA, 1989, p. 9)

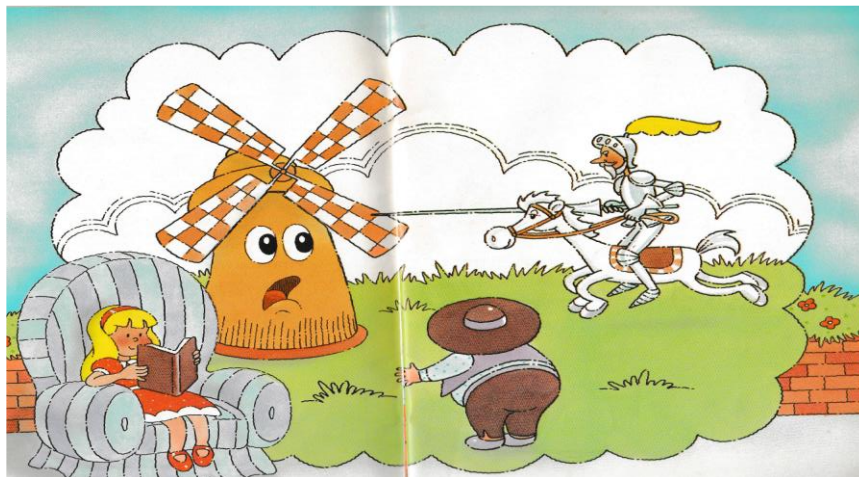
Ao avistar um balneário clube, Quixote disse ver o Castelo dos Lagos Azuis, e que lá havia uma princesa para ser resgatada. Ouviu os gritos de crianças pulando do trampolim, que para ele era o gigante mostrando a língua, e já se preparava para o ataque, quando Sancho o persuadiu, dizendo que uma jovem, provavelmente a senhora Dulcineia precisava ser salva mais adiante. Mas ele não a encontrou. Saíram do clube, e nessas andanças acabaram passando pela casa da avó de Aninha, e esta, rapidamente os reconheceram, convidando-os para descansar, porque o dia estava bem quente.

Um barulho na casa incomodou Dom Quixote: era a máquina de lavar roupas. Novamente, para o nobre cavaleiro, o gigante estava ali disfarçado. Mas Aninha tinha lido boa parte do livro sobre aquele cavaleiro, como não era nenhuma boba e sabia que a cabeça dele não estava bem, foi lá dentro e desligou a máquina. Depois, disse para Dom Quixote: “__ O gigante sumiu. Viu que o senhor estava aqui e ficou com medo.” (NORONHA, 1989, p. 17) E assim, nas aventuras pela cidade, tudo que era muito alto, barulhento ou muito estranho, era o gigante em um novo disfarce. No Brasil, viveram muitas aventuras, mas de repente, um vento forte os levou de volta para o livro que ficou no terraço na casa de Aninha.

É primordial a percepção dos alunos para os contextos de ambas as histórias: há sim uma diferença na forma como as coisas acontecem. O desfecho de cada confusão, na HQ, está de acordo com a obra original, e Quixote sai machucado. No livro *Dom Quixote no Brasil*, em suas andanças pela cidade, as situações vão sendo contornadas, ora por Sancho, ora por Aninha, ora por Rocinante, e até o vento ajuda. E assim, no desfecho ninguém sai machucado.

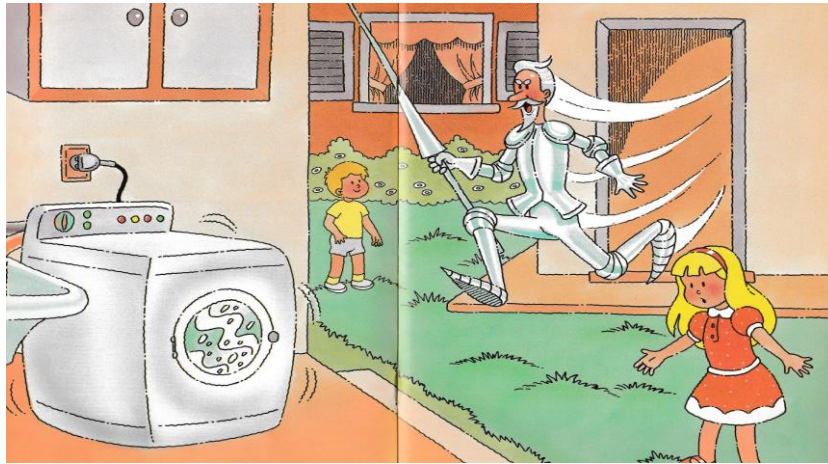
A seguir, duas imagens da obra *Dom Quixote no Brasil*, de Noronha:

Figura 11: Aninha lendo Dom Quixote



Fonte: NORONHA, T. *Dom Quixote no Brasil*, Edições Loyola, 1989, p. 6-7.

Figura 12: Dom Quixote e o monstro (a máquina de lavar roupas)



Fonte: NORONHA, T. *Dom Quixote no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola, 1989, p. 18-19.

Professor, atenção!

Não se esqueça de organizar o espaço em círculo antes de principiar a leitura do livro *Dom Quixote no Brasil*. Que não precisa ser feita totalmente por você. A leitura pode ser compartilhada com pelo menos dois alunos.

Retome os elementos da narrativa: enredo, tempo, narrador, personagens.

A partir do enredo, veja com a turma os momentos que indicam: situação inicial, conflito, desenvolvimento, clímax e o desfecho em cada obra. É fundamental fazer esse comparativo em um quadro, cujas diferenças irão surgindo: em estrutura, estilo, principalmente em enredo.

Os alunos detectarão muitas dessemelhanças: desde o estilo diferenciado das ilustrações, à forma de escrita. Quanto ao enredo, é perceptível que as desventuras do nobre cavaleiro são diferentes, mas o gigante continua sendo seu inimigo. No livro de Noronha, há sempre um jeito de impedir que um mal pior aconteça a Dom Quixote.

A partir desse enredo diferente, é interessante criar questionamentos:

- Qual a diferença entre o Sancho Pança da HQ, e o da obra de Noronha?
- Como as batalhas acontecem na HQ?
- Quais as batalhas no livro *Dom Quixote no Brasil*?
- Como são os desfechos nas duas obras?

Lembre-se de informar aos alunos que existem muitas outras adaptações de *Dom Quixote*, além da HQ e do livro de Noronha, em variadas artes, e que eles pesquisem, como uma atividade para casa. Eles podem salvar as pesquisas em *pendrive* e transferir antes ao professor, para montagem de *slides* e apresentação no próximo intervalo. A pesquisa pode ser feita em grupos, cada qual determinando o que pesquisará para não se repetir: Músicas, filmes, livros, paródias, artes plásticas, por exemplo.

Abaixo, segue um quadro com links de adaptações que podem se juntar às encontradas pelos alunos, para expor na etapa seguinte.

Sugestões de adaptações¹⁰:

POEMAS:

¹⁰ Para facilitar o trabalho pedagógico, deixamos todas as sugestões de adaptações ao alcance do professor, pois pensamos que agiliza sua leitura e planejamento, dessa forma, também a execução em sala de aula. Em anexo, o professor teria que ficar indo e voltando página, portanto, perderia tempo.

[...]

IV – CONVITE À GLÓRIA

- Juntos na poeira das encruzilhadas conquistaremos a glória.
- E de que me serve?
- Nossos nomes ressoarão
nos sinos de bronze da História.
- E de que me serve?
- Jamais alguém, nas cinco partidas do mundo,
será tão grande.
- E de que me serve?
- As mais inacessíveis princesas se curvarão
à nossa passagem.
- E de que me serve?
- Pelo teu valor e pelo teu fervor
terás uma ilha de ouro e esmeralda.
- Isto me serve.

[...]

XI – DISQUISIÇÃO NA INSÔNIA

Que é loucura: ser cavaleiro andante
ou segui-lo como escudeiro?
De nós dois, quem o louco verdadeiro?
O que, acordado, sonha doidamente?
O que, mesmo vendado,
vê o real e segue o sonho
de um doido pelas bruxas embruxado?
Eis-me, talvez, o único maluco,
e me sabendo tal, sem grão de siso,
sou — que doideira — um louco de juízo.

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), “Quixote e Sancho, de Portinari” – no livro *As impurezas do branco*. [posfácio Betina Bischof]. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Fonte: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/tracos-e-versos-de-portinari-e-drummond-sobre-a-obra-dom-quixote-de-cervantes/>> Acesso em: 22 fev. 2021.

MÚSICAS:

Dom Quixote (Don Quijote) – Ângela Maria

Em um lugar em La Mancha
Houve um fidalgo senhor
Que fez a triste figura
Mas tinha um grande valor
Os livros contam a história
Do cavalheiro espanhol
Que pelo bem percorria a terra de...
A terra de...sol a sol...

Oh, oh, oh!
Dom Quixote
Dom Quixote...

Jamais rendia sua lança
De bom humor sancho pança
Soube entender seu senhor...

Dom Quixote
Dom Quixote...

A lenda de um caminhante
Que segue sempre adiante
Em busca de um grande amor...

Dom Quixote
Oh, oh, oh,
Oh, oh, oh,
Oh, oh, oh, oh!
Dom quixote
Dom quixote...

Jamais rendia sua lança
De bom humor Sancho Pança
Soube entender seu senhor...

Dom Quixote
Que na história
Teve a glória
A bravura
A sensação
Em seu coração
Dom Quixote
Dom Quixote...

Fonte: <<https://www.ouvirmusica.com.br/angela-maria/dom-quixote/>> Acesso em: 20 dez. 2020.

Dom Quixote – Biafra

Eu viajei pelos quatro cantos da terra
não parei um só instante
meu destino é incerto...incerto

cruzei os sete mares, montanhas e florestas
enfrentei os inimigos
nas areias do deserto

milhares de aventuras eu vivi
e por isso estou aqui
para te levar comigo...comigo

um cavaleiro errante sempre quer
conquistar uma mulher
um amor proibido
mesmo que seja impossível

eu não sei viver um só minuto
sem estar apaixonado

entre no meu mundo
 fique do meu lado
 eu não sei viver sem ter um sonho
 decidindo a minha sorte
 eu não tenho medo
 sou um Dom Quixote

eu vou além do que é real
 mesmo tudo bem, mesmo tudo mal
 boto as minhas mãos no fogo
 faz parte do jogo
 destruir barreiras
 arriscar nos sentimentos
 dominar os palcos
 e ser um artista da vida

nem todo os nossos olhos podem ver
 só o coração pode entender
 os nossos desejos...desejos
 o que vale a vida sem prazer?
 é dormir e não sonhar
 é olhar em frente e ver só moinhos de vento

Fonte: <<https://www.ouvirmusica.com.br/biafra/1165299/>> Acesso em: 20 dez. 2020.

Dom Quixote – Engenheiros do Hawaii

Muito prazer, meu nome é otário
 Vindo de outros tempos, mas sempre no horário
 Peixe fora d'água, borboletas no aquário
 Muito prazer, meu nome é otário
 Na ponta dos cascos e fora do páreo
 Puro sangue, puxando carroça

Um prazer cada vez mais raro
 Aerodinâmica num tanque de guerra
 Vaidades que a terra um dia há de comer
 Às de Espadas fora do baralho
 Grandes negócios, pequeno empresário
 Muito prazer, me chamam de otário

Por amor às causas perdidas
 Tudo bem, até pode ser
 Que os dragões sejam moinhos de vento
 Tudo bem, seja o que for
 Seja por amor às causas perdidas

Por amor às causas perdidas
 Tudo bem, até pode ser
 Que os dragões sejam moinhos de vento
 Muito prazer, ao seu dispor
 Se for por amor às causas perdidas
 Por amor às causas perdidas

Fonte: <<https://www.ouvirmusica.com.br/engenheiros-do-hawaii/72889/>> Acesso em: 20 dez. 2020.

Dom Quixote – Maria Rita

Cavaleiro andante estrela marginal
 Sobre o Rocinante escravo de metal
 Um acorde rasga o céu
 Raio negro a cavalgar o som
 E cavalgar sozinho... e cavalgar
 Viverá pra sempre em nosso coração
 O moinho vento nova geração
 Um menino vai crescer
 Procurando em cada olhar o amor
 E caminhar, sozinho... e caminhar
 Tanta gente se esconde do sonho com medo de sofrer
 Tanta gente se esquece que é preciso viver
 Combater moinhos, caminhar entre o medo e o prazer
 Somos todos na vida, qualquer um de nós
 Vilões e heróis, vilões e heróis
 E seja onde for, qualquer lugar
 Levar a luz que te conduz
 Jamais abandonar o dom que te seduz
 E seja onde for, qualquer lugar
 Levar a luz que te conduz
 Jamais abandonar o dom que te seduz

Fonte: <<https://www.vagalume.com.br/maria-rita/dom-quixote.html>> Acesso em: 20 dez. 2020.

Dom Quixote – Os mutantes (1968)

A vida é um moinho
 É um sonho o caminho
 É do Sancho, o Quixote
 Chupando chiclete

O Sancho tem chance
 E a chance é o chicote
 É o vento e a morte
 Mascando o Quixote
 Chicote no Sancho
 Moinho sem vinho
 Não corra me puxe
 Meu vinho meu crush

Que triste caminho
 Sem Sancho ou Quixote
 Sua chance em chicote
 Sua vida na morte

Vem devagar
 Dia há de chegar
 E a vida há de parar
 Para o Sancho descer
 E os jornais todos a anunciar
 Dulcinéia que vai se casar

A vida é um moinho
 É um sonho o caminho
 É do Sancho, o Quixote
 Chupando chiclete
 O Sancho em chance
 E a chance é o chicote
 É o vento e a morte
 Mascando o Quixote
 Chicote no Sancho
 Moinho sem vinho
 Não corra me puxe
 Meu vinho meu crush
 Que triste caminho
 Sem Sancho ou Quixote
 Sua chance em chicote
 Sua vida na morte

Vê, vê que tudo mudou
 Vê, o comércio fechou
 Vê e o menino morreu
 Vê, vê que tudo passou
 E os jornais todos a anunciar
 Armadura e espada a rifar
 Dom Quixote cantar na TV
 Vai cantar pra subir
 Palmas para Dom Quixote
 Que ele merece!

Fonte: <<https://www.ouvirmusica.com.br/mutantes/90225/>> Acesso em: 20 dez. 2020.

FILMES OU TRAILERS:

Figura 13: O Homem Que Matou Dom Quixote



Trailer Legendado (aventura/comédia - 2019: 2h 13m). Diretor: Terry Gilliam –
 Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=BmSwriZF83Y>> Acesso em: 20 dez. 2020.

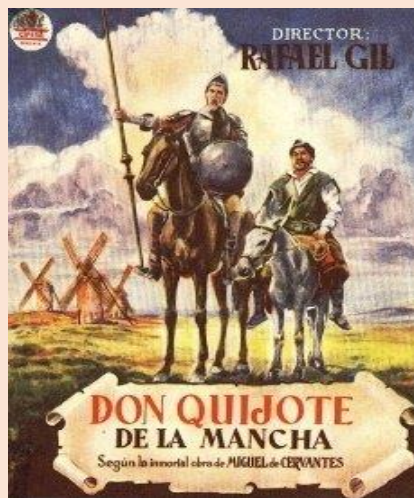
Figura 14: Don Quixote 2000



Diretor: Peter Yates legendado

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=y0WzbW1vEZ0>> Acesso em: 20 dez. 2020.

Figura 15: Don Quijote de la Mancha



Rafael Gil – 1947 – Espanhol – Drama/comédia

Fonte: <<https://www.filmesdetv.com/don-quijote-de-la-mancha.html>> Acesso em: 20 dez. 2020.

Figura 16: Donkey Xote



José Pozo – 2007 – Animação/comédia – Espanhol

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=IjRqU6GqCwI>> Acesso em: 20 dez. 2020.

Figura 17: Dom Quixote



1992 – Português lusitano – Orson Welles – Drama/comédia - *trailer*

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=5XDkloqGYiQ>> Acesso em: 20 dez. 2020.

PINTURAS:

Figura 18: Dom Quixote na sua biblioteca (1863): calcogravura – Gustave Doré



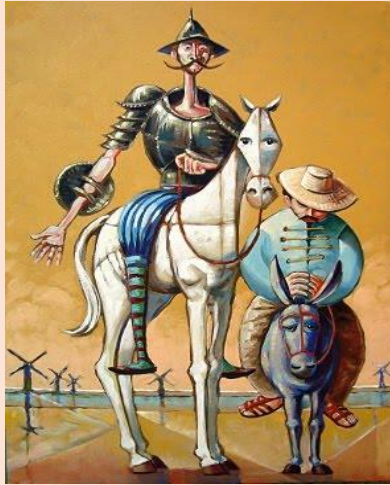
Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Dom_Quixote_\(Gustave_Dor%C3%A9\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dom_Quixote_(Gustave_Dor%C3%A9))> Acesso em: 20 Fev. 2021

Figura 19: Don Quixote (1955): esboço – Pablo Picasso



Fonte: <<https://www.pablopicasso.org/don-quixote.jsp> > Acesso: 20 fev. 2021.

Figura 20: Dom Quixote e Sancho Pança (2009): óleo sobre tela – Assis Costa



Fonte: <<http://antoniofabiano.blogspot.com/2011/02/dom-quixote-e-sancho-panca-2009-assis.html>>
Acesso em: 20 dez. 2020.

Figura 21: Representando Dom Quixote e Sancho Pança L. Baur – Óleo sobre tela



Fonte: <<https://www.pauloantiguidades.com.br/peca.asp?ID=3521564>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PARÓDIA:

Figura 22: Dom Quixote e Sancho Pança



Episódio de Chapolin – (1978) Dublado - www.forumch.com.br
Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=BVoykG0xzkU>>. Acesso em: 20 fev. 2021

ESCULTURA:

Figura 23: Dom Quixote – feito de lixo – Homenagem aos 400 anos da morte de Cervantes



Fonte: <<http://revistavitrineibiuna.com.br/?p=16255>> Acesso em: 20 dez. 2020.

Assim, o intervalo é mais um momento de aprendizagem constante, instigado por novos textos e de mesma temática ou novas adaptações e releituras. Os alunos perceberão que quanto mais eles forem lendo, mais se envolverão com os personagens e seus dramas, e eles próprios poderão se inspirar neste romance para criar suas aventuras, repensar suas amizades e recontar os fatos, cada um ao seu modo. A interação entre eles nos intervalos, será uma troca de saberes em que o letramento literário estará sendo construído.

5º momento: Leitura (intervalo 2) – Quantos Dons você descobriu?

Tempo aproximado: 2 h/a de 50 min.

Habilidade da BNCC (Brasil, 2018, p. 187):

(EF89LP32) “Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, *trailer* honesto, vídeos-minuto, *vidding*, dentre outros”.

Agora é o momento do último intervalo de leitura, e provavelmente muitos alunos já podem ter terminado toda a HQ. O ideal é que estejam pelo menos próximo de encerrar a última parte do livro. Não é obrigatório que isso aconteça, mas quanto antes melhor, para dá a continuidade que a sequência precisa. Pois, nesses espaços entre uma leitura e outra, os alunos vão adquirindo novas informações, conhecendo outras obras ou textos que se relacionam entre si e à HQ *Dom Quixote*.

Você, professor, pode criar um debate sobre a HQ, a partir de perguntas sobre os relacionamentos entre os personagens e os acontecimentos dentro da narrativa. Como exemplos, pode seguir o roteiro sugerido abaixo:

- Como começou a relação entre os personagens Dom Quixote e Sancho Pança?
- Quem era Sancho Pança?
- Por que ele aceitou seguir Dom Quixote?
- Como ele se comportava em relação às loucuras do cavaleiro?
- Qual o apelido que Sancho deu a Dom Quixote após muitos machucados?
- No final da história, como ficou a relação entre Sancho Pança e Dom Quixote?
- Você conhece alguma história de amizade como a desses dois personagens?

São somente alguns questionamentos, mas que desencadearão reflexões importantes para a criticidade dos alunos. Dessa forma, é provável que compreendam que esses personagens criaram, ao longo de suas jornadas aventureiras, uma força que só existe quando há amizade, respeito e lealdade. Afinal, Sancho se doou às loucuras de Dom Quixote, mas no final, foi lembrado por este. Dom Alonso Quixano, já consciente de suas faculdades mentais, recompensou o fiel escudeiro em seu testamento.

A literatura ensina e também fascina. E esses personagens fazem de *Dom Quixote* a grande dádiva de cativar e de surpreender. Seus leitores descobrem o universo das novelas de cavalaria, como a luta contra as injustiças e pela honra das donzelas em perigo. E para aprender mais sobre as peripécias desse nobre cavaleiro e de seu escudeiro fiel, apresentamos algumas propostas a seguir.

Professor, atenção!

Novamente, deixe o espaço físico organizado em círculo ou semicírculo, e conecte *notebook*, *Datashow*, caixas de som para as apresentações dos *slides* e do vídeo sobre as novelas de cavalaria.

Vamos assistir um vídeo?

Novelas de Cavalaria: lendas, guerras e bárbaros. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9BOSxhkTrxs>. Acesso em: 12 fev. 2021.

Os alunos vão identificar vários filmes que se enquadram como os apresentados no vídeo que facilitará bastante a compreensão do porquê das aventuras de Dom Quixote. Você também pode falar um pouco sobre os romances de cavalaria, a partir da indicação de texto do site da Wikipédia, que disponibilizamos nessa etapa.

Para enriquecer um pouco mais este momento, leia com eles em compartilhamento, a obra *Dom Quixote em Cordel*, de Olegário Alfredo. Uma adaptação feita em versos, e que narra de forma divertida as aventuras de Quixote e Sancho.

Através da leitura do cordel, veja o que eles perceberam de diferente entre o cordel e a HQ. De imediato eles irão perceber que a HQ tem ilustrações coloridas e a linguagem é escrita nos balões. O cordel é ilustrado em preto e branco em estilo de xilogravuras, e o texto feito em versos e estrofes. Em comum, ambas contam a mesma história.

Agora é hora de exibir em *Datashow* as adaptações que eles escolheram. Não se esqueça de complementar com outras que você acredita que são interessantes a nível de conhecimento. Enriquecer esse momento com outras artes é algo necessário para a aprendizagem do aluno.

Essa última apresentação pode gerar um grande debate. O melhor é que não se prolongue muito, mas que eles vejam o quanto a obra Dom Quixote inspirou outras criações: adaptações e releituras.

Abaixo, seguem alguns trechos do cordel de Olegário Alfredo. A leitura na íntegra, pode acontecer a partir da referência que se encontra no final desse fragmento. É necessário adquirir a obra, pois não encontramos nenhum link que a disponibilize em *PDF*.

DOM QUIXOTE EM CORDEL (2010)

Adaptado da obra de Miguel de Cervantes por Olegário Alfredo

Vou contar neste cordel
Com jeito bem brasileiro
A história de um fidalgo
E seu fiel escudeiro
Dom Quixote se chamou
Este nobre cavaleiro.

O andarilho Dom Quixote
Viveu em terras distantes
O seu gênio criador
Digo, foi Miguel de Cervantes
Dom Quixote pelo mundo
Está vivo nas estantes.

Lá pras bandas da Espanha
Onde nuvem se desmancha
Viveu um nobre fidalgo
Dotado de muita cancha
Conhecido pelo nome
Dom Quixote de la Mancha.

Gostava muito de ler
História de cavaleiro
Acabou se confundindo
Com um desse aventureiro
Saiu pelas redondezas
Em garbo de justiceiro.

De tanto que leu na vida
Acabou-se delirando
Via visagem todo dia
De monstro lhe visitando
Com sua espada veloz
Mil monstros ia matando.

[...]

Quixano já amadurecido
50 anos no cangote
Preferiu trocar de nome
E passar pra Dom Quixote
Por ser título de cavaleiro
Com cavalo de bom trote.

[...]

Era magro, muito comprido
E com gestos de altivez
Fugiu da realidade
Na vida pirou de vez
Talvez por sabedoria
Desta forma ele fez.

De tudo via na frente
Via bruxas e feiticeiros
Via duelo em combates
De andantes cavaleiros
Via reis enfeitizados
E dragões com escudeiros.

Via bichos por todos os lados
E inocentes por defender
Gigantes por derrubar
E justiça por fazer
Natureza por zelar
E donzelas a socorrer.

[...]

Dom Quixote em aventuras
Como andante cavaleiro
Precisava urgentemente
De um fiel escudeiro
Sancho Pança, seu vizinho
Foi o tiro mais certo.

[...]

Sancho Pança resolveu
Ser o fiel escudeiro
Largando tudo de vez
Foram ser aventureiros
Vivendo com Dom Quixote
As façanhas de cavaleiros.

[...]

Cavaleiro sem amada
É sofrer de dispneia
Recorrendo à memória
Foi lembrar de Dulcineia
Lá do tempo de menino
Uma pequena plebeia.

[...]

Também todas as vitórias
 Dedicava a Dulcineia
 Sua doce campesina
 Uma ninfeta europeia
 Todo tipo de batalha
 Transformava em epopeia.

[...]
 O pessoal de sua casa
 O barbeiro e o padrecão
 Vendo que o nosso Fidalgo
 Tinha pirado a peteca
 Queimaram todos os livros
 Lacraram a biblioteca.

Dom quixote imaginando
 Lá no fundo do terreiro
 Que a queima de seus livros
 Era obra de feiticeiro
 Resolve voltar à aventura
 Com Sancho, seu escudeiro.

Depois de muitas andanças
 Pelos distantes caminhos
 Avistaram bem ao longe
 Trinta ou quarenta moinhos
 Dom Quixote disse a Sancho:
 __Veja lá quantos monstros!

São dezenas de gigantes
 Que vem vindo nos matar
 Vamos logo combater
 A nenhum vamos poupar.
 __Não são gigantes Senhor
 São moinhos a girar.

[...]
 Os conselhos do escudeiro
 Quixote não quis ouvir
 Partiu contra os moinhos
 E bem longe foi cair
 Mesmo assim ficou pensando
 Em monstros a lhe trair.

[...]
 Dom quixote arrebatado
 Mas firme na postura
 Passa a ser o cavaleiro
 De nome Triste Figura,
 Alcuinha que recebeu
 De sua fiel criatura.

Dom Quixote de La Mancha
 Segue firme seu caminho
 Desejando combater

As injustiças sozinho
Nunca esquece Dulcineia
Nem na hora dos espinhos.

[...]

__ Voltou minha lucidez
Meu Deus oh quantas loucuras
Que aprontei por essa vida
Tudo em função das leituras
Só agora vejo as tolices
De viver em aventuras.

[...]

Tanto tempo viajando
Em devaneio de desengano
Só agora sei quem sou
Na lucidez desse plano
O meu nome de verdade
Se diz, Alonso Quixano.

[...]

Antes do derradeiro ai
Vem chegando o escrivão
Faz ali o testamento
Entre os entes da região
Sancho Pança e a governanta
E a sobrinha de coração.

[...]

Chega o fim do testamento
De quem a vida tanto amou
Definhando sobre a cama
O último suspiro suspirou
A vida presa em seu corpo
Naquela hora desligou.

Fonte: ALFREDO, Olegário. *Dom Quixote em Cordel*. Belo Horizonte: Crisálida, 2010. Coleção Cordel de Minas (fragmentos)

Abaixo indicamos um texto sobre romances de cavalaria, o qual se encontra disponível na internet.

Romance de cavalaria

Os **romances ou novelas de cavalaria** (designações modernas) ou ainda livros de cavalaria (designação antiga) são um género literário que se encontra, principalmente, em prosa (mas havendo também exemplares em verso), escritos na Época Medieval, com grande sucesso e popularidade na Espanha e, em menor medida, em Portugal, França e Península Itálica no séc XVI d.C.,

Eram histórias fantásticas que contavam as proezas e façanhas de um herói e a busca pelo seu amor. De carácter místico e simbólico, relatam aventuras penetradas de espiritualidade cristã e subordinam-se a um ideal místico, que sublima o amor profundo.

Eles surgem no final do séc. XV, sendo o último exemplar original (*Boecia Policisne*) publicado em 1602. Deixaram de estar na moda a partir de 1550, e Miguel de Cervantes, no séc XVII, decide satirizá-los ao escrever um dos maiores clássicos da literatura ocidental, Dom Quixote.

Hoje, a imagem que temos da Idade Média é bastante mais influenciada pelo romance de cavalaria do que por qualquer outro género literário medieval. Quando pensamos em Época Medieval vem-nos logo à cabeça a imagem dos cavaleiros, das donzelas em perigo, dos dragões e monstros e tudo isso se encontra nos romances de cavalaria.

Originalmente, os romances de cavalaria foram escritos em francês antigo, anglo-normando, occitano, franco-provençal e depois em português, castelhano, inglês, italiano (Poesia siciliana) e alemão. Durante o início do séc. XIII, as novelas de cavalaria foram cada vez mais escritas em prosa. Nos romances posteriores a esse século, particularmente os de origem francesa, há uma marcada tendência para enfatizar os temas do amor cortês, tais como os de fidelidade na adversidade.

Características

As principais características dos romances de cavalaria são:

- Relatavam, em sua maioria, **grandes aventuras e atos de coragem dos cavaleiros medievais;**

- No enredo destes romances, **os acontecimentos tinham mais importância do que os personagens;**

- Aventuras sem fim com várias possibilidades de continuação (**sequências**);

- Amor idealizado do cavaleiro pela dama que amava (**amor cortês**). **Este amor, quase sempre, era impossível.** As histórias costumavam terminar de forma trágica, sem o final feliz;

- **Provação da honra, lealdade e coragem do cavaleiro em várias situações** como, por exemplo, batalhas, aventuras, torneios e lutas contra monstros imaginários;

- Alguns **temas ligados às batalhas entre cristãos e muçulmanos durante as Cruzadas Medievais;**

- As novelas de cavalaria foram **marcadas fortemente pela tradição oral;**

- **Glorificação da violência** na Idade Média;

- **Referências a períodos históricos e míticos do passado;**

- Eram **narradas em capítulos;**

- Uso de **locais geográficos irreais** (falsos) imaginários como, por exemplos, terras fantásticas e míticas;

- Apresentação de **códigos de conduta próprios dos cavaleiros medievais.**

Matérias ou ciclos

Segundo vários eruditos, os romances de cavalaria podem ser divididos, no mínimo, em três grupos:

- Matéria de Roma (Passam-se na Grécia e na Roma Antiga e falam dos Troianos, de Eneias e de Alexandre Magno);

- Matéria da Bretanha (Passam-se na Grã-Bretanha e falam, principalmente, do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda);

- Matéria da França (Passam-se na França e falam, principalmente de Carlos Magno).

[...]

Matéria de França

A Matéria de França, também conhecida como *Ciclo Carolíngio* é um corpo de história lendária que surge nas *canções de gesta* da literatura medieval, escrita em Francês antigo, versando sobre as aventuras de Carlos Magno e Os Doze Pares da França.

Os seus contos foram desenvolvidos originalmente nestes épicos, mas as histórias que narram sobreviveram aos épicos medievais propriamente ditos, indo alimentar até mesmo a literatura de cordel do Nordeste do Brasil, é o caso de “A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás” de Leandro Gomes de Barros.

Alguns exemplos são:

- *O Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*

- *Amadis de Gaula*

- *Las sergas de Esplandián*

- *Palmerín de Oliva*

- *Primaleón*

- *Floriseo*
- *Palmeirim de Inglaterra*
- *Romance de Alexandre*
- Romance de Rosa
- La Queste del Saint Graal
- Perceforest
- Sir Gaiwan and the Green Knight
- Guillaume de Palerme

Referências:

A batalha de Oliveiros com Ferrabrás: cordel clássico em quadrinhos

Luzdalva S. Magi (2014). «Das cantigas trovadorescas ao cordel». Editora Escala. *Conhecimento Prático Literatura* (54): 44-49. ISSN 1984-3674

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Romance_de_cavalaria¹¹. (Adaptado) Acesso em: 14 fev. 2021.

Neste último intervalo da leitura os alunos descobrirão um vasto número de adaptações e em variadas artes. Um momento de pesquisa em que aprenderão muito um com outro. Essa interação é um tempo necessário para o letramento literário extravasar, e *Dom Quixote* adentrar na sala de aula com todos os méritos que esta obra alcançou ao longo dos seus mais de 400 anos de criação. Muita história para contar e muitas artes inspiradas em várias gerações de *Quixotes*. Cervantes jamais imaginaria que *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha* seria inspiração para tantos criadores pelo mundo.

6º momento: Interpretação) – O que você aprendeu? Vamos reproduzir?

Tempo aproximado: 3 h/a de 50 min.

Habilidades da BNCC (2018, p. 187):

“(EF89LP35) Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa.

(EF89LP36) Parodiar poemas conhecidos da literatura e criar textos em versos (como poemas concretos, ciberpoemas, haicais, liras, microrroteiros, lambe-lambes e outros tipos de poemas), explorando o uso de recursos sonoros e semânticos (como figuras de linguagem e jogos de palavras) e visuais (como relações entre imagem e texto verbal e distribuição da mancha gráfica), de forma a propiciar diferentes efeitos de sentido.

(EF09LP04) Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período”.

¹¹ A escolha desse site se deu pela facilidade em acessá-lo, por sua credibilidade e preocupação em colocar as referências. O professor encontrará à sua disposição textos de fontes confiáveis. Entretanto, a wikipedia não é a única fonte de informação. Muitas outras opções de sites seguros podem ser exploradas na internet.

Nossa SB foi iniciada com a etapa da motivação, em que instigamos os alunos sobre Quadrinhos, suas características e especificidades. Em seguida, na introdução apreciamos a obra e o autor originais, e também a HQ e seu roteirista. Iniciamos e nos deleitamos com a leitura do clássico *Dom Quixote* em HQ, e nos intervalos, pudemos desfrutar de adaptações dessa obra tão fascinante.

Chegamos ao último momento, aquele em que as ações dos alunos demonstram seus olhares sobre o que leram: a interpretação. Individual, por um lado, pois cada um constrói mentalmente sua síntese sobre a obra, e coletiva, pelo compartilhamento dos vários significados trilhados pela turma de leitores jovens durante o percurso dessa SB. E agora é hora de criar e registrar a partir do que a leitura da HQ *Dom Quixote* construiu de letramento literário aos alunos do 9º ano da educação básica. Porque, como diz Cosson (2019a, p. 65): “A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social”.

Podemos chamar esse momento de *ExpoDom: Quixote por vários olhares*, pois a interpretação dos alunos estará presente em todas as atividades efetuadas nessa etapa, e nas produções criadas. As atividades devem ser feitas em grupo, e cada grupo deve tentar fazer pelo menos duas criações do que lhe foi proposto. Importante frisar que as particularidades dos alunos precisam ser respeitadas, pois aquele que não leva nenhum jeito para desenhar pode ser ótimo na pintura, ou na escrita de poemas. Portanto, nas escolhas dos grupos, as habilidades de cada um devem ser aproveitadas.

O professor tem autonomia para escolher, pelo número de alunos da turma, quantos grupos deseja, e quais atividades lhe interessam ou se adequam à sua realidade. Aqui, dividimos as atividades em seis grupos de cinco, pensando em uma sala de 30 alunos. O ideal é fazer essa atividade em um espaço amplo, como a quadra de esportes escolar. Caso, não disponha, procure outro espaço que se ajuste ao momento pretendido, e em último caso, a sala de aula.

Ressalta-se que os alunos devem estar com a HQ, pois ela dará um norte para a criatividade nas atividades propostas. E disponibilize para os grupos todos os recursos materiais necessários: papel sulfite, papel couché ou papel 40 (para cartões), cartolinas, lápis de cor, canetas hidrográficas, gizes de cera, lápis grafite e borracha. Alguns alunos precisarão de computador já no momento de criação inicial, portanto, o professor deve solicitar o laboratório de informática, antecipadamente, além de organizar o espaço coletivo, para que todos possam usufruir dos materiais que necessitam para suas produções.

A divulgação da obra é algo fundamental para envolver novos leitores, e o **grupo 1** ficará responsável para criar cartões de visitas cujo intuito é propagar a leitura da HQ para todos

os integrantes da escola. Informações curtas são mais aconselháveis para a divulgação da obra, e devem sintetizar o conteúdo mais significativo e chamativo para os jovens. Lembrando: o objetivo maior é que a HQ seja lida por outros alunos, que se sintam interessados, convidados a entrar no universo de *Dom Quixote*.

Para isso, precisarão de computador com *internet* para selecionarem imagens da obra, que sejam pequenas, diferentes e sirvam de plano de fundo. As sínteses devem ter pelo menos três modelos distintos, conter ideias organizadas, e bastante curtas. Depois da correção das sínteses, pelo professor, os cartões serão montados no Word e impressos com papel 40, do tamanho de um cartão de crédito, e deverão ser recortados e entregues aos alunos, preferencialmente, de 7º e 8º ano.

O **grupo 2** se encarregará da criação de poemas em homenagem a *Dom Quixote* e Cervantes, enaltecendo a escritura da obra, que serviu de inspiração para tantos autores e artistas e em várias gerações, sem esquecer de contemplar a HQ com todas as suas cores e imagens e seu roteirista e ilustrador Bira Dantas, cuja obra fará parte do acervo da escola, a partir de então. O cordel de Olegário Alfredo pode ser um bom exemplo para guiá-los, mas os poemas não precisam ser tão longos. O grupo precisará fazer pelo menos dois poemas, com dez estrofes de quatro versos: um para cada obra e autor. A original e a HQ.

Após a criação dos poemas, o professor fará as devidas correções, para que, posteriormente, sejam digitados, impressos e expostos no mural da escola e da biblioteca, em folhas de papel sulfite coloridas. Pois, não há sentido em criar algo tão significativo para que ninguém aprecie depois. Mostrar as habilidades dos alunos também é uma ferramenta interessante de divulgar quantas possibilidades de letramento literário uma leitura pode proporcionar-los.

Para o **grupo 3** ficou a responsabilidade de criar, com muita arte e imaginação, charges e tirinhas em que Dom Quixote é um herói em defesa dos mais fracos, no momento atual. Inicialmente, precisam criar as situações, pensar nas personagens e falas. Não é necessário que se faça desenhos, pois para isso, os alunos usarão os computadores com internet do laboratório de informática. Há muitos sites em que o aluno pode criar seus desenhos, fazer suas montagens, liberar sua imaginação e criatividade. Professor, a partir desses links sugeridos a seguir <https://www.deusnogibi.com.br/crie-sua-hq/> e <https://porvir.org/7-ferramentas-para-criar-historias-em-quadrinhos-os-alunos/>, você encontrará várias sugestões para esse propósito, e uma pode se encaixar com as necessidades da sua turma.

Se a escola não usufruir de laboratório de informática com internet, então os alunos devem desenhar as tirinhas e charges em folhas de papel sulfite branco, usando a largura e

comprimento da folha, colori-las com canetas hidrográficas, lápis de cor, gizes de cera, e colar em cartolina. O segredo é adequar o máximo possível ao que gostariam que fosse sua arte digital. Depois de pelo menos duas tirinhas e duas charges prontas, seria interessante copiar e expor pela escola, especialmente na biblioteca. Essas artes não devem ser feitas para enfeitar arquivos mortos e gavetas fechadas.

Ao **grupo 4** caberá mais uma atividade que a juventude valoriza, e que tem bastante contato, a partir das redes sociais: a criação de memes. A notoriedade dos memes será a sensatez de Sancho Pança *versus* as loucuras de Dom Quixote, que se contradizem, num misto de veracidade e ilusão. Caso haja computadores com internet disponíveis, essa atividade deve ser feita em sites apropriados para isso, com as frases pensadas pelos alunos, baseadas em suas leituras. Vários memes poderão ser criados, salvos, impressos colorido e colados nos corredores da escola. Importante aproveitar todo o talento dos alunos. O site <https://www.techtudo.com.br/listas/2019/08/criador-de-memes-6-sites-para-editar-fotos-sem-instalar-nada-no-pc.ghhtml> dá sugestões para que sua turma encontre a melhor opção de trabalhar com estilo próprio. Geralmente, muitos deles já conhecem sites gratuitos para gerar memes.

Sem a disponibilidade de computadores e/ou internet o professor pode deixar que os alunos criem as ideias das frases, mas deverá trazer as imagens impressas em papel sulfite A4, ou em folhas de papel 40. Depois das frases feitas pelos alunos e corrigidas pelo professor, é preciso digitá-las e imprimir-las em folhas brancas, recortá-las e colá-las nas imagens coloridas. Tudo feito, selecionar espaços pela escola e espalhá-las.

Para o **grupo 5** atribuímos a incumbência de selecionar, dentre as muitas falas na HQ, algumas que podem ser coladas nos corredores próximos à biblioteca. Devem ser corrigidas, digitadas, impressas em papéis coloridos, recortadas como balões de HQ, coladas em cartolina branca. A imagem da capa da HQ, também, deve ser impressa e colada próxima a esses balões. É bom que o grupo analise quais as falas mais interessantes, ou até mesmo, que definem a essência da obra.

O **grupo 6** fará um painel sobre a obra Dom Quixote e para isso, precisará de computador com internet, para pesquisar curiosidades, adaptações e releituras, em vários campos das artes. Inclusive, algumas dessas pesquisas foram feitas por eles em um dos intervalos de leitura, e é possível que possam aproveitar músicas, imagens de capas de filmes, de livros e de HQs, fotos de esculturas, quadros de artistas famosos ou não, poemas, dentre outras criações. Também é interessante fotos de Miguel de Cervantes, e de Bira Dantas com a HQ, lembrando de também acrescentar sobre o falsificador da versão *O Apócrifo de Dom*

Quixote (1614). Colar tudo em cartolinas e expor em um mural na biblioteca. Essas são algumas dicas e curiosidades necessárias para lembrar que a obra espanhola *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, é uma literatura de mais de 400 anos, lida mundialmente e que inspira artistas de todas as gerações.

Professor, atenção!

Lembre-se: essa atividade requer muito planejamento para sua execução, e é importante que essa exposição de criatividade não se limite apenas à escola. Portanto, use as redes sociais para divulgar todo o trabalho da turma.

Fotografe todos os momentos da SB, principalmente os de interação nos grupos.

Digitalize o que for possível e extravase com sua turma: usem *blogs, facebook, Instagram, WhatsApp*, e façam suas criações serem visualizadas e apreciadas pela comunidade. Ultrapassem os limites da escola.

Bom trabalho!

Se o professor achar conveniente, ele também pode acrescentar às atividades em grupo, uma criação individual sobre a obra. No caso, pode propor uma produção textual, como um conto curto, em que o aluno recontar a história que leu na HQ. É importante limitar o texto, para que os alunos escrevam entre 20 e 30 linhas, e de 4 a 5 parágrafos. Lembrando: isso é uma sugestão, caso o docente opte por fazer também uma avaliação individual da interpretação dos alunos sobre a obra lida.

Salientamos que numa sequência básica como esta, muitas ideias são possíveis e exequíveis. A partir de muitas leituras, pesquisas e comprometimento, sua pretensão é consolidar o letramento literário, criando jovens autônomos, detentores do poder de converter o seu mundo em um lugar mais humano. Portanto, quanto mais experiências de leitura forem propostas nas escolas, mais leitores eficientes teremos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos iniciando a terceira década do Século XXI, em que o uso das tecnologias digitais na educação está no ápice. Mas a preocupação de formarmos nas escolas, alunos leitores, continua tão preocupante quanto no século passado. Leitura e escrita devem ser pensadas como algo essencialmente importante ao convívio social, e a escola, o espaço propício para que ambas aconteçam. E para tal, nossas escolas são obrigadas a adequar-se às necessidades do leitor do novo tempo, pois o que todo país carece é de cidadãos letrados.

Para essa adequação ao momento de uso das tecnologias digitais, sugerimos uma sequência didática como proposta de intervenção, neste caso, uma sequência básica, objetivando o letramento literário pautado à realidade dos alunos, principalmente, quanto ao uso de gêneros literários e gêneros multimodais. Pois acreditamos que um trabalho com as HQs literárias pode suprir muitas carências leitoras em sala de aula, e o letramento literário pode acontecer como parte fundamental do processo escolar.

Sobre letramento literário, Cosson (2019a) foi nossa base principal em situar a literatura como transformadora do ser social, como algo que está além do nosso tempo, que transborda o momento e se eleva por séculos. O lugar da literatura é na sala de aula, onde o conhecimento e a aprendizagem são elementos essenciais para os valores sociais e humanos. Porque ela é tão importante quanto a educação, e as duas são fundamentais para o crescimento individual e vital em sociedade. Sob essa ótica, a literatura e a educação são libertadoras.

A literatura no seio escolar é a grande fomentadora do letramento literário, ao permitir na sala de aula, leituras implicadas à vida dos alunos, para que possam refletir o passado, questionar suas realidades, pressentir sobre acontecimentos futuros, sonhar com possibilidades de mudanças. Libertar-se das agruras da vida. Os textos literários dão ao leitor encorajamento para querer viver em um mundo melhor, porque a literatura tem um poder inimaginável.

Diante disso, acreditamos que o professor de língua materna precisa pensar seu trabalho pedagógico com intuito de que o letramento literário seja o foco principal. Suas leituras devem ensejar outras leituras, seus textos devem contemplar outros textos, e as linguagens abordar outras linguagens. Porque ler é uma atividade individual e social ao mesmo tempo, em que o leitor apreende algo para si, e muito para a sociedade, já que as leituras trazem consigo uma história, uma época, um olhar, uma concepção de sociedade.

Assim, pensar em obras literárias que se aproximem com o mundo real dos alunos é possível ser uma boa maneira de engajá-los na leitura. É mais provável que se interessem por aquilo que encontram significados na prática. E o cotidiano deles, pode ser o primeiro ponto de

partida na escolha do que levar para ser lido em sala de aula. Porém, conhecer os cânones da literatura também é necessário, já que muitos dos alunos só têm acesso a livros na escola. Incentivá-los a ler, mesmo que sejam adaptações, é provável ser um dos poucos jeitos de conhecer, já que talvez não seja possível em outro momento.

Os cânones literários têm muito a nos dizer sobre o passado, sobre as transformações no mundo, sobre a história da evolução das sociedades, sobre as guerras de poder que destruíram sonhos e nações, sobre homens que se sacrificaram, sobre o que foi, sobre o que é hoje, no presente. A leitura dos clássicos da literatura significa conhecimento de mundo, de história de vidas, memórias que ficaram eternizadas, atemporais.

E pretender leitores eficientes, enquanto educador, é pensar em formar a consciência crítica dos alunos, para que o letramento literário aconteça também fora da escola. Se a leitura dos jovens é mais concentrada naquilo que é transmitido através das redes sociais, então é relevante trazê-la para a sala de aula, transformá-la em conhecimento conjunto. Fazer dessa leitura um meio de aquisição de aprendizagem é parte da cultura letrada.

As HQs também são importantes aliadas do professor para o letramento literário. Por isso, reforçamos: ler *Dom Quixote* em HQ é ter um momento de realidade e fantasia, um mistério de loucura e imaginação, onde os alunos encontrarão, aventuras, alegrias e tristezas, além de muito conhecimento, somados ao colorido das imagens, às expressões, onomatopéias, e tantas outras configurações que só os quadrinhos dispõem. Afinal, é um jeito inovador de olhar os textos literários e de os alunos terem acesso a uma obra tão importante na literatura universal.

Para concretizar esse trabalho, muitas pesquisas foram feitas a fim de solucionar o problema da formação leitora dos alunos em sala de aula. Consequentemente, a escola, enquanto locus principal da leitura literária, precisa impulsionar o letramento literário com estratégias de leitura dinâmicas e que fortaleçam o trabalho pedagógico do professor do ensino básico, e que harmonizem com o cotidiano dos educandos.

Assim, teorias como a de alfabetização e letramento foram necessárias para a assimilação sobre o uso social da leitura e da escrita enquanto práticas essenciais para melhorar a vida em sociedade. Soares (2003), Batista et al (2008) e Zilberman (2009) deram contribuições importantes para a realização de parte do capítulo teórico, bem como Cosson (2019a) e Paulino & Cosson (2009), quando refletem o porquê da relevância da literatura na escola, enfatizando-a como uma aliada ao conhecimento, e, portanto, à aprendizagem do aluno.

Tendo como objetivo contribuir para a melhoria das ações didáticas do professor de Língua Portuguesa, os PCN (1997; 1998) sugerem que as práticas com os gêneros textuais sejam efetivadas em sala de aula, e a BNCC (2018) acrescenta a isso, o uso dos gêneros digitais,

como parte daquilo que é essencial às mudanças da educação do novo milênio. Dessa feita, o trabalho com HQ, memes, uso das redes sociais, não é mais algo distante da real situação da sala de aula. E a SB proposta aqui, comprova que muitas oportunidades de uso de gêneros são executáveis, e que, portanto, pode ser uma prática exitosa.

Vergueiro (2018), Pina (2014) e Pirota (2014) foram autores fundamentais para a construção do nosso trabalho, ao defenderem que a leitura de HQ em sala de aula tem a capacidade de ser tão prazerosa e rica de conhecimentos quanto qualquer outro livro. Por isso, nossa SB confirma que uma HQ literária tem muito a contribuir aos alunos. Um clássico nunca deixará de ser um cânone. Sua adaptação é apenas uma interpretação mais adequada para a leitura que se deseja compreendida pelos mais jovens.

Admite-se que ler obras da literatura na escola é o que todo professor almeja para seus alunos, como cerne de uma atividade prazerosa. E no contato com a literatura universal o jovem é desafiado a vivenciar um tempo que não é o seu, uma história que não lhe pertence. É confrontado pelo texto e o autor a descobrir quão significativo é o passado para o presente. Dessa forma, o ProfLetras – Programa do Mestrado Profissional em Letras contribui, positivamente, para o aperfeiçoamento contínuo de muitos professores de língua materna, favorecendo suas habilidades e práticas pedagógicas com alunos de escolas públicas do ensino fundamental por todo o país.

Como intermediário dos jovens leitores, o professor pode encontrar nesta dissertação uma SB norteadora para as suas aulas de leitura, mesmo que não seja com HQ. Pois dessa SB, outras podem ser geradas, e outros gêneros podem ser incluídos. Importante mesmo, é adequar ao seu propósito e a quem se destina, para que as escolas desfrutem de mais leitores habilidosos e o letramento literário se concretize.

REFERÊNCIAS

ALFREDO, O. *Dom Quixote em Cordel*. Adaptado da obra de Miguel de Cervantes. Ilustrações: Milton Fernandes. Belo Horizonte: Crisálida, 2010. (Coleção Cordel de Minas)

ANTUNES, I. C. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. In: *Perspectiva*, v.20, n.01, Florianópolis, jan/jun. 2002, p.65-76.

ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Série Estratégias de ensino 10)

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Ática, 2003.

BARI, V. A. *O potencial das Histórias em Quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiros e europeu*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – ECA/USP, 2008.

BATISTA, A. A. G. et al. Capacidades linguísticas: alfabetização e letramento. In: *Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem*. Brasília: MEC/SEB/UFMG, 2008. fasc. 1.

BORGES, R. F. Literatura em quadrinhos. In: NETTO, Raymundo; VERGUEIRO, Waldomiro (Coord.). *Curso Quadrinhos em sala de aula: Estratégias, Instrumentos e Aplicações*. Ilustrado por Cristiano Lopez. Fortaleza: FDR, 2018. (p.161 a 176).

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, v.2, 1997.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, v.2, 1998.

_____. Secretaria de Alfabetização. *PNA – Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC, SEALF, 2019.

_____. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC; CONSED; UNDIME, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CADERMATORI, L.; MACIEL, I. M.; PAIVA, J. *Literatura para todos: conversa com educadores*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CAGNIN, A. L. *Os quadrinhos - um estudo abrangente da arte sequencial: linguagem e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2014.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed., corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; DUARTE, M. da C. *Artigo de opinião: sequência didática funcionalista*. São Paulo: Parábola, 2018.

CAVALCANTE, L. A. de O.; CEDRO, W. L. Uma análise lógico-histórica da relação entre as histórias em quadrinhos e a educação. In: PEREIRA, Ana Carolina Costa; ALCÂNTARA, Cláudia Sales de. *História em quadrinhos: interdisciplinaridade e educação*. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

CAVALCANTI, J. *Leitura: o despertar da Cidadania*. 1ª ed. – Recife, UNESCO, 2002a.

_____. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação*. São Paulo: Paulus, 2002b.

CERVANTES SAAVEDRA, M. de. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha – Primeiro livro*. 6. ed. (bilíngue) São Paulo: Editora 34, 2016.

CERVANTES SAAVEDRA, M. de. *O engenhoso cavaleiro Dom Quixote de La Mancha – Segundo livro*. 6. ed. (bilíngue) São Paulo: Editora 34, 2016.

CIRNE, M. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

COSTA, M. Marta. da. *Literatura Infantil*. [S. l.: s. n.], 2008. (e-book).

COSTA VAL, M. da G. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. (Orgs.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Salto para o Futuro/TV Escola/SEED/MEC, 2006.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Editora contexto, 2019a.

_____. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Editora contexto, 2019b.

_____. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca;

COSSON, Rildo (Coord.): *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v.20).

COSSON, R.; SOUZA, R. J. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. *Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40149/1/Caderno_Formacao_bloco_2_vol2.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

DANTAS, B. *Dom Quixote*. Adaptação da obra de Miguel de Cervantes. São Paulo: Escala Educacional, 2008. (Coleção literatura mundial em quadrinhos).

DELL'ISOLA, R. L. P. Retextualização de gêneros escritos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIONÍSIO, Â. P.; VASCONCELOS, L. J. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo: Parábola editorial, 2013.

- FAILLA, Z. Retratos: leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro. In: FAILLA, Zoara. (Org.). In: *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FRADE, I. C. A. Formas de organização do trabalho de alfabetização e letramento. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. (Orgs.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Salto para o Futuro/TV Escola/SEED/MEC, 2006.
- GOULART, C. M. A. Oralidade, escrita e letramento. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. (Orgs.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Salto para o Futuro/TV Escola/SEED/MEC, 2006.
- GOUVEIA, B; ORENSZTEJN, M. Alfabetizar em contextos de letramento. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. (Orgs.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Salto para o Futuro/TV Escola/SEED/MEC, 2006.
- KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Fundamentos)
- KLEIMAN, A. B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* Campinas: CEFIEL/IEL/UNICAMP, 2005. (Coleção Linguagem e Letramento em foco).
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- LUYTEN, S. M. B. (Org.). *Histórias em quadrinhos: leitura crítica*: São Paulo, SEPAC-EP/Edições Paulinas, 1985.
- MACHADO, A. M. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MACHADO, M. Z. V.; CORRÊA, H. T. Literatura no ensino fundamental: uma formação para o estético. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. (Coord.). *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o ensino, v.19.)
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos)
- McCLOUD, S. *Desenhando quadrinhos*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2008.
- MORTATTI, M. do R. L. *Educação e letramento*. São Paulo: UNESP, 2004. (Coleção Paradidáticos; Série Educação).
- NOGUEIRA, N. A. S. *As histórias em quadrinhos e a escola: práticas que ultrapassam fronteiras*. Leopoldina – MG: Aspas, 2017.
- NORONHA, T. *Dom Quixote no Brasil*. Ilustrações: Sandra Aymone. São Paulo: Edições Loyola, 1989. (Coleção Via Láctea)

OLIVEIRA, A. A. de. O professor como mediador das leituras literárias. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.): *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v.20)

OLIVEIRA, C. Quadrinhos, literatura e o jogo intertextual. In: RAMOS, P.; VERGUEIRO, W.; FIGUEIRA, D. *Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis*. São Paulo: Criativo, 2014.

OLIVEIRA, M. M. de. *Sequência didática interativa no processo de formação de professores*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

PAULINO, G. Algumas especificidades da leitura literária. In: PAIVA, A. et al. (orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Orgs.) *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. (Coleção Leitura e Formação)

PINA, P. K. da C. A literatura em quadrinhos e a formação do leitor hoje. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego. (Orgs.) *Quadrinhos e literatura: Diálogos possíveis*. São Paulo: Criativo, 2014.

PIROTA, P. Palimpsestos Machadianos: adaptações para o quadrinho da obra O alienista. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego. (Orgs.) *Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis*. São Paulo: Criativo, 2014.

PITOMBO, H. Literatura e quadrinhos: uma relação onde não existe crise. In: *Discutindo Literatura*. Especial Quadrinhos. São Paulo: Escala Educacional, n. 5, 2008, p.7-11.

RAMA, Â.; VERGUEIRO, W. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018. (Col. como usar na sala de aula)

RAMOS, F. B.; FEBA, B. L. T. Leitura de história em quadrinhos na sala de aula. In: SOUZA, Renata Junqueira; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. (Organizadoras.). *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2011.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. 2. ed. 4ª reimp. São Paulo: Contexto, 2016. (Col. linguagem & ensino)

ROJO, R. Letramento e diversidade textual. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. (Orgs.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Salto para o Futuro/TV Escola/SEED/MEC, 2006.

_____. *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, W. A. *Literatura e história em quadrinhos (HQ) na educação básica*. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

SILVA, E. *Gêneros e práticas de Letramento no Ensino Fundamental*. 2007. 258f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Departamento de linguística, português e línguas clássicas. Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A.A.M. et al. (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006b.

SOARES, M. B.; BATISTA, A. A. G. *Alfabetização e letramento: caderno do professor*. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG/MEC, 2005. (Coleção Alfabetização e Letramento)

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Tradução: Claudia Schilling; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: _____. *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018. (Col. como usar na sala de aula)

_____. As HQs e a escola. In: NETTO, Raymundo; VERGUEIRO, Waldomiro (Coord.). Ilustrado por Cristiano Lopez. *Curso Quadrinhos em sala de aula: Estratégias, Instrumentos e Aplicações*. Fortaleza: FDR, 2018b. (p.01 a 16).

VIEIRA, M. A. Cervantes: *Dom Quixote e Sancho Pança* – Fragmentos de uma aprendizagem deleitosa. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 28, p. 10-26, 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/152426>>. Acesso em: 06/05/2020.

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K. (org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. (Coleção Leitura e Formação)

_____. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: Ibipex, 2010.